

Aula 00

*Geografia Geral do Brasil e de Alagoas p/
AGEPEN-AL (Agente Penitenciário) Com
Videoaulas - 2020*

Autor:
Sergio Henrique

05 de Abril de 2020

SUMÁRIO

00. Bate Papo Inicial	3
1. História do Pensamento Geográfico.....	4
2. Introdução à Sistematização da Geografia	5
2.1. A Sistematização da Geografia Enquanto Ciência	5
2.2. Immanuel Kant	7
2.3. Alexander Von Humboldt	7
2.4. Carl Ritter	7
2.5. Princípios do Método Geográfico.....	8
2.6. A Matriz do Pensamento Geográfico: o Positivismo.....	8
3. Introdução Geografia Determinista.....	9
3.1. Friedrich Ratzel.....	9
4. Introdução Geografia Possibilista.....	10
4.1. Vidal de La Blache	10
4.2. Elisée Reclus	10
5. Metodologia do Ensino de Geografia	11
5.1. Principais Métodos de Trabalho no Ensino de Geografia em Sala de Aula	12
5.2. O Meio Urbano.....	12
5.3. A Geografia nos Anos Finais do Ensino Fundamental.....	13
5.4. Objetivos da Disciplina de Geografia	14
6. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental	16
6.1. Histórico	16
6.2. Fundamentos.....	16
6.2.1. O direito à educação como fundamento maior destas Diretrizes.....	16
6.2.2. A oferta de uma educação com qualidade social.....	17
6.2.3. Princípios norteadores.....	18
6.3. Trajetória do Ensino Fundamental Obrigatório no País	18
6.3.1. Matrícula no Ensino Fundamental de 9 (nove) anos e carga horária.....	19
6.4. A População Escolar	20
6.4.1. As múltiplas infâncias e adolescências	20
6.4.2. A ampliação dos objetivos da escola em face do seu alunado.....	21



6.5. O Currículo	22
6.5.1. A Base Nacional Comum e a parte diversificada: complementaridade	22
6.5.2. A reinvenção do conhecimento e a apropriação da cultura pelos alunos	25
6.6. O Projeto Político-Pedagógico	25
6.6.1. A gestão democrática e participativa como garantia do direito à educação	25
6.6.2. Relevância dos conteúdos, integração e abordagens do currículo	26
6.6.3. As articulações do Ensino Fundamental e a continuidade da trajetória escolar dos alunos	26
6.6.4. A entrada de crianças de 6 (seis) anos no Ensino Fundamental	27
6.6.5. A avaliação.....	28
6.6.6. Educação em tempo integral.....	29
6.7. Educação do Campo, Educação Escolar Indígena e Educação Escolar Quilombola	30
6.8. Educação Especial	31
6.8.1. Educação de Jovens e Adultos.....	31
7. Exercícios	32
8. Considerações Finais	92



00. BATE PAPO INICIAL

Olá amigo concurseiro. É com muita alegria que o recebo novamente. Estudar as aulas anteriores é fundamental para que você possa compreender muitas das coisas que vamos tratar aqui. Leia com atenção seu texto de apoio, releia e pratique exercícios. Aos poucos o conteúdo básico vai ficar retido na sua memória. Claro que para isso é muito importante você fazer suas próprias anotações, ou em forma de resumo ou anotações nos exercícios, não importa, você escolhe. O importante é estudarmos bastante e nos concentrarmos nos estudos. Estimule sua disciplina e procure motivação pensando em seus sonhos. Bons estudos.



1. HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO.

A geografia é uma disciplina que no decorrer da história teve diversas definições.

Já foi conceituada de diversas formas.

- ✓ O estudo da superfície terrestre.
- ✓ O estudo da paisagem.
- ✓ O estudo da individualidade do lugar.
- ✓ O estudo do espaço.

A primeira é uma definição muito simplista, a segunda se restringe a elementos naturais. A individualidade dos lugares também é restrita. O conceito de espaço na geografia é bastante debatido, o que dificulta a precisão conceitual. Atualmente a melhor definição que temos para a Geografia é:



O estudo das relações entre o homem e o meio.

Ou seja, as relações da sociedade com a natureza. Nesta definição, mais ampla, envolve a interconexão entre elementos naturais e humanos.

Desde a pré-história o homem procura desenvolver o conhecimento geográfico. É o período da revolução agrícola, desenvolvimento de técnicas de dominação do espaço através do plantio e criação de animais. Para o controle da agricultura, a observação dos ciclos da natureza permitiu ao homem na antiguidade desenvolver calendários e grandes obras de engenharia para o controle do meio.



Na antiguidade clássica, ou seja, em Grécia e Roma, o pensamento geográfico teve um profundo avanço, inclusive com o desenvolvimento de teorias sobre o planeta e o espaço sideral. Surge a teoria ptolomaica geocêntrica. Descreviam todo o território por onde navegavam, e esta atividade deu um grande impulso, pois os registros geográficos serão cada vez maiores.

No período medieval temos um período de estagnação no pensamento científico. A Igreja Católica defendia a teoria geocêntrica de Ptolomeu. Na idade moderna, após as grandes navegações, ocorreu um grande impulso ao conhecimento, pois o mapeamento de novas áreas descobertas foi muito importante. A cartografia teve seu maior impulso e desenvolveu-se tecnicamente a partir daí.

2. INTRODUÇÃO À SISTEMATIZAÇÃO DA GEOGRAFIA

Ao contrário de outras ciências, a Geografia só se formou enquanto tal durante o século XIX, impulsionada pelo berço do pensamento positivista europeu e pelo grande desenvolvimento das ciências naturais neste período. A sistematização da ciência geográfica, no entanto, não fez tábula rasa de todo conhecimento geográfico desenvolvido na história do homem até então, resgatando autores clássicos como Ptolomeu e Estrabão. Este último adotava uma visão regionalista e descritiva, abordando os mais diferentes temas, tanto de carácter geográfico, mas também da relação do homem com a natureza, enquanto Ptolomeu detinha dados sobre posicionamentos terrestres e representações.

Dessa maneira, mesmo a geografia não tendo se formado como ciência, o conhecimento geográfico está inserido na história do homem como em Relatos de viagem de literatos, tratados filosóficos, conhecimentos sobre a terra e representações cartográficas foram considerados conhecimento geográfico. Todos estes elementos foram resgatados pela Geografia Tradicional, período de formação da Geografia acadêmica no século XIX.

A visão integrada do homem e natureza é característica da Geografia estabelecida por Alexander Von Humboldt e Carl Ritter.

2.1. A SISTEMATIZAÇÃO DA GEOGRAFIA ENQUANTO CIÊNCIA

Ela só ocorre no século XIX a partir do pensamento positivista. Os métodos usados para a compreensão do espaço passam a ser sistematizados, e na época a ideia cientificista compreendia que a Geografia deveria usar os mesmos métodos das ciências humanas. A geografia foi caracterizada por Imanuel Kant como uma ciência síntese e interdisciplinar. Os fundadores da geografia como ciência sistematizada ocorreu sob a égide do positivismo. Os pais da disciplina são



Alexander Humboldt e **Carl Hitter**. Um dos seus fundamentos iniciais era justamente a síntese e a dualidade de análise: separação da geografia em física e humana.

A geografia alemã surge para resolver os problemas impostos ao homem da época. Era o contexto da Unificação alemã, cujo Estado nacional surgiu tardiamente, após a Guerra Franco-Prussiana. Um dos problemas era a discussão sobre a organização do espaço alemão em um território estratégico no centro do continente. Nesta época iniciam os estudos conceituais sobre a ideia de **território, espaço e fronteira**. A geografia surge e se desenvolve como estudos fundamentais ao surgimento e consolidação do nascente Estado alemão. Geografia passa a ser associada ao poder do político e estratégico do Estado nacional.

O alemão Ratzel foi outro grande nome da geografia alemã. Introduziu na ciência, estudos sobre política e economia. Escreve de forma a justificar o nascente estado alemão e seu expansionismo. Era um geógrafo **naturalista-determinista** geográfico, ou seja, acreditava que o espaço que determina o homem e o desenvolvimento individual e das sociedades. Era profundamente influenciado pelas ideias Darwinistas – **Darwinismo social** - e criou a teoria do **espaço vital**: A nação é responsável pela conquista e defesa do território, que consistia num espaço vital ao desenvolvimento das sociedades. As sociedades mais fortes teriam por direito da natureza ao domínio do espaço.

No final do século XIX surge um novo pensamento geográfico que critica o pensamento alemão, mas é tão descritivo, nacionalista e determinista quanto os alemães, mas é um profundo crítico de Ratzel, do expansionismo alemão e justifica a reconstrução do Estado e território francês após a derrota na guerra franco prussiana. A geografia vai além da descrição da paisagem e passa analisar a influência do meio no homem. Vai além da descrição minuciosa da paisagem. Seus temas políticos são instrumentos de justificativa do pretense expansionismo revanchista francês. A disciplina adquire uma profunda importância e é apoiada pelo estado. Surgem vários institutos de geografia, e ela se tornou disciplina escolar. O principal nome da Escola de Geografia francesa é **Vidal de la Blache**. É o maior expoente da geografia francesa enquanto instrumento de dominação política e territorial. Entre suas principais teorias estão a do **Possibilismo** – que considera que o homem é capaz de mudar o meio – e a ideia de Gênero de vida: O homem adaptou-se ao meio e criou um conjunto de técnicas e costumes que permitiram o domínio do meio. Os diferentes meio ambientes explicam os diferentes **gêneros de vida**. Possui uma visão tipicamente etnocêntrica, em que via o homem dividido em raças e que existia uma hierarquia entre elas. O contato entre elas era positivo e gerava arranjos culturais ricos, mas o europeu para ele tinha a **missão civilizatória** de levar o progresso aos povos africanos e asiáticos, considerados pelos europeus como raças e sociedades inferiores.

La Blache estimulou o estudo e o desenvolvimento do conceito de região, e a partir daí surgiu um dos principais ramos da geografia, a **geografia regional**. Suas pesquisas levaram à



fundamentação teórico-metodológica da disciplina e nos levou um rico acervo de pesquisa empírica.

2.2. IMMANUEL KANT

Ainda na segunda metade do século XVIII, o filósofo Immanuel Kant, movido por uma busca pela metafísica da natureza, organiza cursos do que ele chamou de “Geografia Física”, definindo-a como uma propedêutica do conhecimento do mundo enquanto totalidade na superfície terrestre com base na descrição.

Para Kant, a História tinha por fim a narrativa do tempo, enquanto a Geografia a descrição do espaço. Ao defini-las, Kant apontava também para a questão do espaço e da descrição e reflexão da natureza integrada a reflexão sobre o homem. O pensamento kantiano sobre a geografia reverberou sobre o já estabelecido conhecimento geográfico alemão e influenciou cientistas a se atentarem para esta área do conhecimento.

2.3. ALEXANDER VON HUMBOLDT

Alexander Von Humboldt (1769-1859) foi um naturalista alemão, que recebeu influências do pensamento alemão de sua época, principalmente do poeta Goethe e do filósofo Schelling. Como naturalista, realizou diversas expedições pelo globo, incluindo pela América Latina, anotando e traçando relatos sobre geologia, biologia e biogeografia, além de incluir componentes sociais em suas análises.

Possuía, assim, uma visão holística do que é geografia, caminhando em direção ao entendimento desta ciência como uma síntese dos conhecimentos relativos à terra, estabelecendo conexões empírico-lógicas entre os elementos apresentados na paisagem. Seu livro “Cosmos; Dos graus de prazer que a contemplação da natureza pode oferecer” estabelece sua visão cosmológica, advinda do pensamento clássico grego.

2.4. CARL RITTER

A contribuição de Carl Ritter (1778-1859), também alemão, para a sistematização da geografia seguiu rumos diferentes dos traçados por Humboldt. A geografia estabelecida por Ritter caminhou em direção à uma regionalização metodológica a partir de relatos de viagem de outros



cientistas. Dessa forma, a ciência geográfica construída por ele partia de estudar e desvendar diferentes arranjos de totalidade das sociedades existentes no mundo, incluindo o homem enquanto protagonista e inaugurando uma “ciência dos lugares”. Nisso, elementos em comum eram extraídos em busca de relações causais. Ocupou a primeira cátedra de Geografia da Universidade de Berlim.

2.5. PRINCÍPIOS DO MÉTODO GEOGRÁFICO

São fundamentos metodológicos enunciados pelos geógrafos clássicos:

- ✓ **Princípio da extensão:** os fatos devem ser localizados, quantificados e mensurados. Permite a interdisciplinaridade com a **geodesia** e cartografia.
- ✓ **Princípio da Geografia geral ou da analogia:** devemos comparar áreas em estudo para estabelecer suas semelhanças e suas diferenças.
- ✓ **Princípio da conexão:** Fatos geográficos não ocorrem isoladamente. Podemos estabelecer conexões com outros fatos geográficos.
- ✓ **Princípio da causalidade:** Preocupa-se com as causas e efeitos dos fatos geográficos e estabelece uma hierarquia entre eles.
- ✓ **Princípio da atividade:** Os fatos geográficos estão constantemente mudando. Podemos analisar o passado para prognosticar o futuro. É uma das bases da geografia moderna.

2.6. A MATRIZ DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO: O POSITIVISMO

É um pensamento que surgiu em meados do século XIX, e seu principal expoente é o francês Auguste Comte. Era uma doutrina republicana, cientificista e entre seus princípios destacam-se:

- ✓ A sociedade é regida por leis naturais, que são invariáveis independentes da vontade e ação humana, ou seja, na vida social, há uma harmonia natural.
- ✓ A sociedade pode ser estudada pelos mesmos métodos das ciências da natureza.
- ✓ As ciências sociais devem limitar-se à observação e à explicação causal dos fenômenos, de forma objetiva, neutra e livre de julgamento de valor ou ideologias.



3. INTRODUÇÃO GEOGRAFIA DETERMINISTA

Após a morte de Alexander Von Humboldt e Carl Ritter, a ciência geográfica, ainda recente, entrava em declínio. No fim do século XIX, no entanto, o pensamento acadêmico geográfico alemão ganhou popularidade por refletir e se inserir nas discussões da unificação deste país e por legitimar o expansionismo de Otto Von Bismarck, estadista alemão.

3.1. FRIEDRICH RATZEL

O pensamento elaborado por Friedrich Ratzel (1844-1904) exprime o pensamento cientificista e positivista do fim do século XIX, com destaque para o darwinismo social. Neste contexto, portanto, Ratzel desenvolve uma teoria que apontava para as influências do meio natural no desenvolvimento ou fracasso de sociedades, embasado numa visão organicista de sociedade e tornando o homem um ser passivo. Utilizava o método empírico e mantinha a visão holística de Von Humboldt e Ritter. Suas principais obras são Antropogeografia, de 1882, e Geografia Política, de 1897.

A visão organicista é expressa pelo conceito de “Espaço Vital”, uma união entre “chão” e estado, fundamental para o desenvolvimento da sociedade. Dessa forma, Ratzel justificava e legitimava o expansionista de uma Alemanha recém unificada, que “ficou de fora” da partilha imperialista da África entre as nações europeias.

Friedrich Ratzel acabou marcado pelo pensamento determinista, ainda que este mesmo tenha colocado “influências” sobre a sociedade como ressalva para um determinismo absoluto. A partir dele, porém, é que a geopolítica se desenvolve e forma uma linha de pensamento geográfico bastante difundida na primeira metade do século XX.



4. INTRODUÇÃO GEOGRAFIA POSSIBILISTA

O principal contraponto ao pensamento determinista alemão veio da França. Estes Estados, que se tornaram inimigos na Guerra Franco-Prussiana, terminada em 1871, fomentaram uma rivalidade também no campo do pensamento humano. Dessa forma, a Geografia, que mais tarde seria interpretada como uma ciência estatal, em primeiro lugar, se tornou a principal bandeira para legitimar atos de seus respectivos estados. Assim, o Possibilismo Francês e o Determinismo Alemão protagonizaram o debate geográfico do fim do século XIX, ainda que ambos tenham se embasado no mesmo contexto de positivismo.

4.1. VIDAL DE LA BLACHE

La blache (1845-1918) foi o principal nome da geografia acadêmica francesa do fim do século XIX, formando um contraponto ao Determinismo Alemão levantado por Friedrich Ratzel denominado Possibilismo. O autor francês desenvolveu suas ideias em meio a uma reformulação regional francesa, ao imperialismo deste país no continente africano e à criação de universidades francesas. La Blache parte do princípio de que o homem não somente recebe influências do meio natural, como exposto por Ratzel, mas também transformava a natureza.

Seu pensamento rumou para uma identificação das peculiaridades de cada região, registrando a influência da natureza no desenvolvimento humano, mas também a transformação dela pela sociedade. Sua teoria também pregava o contato entre povos como principal rumo para o desenvolvimento, o que legitimava o imperialismo Francês. Foi a partir de Vidal de La Blache que a geografia regional, importante ramo do início do século XX, se desenvolveu.

4.2. ELISÉE RECLUS

Aluno de Paul Vidal de La Blache, Elisée Reclus (1830-1905), também francês, estabeleceu teorias acerca da relação homem e natureza: “Homem como a natureza consciente de si mesmo”, mantendo a tradição geográfica francesa. É muito conhecido por ter sido anarquista, o que gerou um resgate de seus textos pela ainda futura geografia crítica. Viveu exilado e, por muitas vezes, se comprometeu em não expressar seus pensamentos políticos em suas obras. A participação de Reclus na Comuna de Paris, em 1871, foi um dos motivos de seu exílio.



5. METODOLOGIA DO ENSINO DE GEOGRAFIA

"O mundo é um só, e, por conseguinte a geografia é uma só".

Milton Santos.



"Educação geográfica é aquela em que se propõe a desenvolver a capacidade de observação dos fatos e fenômenos, dominar conceitos e resolução de problemas, por meio dos conhecimentos geográficos".

Quem são os sujeitos da escola pública? De onde eles vêm? Que referências sociais e culturais trazem para a escola? Um sujeito é fruto de seu tempo histórico, das relações sociais em que está inserido, mas é, também, um ser singular, que atua no mundo a partir do modo como o compreende e como dele lhe é possível participar. Ao definir qual formação se quer proporcionar a esses sujeitos, a escola contribui para determinar o tipo de participação que lhes caberá na sociedade. Por isso, as reflexões sobre currículo têm, em sua natureza, um forte caráter político. As diretrizes propõem uma reorientação curricular para que possa integrar toda a população de diferentes classes sociais e grupos étnicos, dando oportunidades iguais a todos, então todos os jovens das classes assalariadas devem ter acesso ao conhecimento produzido. São os sujeitos da Educação Básica. Dessa forma é necessário repensar e reorganizar o currículo de forma que permita a ascensão social, o domínio de saberes práticos e contextualizados e o domínio dos conhecimentos acumulados pela humanidade.

"O processo de ensino deve transmitir aos alunos a lógica do conhecimento de referência. [...] é do saber especializado e acumulado pela humanidade que devem ser extraídos os conceitos e os princípios a serem ensinados aos alunos".

Há uma preocupação e um debate quanto ao esvaziamento de conteúdos disciplinares para privilegiar eixos transversais. Esta deve ser uma opção docente, mas recomenda as diretrizes paraense que os currículos sejam desenvolvidos pelo professor, sob o desafio de preparação do conteúdo da disciplina, selecionando temas e construindo um **conhecimento interdisciplinar**, ou seja, que dialoga com outras disciplinas. É também importante uma **contextualização sócio-histórica**. A disciplina de Geografia passou a desenvolver-se no século XIX, influenciada pelo positivista, privilegiava a descrição minuciosa do espaço. As abordagens foram evoluindo de forma que hoje recomenda-se explorar toda a interdisciplinaridade geográfica que dialoga com vários campos, como a Biologia e a História, Literatura, Arte e vários campos.



Esse projeto e sua realização explicitam, assim, a concepção de escola e de sociedade com que se trabalha e indicam que sujeitos ao se formarem, pretendem formar para a sociedade que se quer construir. Nestas Diretrizes Curriculares para a Educação Básica, **propõe-se formar sujeitos que construam sentidos para o mundo, que compreendam criticamente o contexto social e histórico de que são frutos e que, pelo acesso ao conhecimento, sejam capazes de uma inserção cidadã e transformadora na sociedade.** A avaliação, nesta perspectiva, visa contribuir para a compreensão das dificuldades de aprendizagem dos alunos. A avaliação, portanto, deve ser parte do processo de aprendizagem e realizadas de várias formas, desde trabalhos até visitas de campo.

5.1. PRINCIPAIS MÉTODOS DE TRABALHO NO ENSINO DE GEOGRAFIA EM SALA DE AULA

É necessário **diversificar as técnicas e os instrumentos de avaliação.** Ao invés de avaliar apenas por meio de provas, o professor pode usar técnicas e instrumentos que possibilitem várias formas de expressão dos alunos, como:

- ✓ Interpretação e produção de textos de Geografia;
- ✓ Interpretação de fotos, imagens, gráficos, tabelas e mapas;
- ✓ Pesquisas bibliográficas;
- ✓ Relatórios de aulas de campo;
- ✓ Apresentação e discussão de temas em seminários;
- ✓ Construção, representação e análise do espaço através de maquetes, entre outros.

Para concretizar esse objetivo, a avaliação escolar deve constituir um projeto de futuro social, pela intervenção da experiência do passado e compreensão do presente, num esforço coletivo a serviço da ação pedagógica, em movimentos na direção da aprendizagem do aluno, da qualificação do professor e da escola.

5.2. O MEIO URBANO

O conteúdo **meio urbano** é abordado ao longo do Ensino Fundamental e Médio, com complexidade crescente, considerando as diferentes escalas geográficas e a linguagem cartográfica.



Na relação do *meio urbano* com a **dimensão socioambiental**, o professor poderá trabalhar o uso da água e as políticas públicas de saneamento básico nas cidades; o problema da poluição dos rios pelos dejetos urbanos, pelo lixo doméstico e industrial; a ocupação das áreas de risco, das encostas, dos mananciais e várzeas; a poluição atmosférica nas cidades, dentre outros.

Sob a **dimensão cultural e demográfica**, o conteúdo *meio urbano* pode ser abordado a partir dos movimentos migratórios e suas consequências na ocupação urbana; dos movimentos sociais e suas implicações na organização do espaço urbano; das relações étnico-raciais que se estabelecem nas cidades e das diferentes identidades culturais nelas presentes.

Ao analisar o *meio urbano* a partir da **dimensão econômica**, é preciso considerar as desigualdades socioeconômicas materializadas no espaço urbano; a distribuição dos espaços de produção e de consumo; as inter-relações das atividades econômicas; o processo de urbanização em relação ao uso do solo urbano e à especulação imobiliária; o processo de industrialização e a urbanização, entre outros.

Na **dimensão política**, o *meio urbano* pode ser trabalhado, por exemplo, pela interdependência entre o campo e a cidade, sendo esta o centro das decisões econômicas e políticas; pela ação dos movimentos sociais no espaço urbano e o direito ao transporte, moradia, saneamento e saúde; pela análise da estrutura e formação das cidades globais; pela questão da formação dos microterritórios urbanos, entre outros.

5.3. A GEOGRAFIA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Nos anos finais do Ensino Fundamental, espera-se que o aluno amplie as noções espaciais que desenvolveu nos anos iniciais desse nível de ensino. Por isso, o professor trabalhará os conhecimentos necessários para o entendimento das inter-relações entre as dimensões econômica, cultural e demográfica, política e socioambiental presentes no espaço geográfico. Sob essa perspectiva, o professor aprofundará os conceitos básicos que fundamentam o entendimento e a crítica à organização espacial. **O espaço geográfico deve ser compreendido como resultado da integração entre dinâmica físico-natural e dinâmica humano-social.** O uso da linguagem cartográfica, como recurso metodológico, é importante para compreender como os fenômenos se distribuem e se relacionam no espaço geográfico. Entretanto, **a linguagem cartográfica deve ser trabalhada ao longo da Educação Básica, como instrumento efetivo de leitura e análise de espaços próximos e distantes, conhecidos e desconhecidos.**

Podemos usar vários métodos para tentarmos transmitir a disciplina como:

- ✓ **Aulas de campo.**



- ✓ **Recursos áudio visuais:** Filmes, trechos de filmes, programas de reportagem e imagens em geral (fotografias, slides, charges, ilustrações) podem ser utilizados para a problematização dos conteúdos da Geografia, desde que sejam explorados à luz.
- ✓ **Cartografia:** Nestas Diretrizes, propõe-se que os mapas e seus conteúdos sejam lidos pelos estudantes como se fossem textos, passíveis de interpretação, problematização e análise crítica. Também, que jamais sejam meros instrumentos de localização dos eventos e acidentes geográficos, pois, ao final do Ensino Médio, espera-se que os alunos sejam capazes, por exemplo, de “correlacionar duas cartas simples, ler uma carta regional simples, [...] saber levantar hipóteses reais sobre a origem, etc”.
- ✓ **Literatura,** com destaque para literaturas regionais como as que apresentam a paisagem do lugar, como vidas secas, ou grande sertão: veredas.

De acordo como o currículo estadual básico da secretaria Estadual, podemos atribuir a geografia o papel de:

- ✓ Fortalecer os valores democráticos e éticos, a partir de nossas categorias centrais, e
- ✓ [...] expandirmos cada vez mais o respeito ao outro, ao diferente
- ✓ [...] no combate às desigualdades e às injustiças sociais
- ✓ [...]. Se ajudarmos nossos alunos a perceberem que a Geografia trabalha com as materializações das práticas sociais, estaremos colocando-a no seu cotidiano

5.4. OBJETIVOS DA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA

- ✓ Propiciar conhecimento sobre processos, fenômenos e fatos de origem físico-química e social que, em sua complexidade espaço temporal e nas relações que travam entre si, organizam o espaço geográfico.
- ✓ Fornecer subsídios para a compreensão do espaço geográfico como produção social e histórica, decorrente de ações e de responsabilidades individuais e coletivas junto à natureza e à sociedade.



- ✓ Promover o conhecimento geográfico integrado às práticas sociais cotidianas de enfrentamento a processos de silenciamento, invisibilidade ou exclusão social, política, econômica ou cultural de parcelas da população por diferenças de quaisquer ordens.
- ✓ Apresentar categorias geográficas que atuem como base na análise espaço-geográfica. Estimular raciocínios e procedimentos geográficos na leitura crítica do mundo e na ação cidadã no espaço geográfico.
- ✓ Promover investigações e propor intervenções no espaço geográfico, considerando o cuidado com a finitude do sistema Terra e as possibilidades de sustentabilidade no uso de seus recursos.
- ✓ Favorecer a compreensão sobre relações espaço temporais e escalas geográficas local global nas produções e vivências das sociedades.
- ✓ Desenvolver leitura e representações espaciais por meio de instrumentos e técnicas da cartografia e de outras linguagens.
- ✓ Criar condições para práticas sociais no espaço geográfico local e global que valorizem ações de convivência solidária, aceitação de diferenças entre pessoas e culturas, em atitudes de promoção da paz com uso do conhecimento geográfico.
- ✓ Estimular atitudes de preservação ou de conservação que potencializem a valorização do patrimônio geofísico e cultural, local e global.



6. DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

6.1. HISTÓRICO

O Ensino Fundamental é entendido como a pedra angular da Educação Básica brasileira. De tal modo que pensar um currículo e novos projetos políticos-pedagógicos, capazes de dar conta dos desafios educacionais da contemporaneidade, é uma reflexão necessária que versa sobre as expectativas de melhoria e a qualidade do ensino no Brasil.

"Entre as mudanças recentes mais significativas, atenção especial passou a ser dada à ampliação do Ensino Fundamental para 9 (nove) anos de duração, mediante a matrícula obrigatória de crianças com 6 (seis) anos de idade, objeto da Lei nº 11.274/2006"

(BRASIL, 2013, p. 106).

Propostas foram debatidas e críticas foram acolhidas, motivando ideias a serem incorporadas no âmbito da educação nacional, visando, para tanto, uma produção coletiva e não a obra de um único autor, pois assim se pretende que a amplitude e democratização da educação possam ser efetivadas.

6.2. FUNDAMENTOS

6.2.1. O direito à educação como fundamento maior destas Diretrizes

A educação básica sem dúvida é o caminho para a emancipação dos indivíduos enquanto cidadãos. O direito à educação básica é um exercício de cidadania, uma vez que a educação é o processo de florescimento do desenvolvimento humano que deve instruir e garantir os direitos civis, políticos e sociais dos indivíduos, a saber:

O direito político, indo muito além do direito de votar e ser votado, está relacionado com a inserção plena do conjunto de indivíduos nos processos decisórios que ocorrem nas diferentes esferas da vida pública. Implica, ainda, o reconhecimento de que os cidadãos, mais do que portadores de direitos, são criadores de novos direitos e de novos espaços para expressá-los. A educação é, portanto, também um direito político porque a real participação na vida pública exige que os indivíduos, dentre outras coisas, estejam informados, saibam analisar posições divergentes, saibam elaborar críticas e se posicionar, tenham condições de fazer valer suas reivindicações por meio do diálogo e de assumir responsabilidades e obrigações, habilidades que cabe também à escola desenvolver.

[...]

Já os direitos sociais se referem aos direitos que dependem da ação do Estado para serem concretizados e estão associados, fundamentalmente, à melhoria das condições de vida do conjunto da população, relacionando-se com a questão da igualdade social. São exemplos de direito social, o próprio direito à educação, à moradia, à saúde, ao trabalho etc.



[...]

Os direitos civis, políticos e sociais focalizam, pois, direta ou indiretamente, o tratamento igualitário, e estão em consonância com a temática da igualdade social. Já o direito à diferença busca garantir que, em nome da igualdade, não se desconsiderem as diferenças culturais, de cor/raça/etnia, gênero, idade, orientação sexual, entre outras. Em decorrência, espera-se que a escola esteja atenta a essas diferenças, a fim de que em torno delas não se construam mecanismos de exclusão que impossibilitem a concretização do direito à educação, que é um direito de todos.

(BRASIL, 2013, p.107).

Nota-se, pois, que estes direitos são extensões dos direitos humanos, cuja característica principal é a universalidade de direitos e o fortalecimento da dignidade humana.

Com efeito, se diz que a educação tem por objetivo o pleno desenvolvimento da pessoa humana e o fortalecimento do respeito aos direitos humanos e às liberdades fundamentais, aos quais, posteriormente, se agrega a necessidade de capacitar a todos para participarem efetivamente de uma sociedade livre. De tal maneira que a Constituição Federal de 1988 ressalta de forma incisiva que o Ensino Fundamental deve ser obrigatório e gratuito, pois é um direito público subjetivo.

6.2.2. A oferta de uma educação com qualidade social

A expansão do acesso às diferentes etapas da escolaridade é um dos principais focos do plano para a Educação Básica no Brasil. O Ensino Fundamental foi, durante a maior parte do século XX, o único grau de ensino a que teve acesso a grande maioria da população. Em 1989, já na virada da última década, a proporção de suas matrículas ainda representava mais de $\frac{3}{4}$ do total de alunos atendidos pelos sistemas escolares brasileiros em todas as etapas de ensino. Em 2009, contudo, entre os 52,6 milhões de alunos da Educação Básica, cerca de 66,4% estavam no Ensino Fundamental, o que correspondia a 35 milhões de estudantes, incluídos entre eles os da Educação Especial e os da Educação de Jovens e Adultos (BRASIL, 2013, p. 108).

Frente a isso, porém, foi preciso pensar acerca da qualidade do ensino, refletindo sobre qual qualidade é essa e como empregá-la. O ponto principal que se pode destacar com relevância é a *qualidade social da educação*.

O Ensino Fundamental foi, durante a maior parte do século XX, o único grau de ensino a que teve acesso a grande maioria da população. Em 1989, já na virada da última década, portanto, a proporção de suas matrículas ainda representava mais de $\frac{3}{4}$ do total de alunos atendidos pelos sistemas escolares brasileiros em todas as etapas de ensino. Em 2009, o perfil seletivo da nossa escola havia se atenuado um pouco, com a expansão do acesso às diferentes etapas da escolaridade. Contudo, entre os 52,6 milhões de alunos da Educação Básica, cerca de 66,4% estavam no Ensino Fundamental, o que correspondia a 35 milhões de estudantes, incluídos entre eles os da Educação Especial e os da Educação de Jovens e Adultos.

(BRASIL, 2013, p. 109).



É preciso ter em vista que a garantia do Ensino Fundamental de qualidade, de forma universal, está intimamente relacionada à redução da pobreza e às pretensões de transformação do país. A proposta, portanto, é uma educação escolar com qualidade social, capaz de contribuir para a diminuição das desigualdades historicamente produzidas, assegurando, assim, o ingresso, a permanência e o sucesso de todos na escola, com a conseqüente redução da evasão, da retenção e das distorções de idade/ano/série (Parecer CNE/CEB nº 7/2010 e Resolução CNE/CEB nº 4/2010, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica) (BRASIL, 2013, p. 109).

6.2.3. Princípios norteadores

Para tanto, são três os princípios norteadores das políticas educativas e das ações pedagógicas, a saber:

Éticos: de justiça, solidariedade, liberdade e autonomia; de respeito à dignidade da pessoa humana e de compromisso com a promoção do bem de todos, contribuindo para combater e eliminar quaisquer manifestações de preconceito e discriminação.

Políticos: de reconhecimento dos direitos e deveres de cidadania, de respeito ao bem comum e à preservação do regime democrático e dos recursos ambientais; de busca da equidade no acesso à educação, à saúde, ao trabalho, aos bens culturais e outros benefícios; de exigência de diversidade de tratamento para assegurar a igualdade de direitos entre os alunos que apresentam diferentes necessidades; de redução da pobreza e das desigualdades sociais e regionais.

Estéticos: de cultivo da sensibilidade juntamente com o da racionalidade; de enriquecimento das formas de expressão e do exercício da criatividade; de valorização das diferentes manifestações culturais, especialmente as da cultura brasileira; de construção de identidades plurais e solidárias

(BRASIL, 2013, p. 109-110).

Tais princípios visam propiciar o desenvolvimento do educando de forma unilateral, assegurando o exercício da cidadania e os meios para os progressos pessoais no trabalho e nos estudos posteriores.

O foco central, portanto, é a construção de uma sociedade livre, justa e solidária, que garanta o desenvolvimento nacional; que busque erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; e que promova o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação (BRASIL, 2013, p. 110).

6.3. TRAJETÓRIA DO ENSINO FUNDAMENTAL OBRIGATÓRIO NO PAÍS

A história da obrigatoriedade do Ensino Fundamental no Brasil é recente e nos remete a 1934, ano em que foi promulgada uma nova Constituição da República, a qual determinou a obrigatoriedade do ensino primário ou fundamental, com duração de 4 (quatro) anos. Anos mais



tarde, a Carta Constitucional promulgada em 1967 ampliava para 8 (oito) anos essa obrigatoriedade e, em decorrência, a Lei nº 5.692/71 modifica a estrutura do ensino, unificando o curso primário e o ginásio em um único curso, o chamado 1º grau, com duração de 8 (oito) anos. Enquanto que o ensino de 2º grau – atual Ensino Médio – torna-se profissionalizante.

Foi só mais tarde que o acesso obrigatório ao Ensino Fundamental aos 6 (anos) anos começou a ser pensado. A ideia foi criar a possibilidade de que todas as crianças brasileiras pudessem usufruir do direito à educação, beneficiando-se de um ambiente educativo mais voltado à alfabetização e ao letramento, à aquisição de conhecimentos de outras áreas e ao desenvolvimento de diversas formas de expressão, ambiente a que já estavam expostas as crianças dos segmentos de rendas média e alta e que pode aumentar a probabilidade de seu sucesso no processo de escolarização.

Na sua redação original, a LDB [Lei nº 9.394/96] se mostra bastante flexível quanto à duração do Ensino Fundamental, estabelecendo como mínima a sua duração de 8 (oito) anos e sinalizando, assim, para a ampliação dessa etapa da Educação Básica.

O Plano Nacional de Educação (Lei nº 10.172/2001) estabelece como Meta 1 a universalização do Ensino Fundamental no prazo de 5 (cinco) anos, garantindo o acesso e a permanência de todas as crianças na escola, e a sua ampliação para 9 (nove) anos, com início aos 6 (seis) anos de idade, à medida que for sendo universalizado o atendimento de 7 (sete) a 14 (quatorze) anos. A Meta 2, definida com base no diagnóstico de que 87% das crianças de 6 (seis) anos já estavam matriculadas em Pré-Escolas, classes de alfabetização ou mesmo no Ensino Fundamental, determina a sua ampliação para 9 (nove) anos, com início aos 6 (seis) anos de idade, à medida que for sendo universalizado o atendimento de 7 (sete) a 14 (quatorze) anos. A idéia central das propostas contidas no Plano é que a inclusão definitiva das crianças nessa etapa educacional pode oferecer maiores oportunidades de aprendizagem no período da escolarização obrigatória e assegurar que, ingressando mais cedo no sistema de ensino, elas prossigam nos estudos alcançando maior nível de escolaridade.

Em 2005, a Lei nº 11.114 altera a LDB, tornando obrigatória a matrícula das crianças de 6 (seis) anos de idade no Ensino Fundamental, entretanto, dá margem para que se antecipe a 109 escolaridade de 8 (oito) anos para esses alunos, o que reduziria a idade de conclusão do Ensino Fundamental em 1 (um) ano.

Finalmente, a Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006, altera a redação da LDB, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o Ensino Fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade, e concedendo aos sistemas de ensino o prazo até 2009 para que procedam às devidas adequações de modo que a partir de 2010 esse Ensino Fundamental de 9 (nove) anos seja assegurado a todos.

(BRASIL, 2013, p. 110-111).

6.3.1. Matrícula no Ensino Fundamental de 9 (nove) anos e carga horária

A abrangência do Ensino Fundamental com duração de 9 (nove) anos se estende da faixa etária dos 6 (seis) aos 14 (quatorze) anos de idade. Fica estabelecido a obrigatoriedade da matrícula da criança aos 6 (seis) anos completos ou a completar até o dia 31 de março do ano que ocorrer a matrícula.



A carga horária mínima anual do Ensino Fundamental regular será de 800 (oitocentas) horas, distribuídas em, pelo menos, 200 (duzentos) dias de efetivo trabalho escolar.

6.4. A POPULAÇÃO ESCOLAR

Tendo em vista a obrigatoriedade da educação de toda a população na faixa do ensino obrigatório, é preciso estar atento à diversidade sociocultural e socioeconômica da população brasileira, o que contribui para determinar oportunidades diferenciadas no acesso aos bens culturais. O fato é que isso exige da escola o conhecimento da realidade em que vivem os alunos, de tal forma que a compreensão do universo cultural deles é imprescindível para uma ação pedagógica eficiente. As propostas político-pedagógicas, portanto, devem estar articuladas às necessidades que emergem da realidade dos alunos, para que a comunidade escolar venha a conhecer melhor e valorizar a cultura local. Isso implica diretamente na construção e fortalecimento das identidades da comunidade, ao mesmo tempo em que permite a abertura para outras culturas, para que transcendam o seu universo local e se tornem aptos a participar de diferentes esferas da vida social, econômica e política.

6.4.1. As múltiplas infâncias e adolescências

O mais adequado a se tratar é falar de infâncias e adolescências, no plural, tendo em vista a historicidade particular dos alunos e as suas características de desenvolvimento, encarando-os como sujeitos que trazem na bagagem os modos próprios de vida, além das múltiplas experiências culturais e sociais que estão intimamente ligadas à idade deles.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a criança desenvolve a capacidade de representação, indispensável para a aprendizagem da leitura, dos conceitos matemáticos básicos e para a compreensão da realidade que a cerca, conhecimentos que se postulam para esse período da escolarização. [...] A aquisição da leitura e da escrita na escola, fortemente relacionada aos usos sociais da escrita nos ambientes familiares de onde veem as crianças, pode demandar tempos e esforços diferenciados entre os alunos da mesma faixa etária [...].

Mas é também durante a etapa da escolarização obrigatória que os alunos entram na puberdade e se tornam adolescentes. Eles passam por grandes transformações biológicas, psicológicas, sociais e emocionais. Os adolescentes, nesse período da vida, modificam as relações sociais e os laços afetivos, intensificando suas relações com os pares de idade e as aprendizagens referentes à sexualidade e às relações de gênero, acelerando o processo de ruptura com a infância na tentativa de construir valores próprios. Ampliam-se as suas possibilidades intelectuais, o que resulta na capacidade de realização de raciocínios mais abstratos. Os alunos se tornam crescentemente capazes de ver as coisas a partir do ponto de vista dos outros, superando, dessa maneira, o egocentrismo próprio da infância. Essa capacidade de descentração é importante na construção da autonomia e na aquisição de valores morais e éticos

(BRASIL, 2013, p. 112).



É necessário, pois, que os professores estejam atentos a estes processos, para que possam realizar um trabalho pedagógico que esteja em diálogo com os alunos. Além disso, é preciso que estejam atentos também à ampla recepção da tecnologia nesta fase, pois a tecnologia tem se tornado extremamente presente na vida dos alunos, de tal forma a atrelá-los ao universo das imagens advindas do mundo digital, o que torna mais difícil o trabalho com a linguagem escrita.

O fato é que novos desafios se colocam para a escola, assim como para a função docente, diante do aumento das informações nas sociedades contemporâneas, que vem multiplicando a diversidade entre os alunos. Para tanto, é necessário uma atuação pedagógica democrática, isto é, quando o professor, mesmo o mais experiente, se coloca na situação de aprendiz que busca respostas junto dos alunos. É o professor que aprende enquanto ensina e o aluno que ensina enquanto aprende.

6.4.2. A ampliação dos objetivos da escola em face do seu alunado

Considerando a pluralidade das realidades de vida dos alunos, a escola precisa estar atenta àquilo que está para além dos seus próprios muros, sabendo, pois, que muitas crianças e adolescentes também estão sujeitos à violência doméstica, ao abuso e à exploração sexual, a formas de trabalho não condizentes com a idade, à falta de cuidados essenciais com a saúde, etc. Sendo dever da escola, como canal institucional responsável pela formação dos alunos, intervir e atentar para o fato que certas situações influenciam diretamente no aprendizado dos alunos. No entanto, ao se tratar de questões que extrapolam o âmbito das atividades escolares, cabe à escola manter-se articulada com o Conselho Tutelar, com os serviços de apoio aos sistemas educacionais e com instituições de outras áreas capazes de ministrar os cuidados e os serviços de proteção social a que esses alunos têm direito.

Deve-se considerar, ainda, que o crescimento da violência e da indisciplina, sobretudo nas escolas das grandes cidades, tem dificultado sobremaneira a aprendizagem dos alunos e o trabalho dos professores, provocando entre estes uma atitude de desânimo diante do magistério, revelada pelo alto índice de absenteísmo dos docentes e pelas reiteradas licenças para tratamento de saúde.

Eles são reflexos não só da violência das sociedades contemporâneas, mas também da violência simbólica da cultura da escola que impõe normas, valores e conhecimentos tidos como universais e que não estabelece diálogo com a cultura dos alunos, frequentemente conduzindo um número considerável deles ao fracasso escolar [...].

O questionamento da escola que está por traz desses comportamentos deriva também da rápida obsolescência dos conhecimentos provocada pela multiplicação dos meios de comunicação e do fato de, ao ter-se popularizado, o certificado que ela oferece já não é mais garantia de ascensão e mobilidade social como já foi nos períodos em que a escola pública era altamente seletiva. Daí decorre que o professor, para assegurar a disciplina em sala de aula, condição necessária para o trabalho pedagógico, precisa agora legitimar a sua autoridade pedagógica junto aos alunos, o que requer um esforço deliberado para manter o diálogo e a comunicação com eles.

(BRASIL, 2013, p. 113-114).



Diante desse contexto, portanto, é necessário um trabalho integrativo entre as instituições responsáveis, as famílias e toda a sociedade no sentido de valorizar a escola, o professor e o aprendizado dos alunos, estabelecendo normas de convívio social que sejam construídas com a participação ativa da comunidade e dos alunos e registradas em um regimento escolar pautado na legislação educacional e no Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90).

6.5. O CURRÍCULO

Os conhecimentos escolares podem ser compreendidos como um conjunto de saberes que a escola seleciona e transforma, seguindo as instâncias que orientam o sistema educacional, tal como próprio Ministério da Educação, as Secretarias de Educação, os Conselhos de Educação, assim como autores de materiais e livros didáticos.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (Parecer CNE/CEB nº7/2010 e Resolução CNE/CEB nº 4/2010), uma das maneiras de se conceber o currículo é entendê-lo como constituído pelas experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, permeadas pelas relações sociais, buscando articular vivências e saberes dos alunos com os conhecimentos historicamente acumulados e contribuindo para construir as identidades dos estudantes. O foco nas experiências escolares significa que as orientações e propostas curriculares que provêm das diversas instâncias só terão concretude por meio das ações educativas que envolvem os alunos.

(BRASIL, 2013, p. 114).

A questão é que os componentes curriculares são recontextualizados de acordo com a lógica que preside as instituições escolares, em sentido amplo, de tal forma que o acesso ao conhecimento percorre uma via dupla: de um lado a função de desenvolver habilidades intelectuais e, de outro, a função de criar atitudes e comportamentos necessários para a vida em sociedade.

"Para isso, a escola, no desempenho das suas funções de educar e cuidar, deve acolher os alunos dos diferentes grupos sociais, buscando construir e utilizar métodos, estratégias e recursos de ensino que melhor atendam às suas características cognitivas e culturais".

(BRASIL, 2013, p. 115).

6.5.1. A Base Nacional Comum e a parte diversificada: complementaridade

O currículo do Ensino Fundamental tem uma base nacional comum, complementada em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar por uma parte diversificada. A proposta é a divulgação de valores fundamentais ao interesse social e à preservação da ordem democrática, de tal forma que os conhecimentos que fazem parte da base nacional comum a que todos devem ter acesso, independentemente da região e do lugar em que vivem, asseguram a característica



unitária das orientações curriculares nacionais, das propostas curriculares dos Estados, Distrito Federal e Municípios e do projeto político-pedagógico das escolas.

Os conteúdos que compõem a base nacional comum e a parte diversificada têm origem nas disciplinas científicas, no desenvolvimento das linguagens, no mundo do trabalho e na tecnologia, na produção artística, nas atividades desportivas e corporais, na área da saúde, nos movimentos sociais, e ainda incorporam saberes como os que advêm das formas diversas de exercício da cidadania, da experiência docente, do cotidiano e dos alunos. Por sua vez, os conteúdos se articulam às áreas de conhecimento, a saber: Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas.

O currículo da base nacional comum do Ensino Fundamental, especialmente, deve abranger obrigatoriamente, conforme o artigo 26 da LDB, o estudo da Língua Portuguesa e da Matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente a do Brasil, bem como o ensino da Arte, a Educação Física e o Ensino Religioso.

I – Linguagens:

- a) Língua Portuguesa
- b) Língua materna, para populações indígenas
- c) Língua Estrangeira moderna
- d) Arte
- e) Educação Física

II – Matemática

III – Ciências da Natureza

IV – Ciências Humanas:

- a) História
- b) Geografia

V – Ensino Religioso

O Ensino Fundamental deve ser ministrado em língua portuguesa, mas às comunidades indígenas é assegurada também “a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem” (Constituição Federal, art. 210, §2º, e art. 32, §3º da LDB).

O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia (art. 26, §4º da LDB). Ainda conforme o artigo 26 A, alterado pela Lei nº 11.645/2008, que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-



Brasileira e Indígena”, presentes obrigatoriamente nos conteúdos desenvolvidos no âmbito de todo o currículo escolar, em especial na Arte, Literatura e História do Brasil, assim como a História da África, contribuirão para assegurar o conhecimento e o reconhecimento desses povos para a constituição da nação, contribuindo para a construção de identidades mais plurais e solidárias.

A Música constitui conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular Arte, o qual compreende, também, as artes visuais, o teatro e a dança.

A Educação Física, componente obrigatório do currículo do Ensino Fundamental, integra a proposta político-pedagógica da escola e será facultativa ao aluno apenas nas circunstâncias previstas na LDB.

O Ensino Religioso é de matrícula facultativa ao aluno e configura-se como parte integrante da formação básica do cidadão, sendo componente curricular dos horários normais do Ensino Fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural e religiosa do Brasil e vedadas quaisquer formas de proselitismo.

Na parte diversificada do currículo do Ensino Fundamental, será incluído, obrigatoriamente, a partir do 6º ano, o ensino de, pelo menos, uma Língua Estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar. É necessário esclarecer que língua indígena ou outras formas usuais de expressão verbal de certas comunidades não podem ocupar o lugar do ensino de Língua Estrangeira moderna.

Temas como saúde, sexualidade e gênero, vida familiar e social, assim como os direitos das crianças e adolescentes, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90), preservação do meio ambiente, nos termos da política nacional de educação ambiental (Lei nº 9.795/99), educação para o consumo, educação fiscal, trabalho, ciência e tecnologia, diversidade cultural, devem permear o desenvolvimento dos conteúdos da base nacional comum e da parte diversificada do currículo. Outras leis específicas, que complementam a LDB, determinam ainda que sejam incluídos temas relativos à educação para o trânsito (Lei nº 9.503/97) e à condição e direitos dos idosos, conforme a Lei nº 10.741/2003.

A perspectiva multicultural no currículo leva, ainda, ao reconhecimento da riqueza das produções culturais e à valorização das realizações de indivíduos e grupos sociais e possibilita a construção de uma autoimagem positiva a muitos alunos que vêm se defrontando constantemente com as condições de fracasso escolar, agravadas pela discriminação manifesta ou escamoteada no interior da escola. Além de evidenciar as relações de interdependência e de poder na sociedade e entre as sociedades e culturas, a perspectiva multicultural tem o potencial de conduzir a uma profunda transformação do currículo comum (BRASIL, 2013, p.115-118).



6.5.2. A reinvenção do conhecimento e a apropriação da cultura pelos alunos

Há que se destacar que o currículo não deve se esgotar nos componentes e nas áreas de conhecimento. Valores, atitudes, sensibilidades e orientações de conduta são veiculados não só pelos conhecimentos, mas por meio de rotinas, rituais, normas de convívio social, festividades, visitas e excursões, pela distribuição do tempo e organização do espaço, pelos materiais utilizados na aprendizagem, pelo recreio, enfim, pelas vivências proporcionadas pela escola.

As escolas devem propiciar ao aluno condições de desenvolver a capacidade de aprender, como quer a Lei nº 9.394/96, em seu artigo 32, mas com prazer e gosto, tornando suas atividades desafiadoras, atraentes e divertidas. Isso vale tanto para a base nacional comum como para a parte diversificada. Esta última, por estar voltada para aspectos e interesses regionais e locais, pode incluir a abordagem de temas que proporcionem aos estudantes maior compreensão e interesse pela realidade em que vivem.

(BRASIL, 2013, p.119).

6.6. O PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO

A estruturação de um projeto educativo coerente, articulado e integrado é imprescindível para as exigências de efetivação do currículo do Ensino Fundamental com 9 (nove) anos de duração. O projeto educativo pode ser entendido como uma das formas de expressão dos propósitos educacionais que pode ser compartilhada por diferentes escolas e redes.

6.6.1. A gestão democrática e participativa como garantia do direito à educação

O projeto político-pedagógico da escola e o seu regimento escolar devem ser elaborados por meio de processos participativos próprios da gestão democrática. Trata-se de um projeto educativo produzido pela comunidade escolar, com base nas características dos alunos, dos profissionais e recursos disponíveis. A ampla participação deve ser assegurada, inclusive da família, dos alunos e da comunidade local. É a participação democrática e coletiva que pode dar voz e vez às crianças, aos adolescentes e às suas famílias, e também aos que frequentam a Educação de Jovens e Adultos (EJA), criando oportunidades institucionais para que todos os segmentos envolvidos no processo educativo, particularmente aqueles pertencentes aos segmentos majoritários da população que encontram grande dificuldade de se fazerem ouvir e de fazerem valer os seus direitos, possam manifestar os seus anseios e expectativas e possam ser levados em conta, tendo como referência a oferta de um ensino de qualidade para todos.



6.6.2. Relevância dos conteúdos, integração e abordagens do currículo

Primeiro é preciso pensar a relevância dos conteúdos selecionados para a vida dos alunos e para a continuidade da sua trajetória escolar. Para tanto, há a necessidade também de superar o caráter fragmentário das áreas, buscando um currículo integrado, para que os conhecimentos abordados se tornem mais significativos para os estudantes, possibilitando a participação ativa deles com suas habilidades, experiências pessoais e interesses variados.

Têm sido numerosas e variadas as experiências das escolas brasileiras quanto ao esforço de integração do currículo. Há propostas curriculares ordenadas em torno de grandes eixos articuladores; experiências de redes que trabalham projetos de interdisciplinaridade com base em temas geradores formulados a partir de problemas detectados na comunidade; as que procuram enredar esses temas às áreas de conhecimento; os chamados currículos em rede; as que propõem a integração do currículo por meio de conceitos-chave ou ainda de conceitos-nucleares que permitem trabalhar as questões cognitivas e as questões culturais numa perspectiva transversal.

(BRASIL, 2013, p.121).

Os esforços de integração têm buscado maior conexão com os problemas que os alunos e sua comunidade enfrentam, se estendendo às demandas sócias e a questões que a escola deve responder.

Quanto à abordagem do currículo, os professores devem levar em conta a diversidade sociocultural da população escolar, as desigualdades de acesso à informação e a multiplicidade de interesses e demandas apresentadas pelos alunos. O desenvolvimento de metodologias e estratégias para lidar com isso deve também responder a tais diferenças entre alunos. “Para tanto, é fundamental contar com o apoio solidário dos sistemas de ensino e das próprias escolas no provimento de adequadas condições de trabalho e de outros recursos, de acordo com os padrões mínimos de qualidade referidos no inciso IX, do art. 4º da LDB, e objeto de manifestação deste colegiado no Parecer CNE/CEB nº 8/2010” (BRASIL, 2013, p.122).

6.6.3. As articulações do Ensino Fundamental e a continuidade da trajetória escolar dos alunos

O Ensino Fundamental não é uma etapa isolada das demais etapas da educação básica. É necessária uma articulação do Ensino Fundamental com a Educação Infantil e com o Ensino Médio. Mas vale ressaltar que essa tarefa não é nada fácil. Até porque é preciso haver também uma integração no interior do próprio Ensino Fundamental com duração de 9 (nove) anos, quando entre os anos iniciais e finais é preciso superar o problema da passagem das séries. Os alunos, ao mudarem do professor generalista dos anos iniciais para os professores especialistas dos diferentes componentes curriculares, costumam se ressentir diante das muitas exigências que têm



de atender, feitas pelo grande número de docentes dos anos finais. Essa transição acentua a necessidade de um planejamento curricular integrado e sequencial e abre a possibilidade de adoção de formas inovadoras a partir do 6º ano, a exemplo do que já o fazem algumas escolas e redes de ensino.

Outro problema é a cultura da repetência que impregna as práticas escolares. É um problema porque a repetência, além de desconsiderar o que o aluno já aprendeu, geralmente não lhe oferece oportunidade de superar as dificuldades que apresenta e termina por desinteressá-lo dos estudos ainda mais. De outro lado, o combate à repetência não pode significar descompromisso com o ensino e a aprendizagem, necessitando superar a noção de aprendizado quantitativo.

A enturmação dos alunos por idade e não por nível de conhecimento passou a ser uma alternativa ao que costumava ser feito quando as escolas dividiam as turmas de alunos em fracas, médias e fortes, as quais terminavam prejudicando especialmente os considerados mais fracos e aumentando a defasagem entre eles e os demais (BRASIL, 2013, p.122-123).

6.6.4. A entrada de crianças de 6 (seis) anos no Ensino Fundamental

Antes da entrada da criança de 6 (seis) anos no Ensino Fundamental, é necessário garantir a passagem da Pré-Escola para o Ensino Fundamental, de modo que o processo de alfabetização e letramento não sofra interrupção.

A entrada de crianças de 6 (seis) anos no Ensino Fundamental implica assegurar-lhes garantia de aprendizagem e desenvolvimento pleno, atentando para a grande diversidade social, cultural e individual dos alunos, o que demanda espaços e tempos diversos de aprendizagem. Na perspectiva da continuidade do processo educativo proporcionada pelo alargamento da Educação Básica, o Ensino Fundamental terá muito a ganhar se absorver da Educação Infantil a necessidade de recuperar o caráter lúdico da aprendizagem, particularmente entre as crianças de 6 (seis) a 10 (dez) anos que frequentam as suas classes, tornando as aulas menos repetitivas, mais prazerosas e desafiadoras e levando à participação ativa dos alunos. A escola deve adotar formas de trabalho que proporcionem maior mobilidade às crianças na sala de aula, explorar com elas mais intensamente as diversas linguagens artísticas, a começar pela literatura, utilizar mais materiais que proporcionem aos alunos oportunidade de racionar manuseando-os, explorando as suas características e propriedades, ao mesmo tempo em que passa a sistematizar mais os conhecimentos escolares.

(BRASIL, 2013, p.123).

A proposta tem sido a organização dos três primeiros anos do Ensino Fundamental em um único ciclo abrangendo crianças de 6 (seis), 7 (sete) e 8 (oito) anos de idade e instituindo um bloco destinado à alfabetização, de tal modo a questionar a concepção linear de aprendizagem que tem levado à fragmentação do currículo e ao estabelecimento de sequências rígidas de conhecimentos. Isso também visa evitar que as crianças de 6 (seis) anos se tornem reféns prematuros da cultura da repetência e que não seja indevidamente interrompida a continuidade dos processos educativos



levando à baixa autoestima do aluno e, sobretudo, para assegurar a todas as crianças uma educação de qualidade.

Os três anos iniciais do Ensino Fundamental devem assegurar:

- a) a alfabetização e o letramento;
- b) o desenvolvimento das diversas formas de expressão, incluindo o aprendizado da Língua Portuguesa, a Literatura, a Música e demais artes, a Educação Física, assim como o aprendizado da Matemática, de Ciências, de História e de Geografia;
- c) a continuidade da aprendizagem, tendo em conta a complexidade do processo de alfabetização e os prejuízos que a repetência pode causar no Ensino Fundamental como um todo, e, particularmente, na passagem do primeiro para o segundo ano de escolaridade e deste para o terceiro (BRASIL, 2013, p.124-125).

De todo modo, mesmo quando a escola, no uso de sua autonomia, fizer opção pelo regime seriado, é necessário considerar os três anos iniciais do Ensino Fundamental como um bloco pedagógico ou um ciclo sequencial não passível de interrupção, voltado para ampliar a todos os alunos as oportunidades de sistematização e aprofundamento das aprendizagens básicas, imprescindíveis para o prosseguimento dos estudos.

6.6.5. A avaliação

No que diz respeito aos processos avaliativos, “[...] há que partir do que determina a LDB em seus artigos 12, 13 e 24, cujos comandos genéricos prescrevem o zelo pela aprendizagem dos alunos, a necessidade de prover os meios e as estratégias para a recuperação daqueles com menor rendimento e consideram a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos, bem como os resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais” (BRASIL, 2013, p.125).

A avaliação do aluno precisa assumir o caráter processual e formativo da aprendizagem, para que seja cumulativo e diagnóstico. A avaliação proporciona uma oportunidade aos alunos de melhor se situarem em vista de seus progressos e dificuldades, e aos pais, de serem informados sobre o desenvolvimento escolar de seus filhos, representando também uma prestação de contas que a escola faz à comunidade que atende. Com efeito, é preciso entender também que a avaliação sempre implica num julgamento de valor sobre o aproveitamento do aluno, cabendo alertar que há pré-julgamentos não explicitados, mas que determinam a avaliação do professor. Esses pré-julgamentos, muitas vezes baseados em características que não são de ordem cognitiva e sim social, conduzem o professor a não estimular devidamente certos alunos que, de antemão, ele acredita que não irão corresponder às expectativas de aprendizagem. Além disso, pensar os



métodos, estratégias e abordagens utilizadas pelo professor em suas avaliações também é importante para o desenvolvimento da educação.

É importante ainda considerar que os resultados da educação demoram, às vezes, longos períodos de tempo para se manifestar ou se manifestam em outros campos da vida humana. Assim sendo, as referências para o currículo devem continuar sendo as contidas nas propostas político-pedagógicas das escolas, articuladas às orientações e propostas curriculares dos sistemas, sem reduzir os seus propósitos ao que é avaliado pelos testes de larga escala.

Os resultados dos alunos também devem ser aliados aos resultados das avaliações das escolas e de seus professores, tendo em vista uma educação de qualidade que inclua todos nesta tarefa.

6.6.6. Educação em tempo integral

A escola brasileira é uma das que possui menor número de horas diárias de efetivo trabalho escolar. Não obstante, há reiteradas manifestações da legislação apontando para o seu aumento na perspectiva de uma educação integral (Constituição Federal, artigos 205, 206 e 227; Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 9.089/90; Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96, art. 34; Plano Nacional de Educação, Lei nº 10.172/2001; e Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, Lei nº 11.494/2007).

Considera-se que a proposta educativa da escola de tempo integral poderá contribuir significativamente para a melhoria da qualidade da educação e do rendimento escolar, ao passo em que se exorta os sistemas de ensino a ampliarem a sua oferta. Esse tipo de escola, quando voltada prioritariamente para o atendimento das populações com alto índice de vulnerabilidade social que, não por acaso, encontram-se concentradas em instituições com baixo rendimento dos alunos, situadas em capitais e regiões metropolitanas densamente povoadas, poderá dirimir as desigualdades de acesso à educação, ao conhecimento e à cultura e melhorar o convívio social.

O currículo da escola de tempo integral, concebido como um projeto educativo integrado, deve prever uma jornada escolar de, no mínimo, 7 (sete) horas diárias. A ampliação da jornada poderá ser feita mediante o desenvolvimento de atividades como as de acompanhamento e apoio pedagógico, reforço e aprofundamento da aprendizagem, experimentação e pesquisa científica, cultura e artes, esporte e lazer, tecnologias da comunicação e informação, afirmação da cultura dos direitos humanos, preservação do meio ambiente, promoção da saúde, entre outras, articuladas aos componentes curriculares e áreas de conhecimento, bem como as vivências e práticas socioculturais (BRASIL, 2013, p.127).



6.7. EDUCAÇÃO DO CAMPO, EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA

A Educação do Campo, tratada como educação rural na legislação brasileira, incorpora os espaços da floresta, da pecuária, das minas e da agricultura e se estende também aos espaços pesqueiros, caixaras, ribeirinhos e extrativistas, conforme as Diretrizes para a Educação Básica do Campo (Parecer CNE/CEB nº 36/2001 e Resolução CNE/CEB nº 1/2002, e Parecer CNE/CEB nº 3/2008 e Resolução CNE/CEB nº 2/2008).

A Educação Escolar Indígena e a Educação Escolar Quilombola são, respectivamente, oferecidas em unidades educacionais inscritas em suas terras e culturas e para essas populações estão assegurados direitos específicos na Constituição Federal que lhes permitem valorizar e preservar suas culturas e reafirmar o seu pertencimento étnico.

Os projetos político-pedagógicos das escolas do campo, indígenas e quilombolas devem contemplar a diversidade nos seus aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos, estéticos, de gênero, geração e etnia. A participação das populações locais é importante também para subsidiar as redes escolares e os sistemas de ensino quanto à produção e oferta de materiais escolares e no que diz respeito ao transporte e a equipamentos que atendam as características ambientais e socioculturais das comunidades e as necessidades locais e regionais. Com isso, estarão ampliando as oportunidades de:

- I – reconhecimento de seus modos próprios de vida, suas culturas, tradições e memórias coletivas, como fundamentais para a constituição da identidade das crianças, adolescentes e adultos;
- II – valorização dos saberes e do papel dessas populações na produção de conhecimentos sobre o mundo, seu ambiente natural e cultural, assim como as práticas ambientalmente sustentáveis que utilizam;
- III – reafirmação do pertencimento étnico, no caso das comunidades quilombolas e dos povos indígenas, e do cultivo da língua materna na escola para estes últimos, como elementos importantes de construção da identidade;
- IV – flexibilização, se necessário, do calendário escolar, das rotinas e atividades, tendo em conta as diferenças relativas às atividades econômicas e culturais, mantido o total de horas anuais obrigatórias no currículo;
- V – superação das desigualdades sociais e escolares que afetam essas populações, tendo por garantia o direito à educação (BRASIL, 2013, p.128).



6.8. EDUCAÇÃO ESPECIAL

É dever das escolas executar um processo de inclusão que contemple a melhoria das condições de acesso e de permanência dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades nas classes comuns do ensino regular. Para a sua efetivação, foi criado, pelo Decreto nº 6.571/2008, o atendimento educacional especializado aos alunos da Educação Especial, posteriormente regulamentado pelo Parecer CNE/CEB nº 13/2009 e pela Resolução CNE/CEB nº 4/2009. Esse atendimento, a ser expandido gradativamente com o apoio dos órgãos competentes, não substitui a escolarização regular, sendo complementar à ela. Ele será oferecido no contraturno, em salas de recursos multifuncionais na própria escola, em outra escola ou em centros especializados e será implementado por professores e profissionais com formação especializada, de acordo com plano de atendimento aos alunos que identifique suas necessidades educacionais específicas, defina os recursos necessários e as atividades a serem desenvolvidas.

6.8.1. Educação de Jovens e Adultos

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é voltada para a garantia de formação integral que abrange a alfabetização às diferentes etapas da escolarização ao longo da vida, inclusive àqueles em situação de privação de liberdade, sendo pautada pela inclusão e pela qualidade social.

Conforme a Resolução CNE/CEB nº 3/2010, que institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos, a idade mínima para ingresso nos cursos de EJA e para a realização de exames de conclusão de EJA será de 15 (quinze) anos completos.

Os cursos de EJA, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, serão presenciais e a sua duração ficará a critério de cada sistema de ensino, nos termos do Parecer CNE/CEB nº 29/2006, ao qual remete a Resolução CNE/CEB nº 3./2010. Nos anos finais, ou seja, do 6º ao 9º ano, os cursos, poderão ser presenciais ou a distância, quando devidamente credenciados, e terão 1600 (mil e seiscentas) horas de duração (BRASIL, 2013, p.129).



7. EXERCÍCIOS



1. (UECE-CEV - 2018 - SEDUC-CE - Professor - Geografia)

A leitura geográfica dos conceitos de lugar e paisagem, no ensino de geografia, pressupõem estudos

A) de identidade, com registros de memória social, percepção das relações e elementos que compõem o vivido e a subjetividade.

B) relacionais, que permitem construir uma noção de espaço plano e isotrópico.

C) estruturais, que auxiliam na construção do conhecimento geográfico pela via da escala global.

D) analíticos, que articulam conhecimentos dedutivos na leitura da relação entre natureza e sociedade.

Comentários

O ensino do conceito de lugar na Geografia tem como essência a compreensão das relações sociais, culturais e econômicas de um determinado grupo. As questões do valor simbólico presente em cada lugar, tendo como sentimento de pertencimento e logo, uma questão de identidade, submetendo a subjetividade do cotidiano, tem papel central no ensino da categoria LUGAR na ciência geográfica. O ensino da categoria 'lugar' não deve ser visto apenas como um conteúdo geográfico, mas uma vivência importante a ser destacada pelos estudantes a partir das afetividades e simbolismos de cada um, visto que faz parte do cotidiano em que o sujeito está inserido.

B – Incorreto. Sugerido por Raffestin, em seus estudos sobre o conceito de território, a perspectiva relacional, abordando as relações de poder de um determinado espaço. Raffestin tece uma análise mais econômica e política do território, primando por um estudo do território numa perspectiva relacional.

C – Incorreto. Quando se fala em análise estrutural, a metodologia inerente é o materialismo histórico, que está preocupado em observar não o subjetivo ou as relações identitárias de um lugar (embora existam muitos trabalhos acadêmicos que já trabalham nesta perspectiva) e sim no coletivo. Além disso, o lugar está relacionado com a escala local, e não o global como a questão traz.

D – Incorreto. Nas análises sociais da geografia pouco se emprega os procedimentos orientados numa perspectiva indutiva analítica, já que o método indutivo procura ampliar o alcance dos seus conhecimentos por meio da generalização conceitual, diferente do que o conceito de LUGAR preconiza, visando sempre a singularidade, a subjetividade, a identidade específica de cada lugar.

Gabarito: A



2. (UECE-CEV - 2018 - SEDUC-CE - Professor - Geografia)

Atente para o seguinte excerto: “A cartografia é considerada uma linguagem, um sistema de código de comunicação imprescindível em todas as esferas da aprendizagem em geografia, articulando fatos, conceitos e sistemas conceituais que permitem ler e escrever as características do território”.

Fonte: CASTELLAR, Sonia. A psicologia genética e a aprendizagem no ensino de geografia. In: CASTELLAR, Sonia (organizadora). Educação e geografia – Teorias e práticas docentes. 3ª edição. São Paulo: Contexto, 2014. p. 45.

O texto interpreta a cartografia escolar como

A) uma metodologia de grande auxílio na representação das relações espaciais topológicas, isto é, aquelas que se baseiam na localização dos lugares pelo sistema de paralelos e meridianos.

B) uma opção metodológica para o ensino de geografia, que estrutura um esquema de ação, na medida em que ajuda o estudante na construção progressiva das relações espaciais tanto no plano perceptivo quanto no plano representativo.

C) uma das mais respeitáveis técnicas do saber geográfico, o que implica utilizá-la no ensino de geografia com rigor, não prescindindo de uma escala matemática.

D) um saber técnico que interessa exclusivamente a estudantes em fase avançada de compreensão da geografia, uma vez que requer um conhecimento de medidas de distâncias em graus.

Comentários

Ao entender a cartografia escolar como uma metodologia de ensinar geografia estabelecem-se as estratégias de aprendizagem para o desenvolvimento dos conteúdos que têm como objetivo desenvolver a capacidade de fazer análises geoespaciais para estabelecer conexões, relacionar e analisar os fenômenos.

A – Incorreto. Primeiro precisamos entender o que são as relações espaciais topológicas, que faz parte do processo de alfabetização cartográfica. As relações espaciais topológicas elementares são as relações espaciais que se estabelecem no espaço próximo, usando referenciais elementares como: dentro, fora, ao lado, na frente, perto, longe, etc. Dentro desta perspectiva, para se trabalhar as noções topológicas, deve-se considerar três noções elementares que são: lateralidade, anterioridade e profundidade.

“Lateralidade: corresponde à noção e direita e esquerda que uma pessoa deve desenvolver para se orientar (a direita de, à esquerda de).

Anterioridade: corresponde à noção de ordem e sucessão de objetos no espaço, a partir de um determinado ponto de vista (antes de, depois de, entre, a frente de).

Profundidade: corresponde à noção de posição com relação à variação na vertical (em cima, no alto, em cima de, sobre; abaixo de, o fundo de, debaixo de).” (CASTELLAR, 2005. p. 216-217)



C – Incorreto. Geografia escolar estaria utiliza linguagem cartográfica como metodologia para a construção do conhecimento geográfico, trabalhando fundamentos como: dominar as noções de conservação de quantidade, volume e peso, superar o realismo nominal e compreender as relações espaciais topológicas, projetivas e euclidianas, para estruturar esquema de ação, o que é imprescindível à utilização das escalas matemáticas na elaboração deste processo.

D – Incorreto. A linguagem cartográfica como metodologia é fundamental desde a educação infantil, buscando cada vez mais aprimorar a alfabetização cartográfica para que o aluno possa cada vez mais desenvolver habilidades mentais (classificar, analisar, relacionar, sintetizar, etc) estimulando a percepção, bem como a observação e comparação das influências culturais existentes nos diferentes lugares.

Fonte:

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. Educação geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar. Cad. CEDES [online]. 2005, vol.25, n.66 [cited 2019-07-16], pp.209-225. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622005000200005&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0101-3262. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622005000200005>.

Gabarito: B

3. (UECE-CEV - 2018 - SEDUC-CE - Professor - Geografia)

Considerando a Política Nacional do Meio Ambiente – PNMA –, que foi criada pela Lei Nº 6.938, de 31 de agosto de 1981, assinale a opção que NÃO corresponde a um dos princípios determinados pela PNMA.

- A) Racionalização do uso do solo, do subsolo, da água e do ar.
- B) Não intervenção do Estado na manutenção do equilíbrio ecológico.
- C) Acompanhamento do estado da qualidade ambiental.
- D) Ensino da educação ambiental em todos os níveis de ensino.

Comentários

Primeiro, precisamos entender o que foi a PNMA. A Lei de PNMA foi responsável pela inclusão do componente ambiental na gestão das políticas públicas que consolidou-se na elaboração do Capítulo do Meio Ambiente na Constituição de 1988, transformando a visão sobre a temática ambiental nos empreendimentos brasileiros, culminando num processo fundamental para a evolução do País rumo ao Desenvolvimento Sustentável. Nessa perspectiva, a Política Nacional do Meio Ambiente tinha como objetivo principal, explicitado no Art. 2º: “a preservação, melhoria e recuperação da qualidade ambiental propícia à vida, visando assegurar, no País, condições ao desenvolvimento socioeconômico, aos interesses da segurança nacional e à proteção da dignidade da vida humana”

De acordo com a Lei 6.938/81 (10), a Política Nacional do Meio Ambiente tem várias diretrizes, dentro delas, a primeira já especifica a ação do Estado na gestão do meio ambiente:

I - ação governamental na manutenção do equilíbrio ecológico, considerando o meio ambiente como um patrimônio público a ser necessariamente assegurado e protegido, tendo em vista o uso coletivo;

Além deste dispositivo, a Lei ainda conta com mais 9, sendo eles:

II - racionalização do uso do solo, do subsolo, da água e do ar;

III - planejamento e fiscalização do uso dos recursos ambientais;



- IV - proteção dos ecossistemas, com a preservação de áreas representativas;
- V - controle e zoneamento das atividades potenciais ou efetivamente poluidoras;
- VI - incentivos ao estudo e à pesquisa de tecnologias orientadas para o uso racional e a proteção dos recursos ambientais;
- VII - acompanhamento do estado da qualidade ambiental;
- VIII - recuperação de áreas degradadas;
- IX - proteção de áreas ameaçadas de degradação;
- X - educação ambiental a todos os níveis de ensino, incluindo a educação da comunidade, objetivando capacitá-la para participação ativa na defesa do meio ambiente.

Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6938.htm

Gabarito: B

(CESPE - 2017 - SEDF - Professor de Educação Básica - Geografia)

O redesenho das relações geopolíticas nos espaços mundial, regional e local imprimem novas realidades e expectativas, em particular no campo do ensino da Geografia. Por um lado, pesquisadores e educadores se esforçam para produzir e traduzir o conhecimento acadêmico e científico em conhecimento escolar, com o objetivo de auxiliar na formação dos estudantes; por outro, os resultados escolares vão evidenciando as fragilidades de um modelo de ensino que se esgota a cada dia.

Thiessen, 2011, p. 85 (com adaptações).

No que se refere aos fundamentos teóricos da geografia e às categorias de análise do pensamento geográfico aplicadas ao ensino de geografia, julgue os itens a seguir.

4.

A velocidade das transformações produzidas pela globalização impõe aos professores de geografia a constante atualização e a adoção de metodologias inovadoras de ensino. As redes sociais, o Google Earth, a Internet, os jogos eletrônicos podem contribuir para a prática docente nesse sentido.

Comentários

A prática do ensino de Geografia deve oferecer oportunidades para que os alunos compreendam as transformações no/do espaço geográfico. Nesse contexto de mudanças e transformações do mundo globalizado, muitos recursos e estratégias didáticas têm sido explorados pelos docentes, no ensino de Geografia a fim de tornar a sua prática muito mais prazerosa e efetiva. É preciso adotar metodologias adequadas, utilizando encaminhamentos que propiciem uma aprendizagem significativa do aluno, visto que com o mesmo conteúdo pode ter várias abordagens, pois existe um universo rico em recursos metodológicos a serem adotados pelos professores.

Sendo assim, isso nos leva a indagar à importância de se repensar a prática pedagógicas nas aulas de geografia fazendo com que o professor tenha em mente novas experiências, seja criativo e busque novos instrumentos e recursos que enriqueçam suas aulas de forma a proporcionar aos alunos atividades motivadoras, tendo como foco a melhoria na qualidade do ensino. Nesse cenário, a Geografia tem grande possibilidade de recursos, visto que ela faz parte das transformações ocorridas no mundo. É necessário identificar melhores formas de aproveitar os



benefícios da tecnologia no processo de ensino-aprendizagem e perceber seus impactos e significados, visando desenvolver a percepção e construir os conhecimentos geográficos com o aluno, além de utilizar os recursos propiciados pelas transformações da globalização, mas também refletir o papel da globalização no seu dia-a-dia.

Gabarito: Certo

5.

Considerando-se que a virtualidade não corresponde ao mundo real, o uso de novas tecnologias no ensino de geografia resulta na imposição de um caráter de neutralidade ao conhecimento científico.

Comentários

A começar pela questão abordar o termo muito recorrente nas discussões acadêmicas: neutralidade científica. Muitos pesquisadores acreditam que a neutralidade nas pesquisas científicas são um mito, visto que ela se baseia no pressuposto na objetividade da ciência e na subjetividade dos cientistas em analisá-las, pois desde a escolha do que vai estudar, ou pesquisar, o cientista faz escolhas que são influenciados por diversos motivos: interesses políticos, sociais, econômicos, ambientais, entre tantos outros. A construção da análise a partir da observação dos fatos em si já tende a não neutralidade na cinética. Dito isso, o uso de novas tecnologias no ensino de Geografia não impõe o caráter de neutralidade no conhecimento científico, mesmo porquê o professor pode utilizar os recursos para expor um determinado fato, ou fenômeno geográfico, o que também já limita o termo neutralidade, pois o mesmo (o professor) tem sua subjetividade.

Para além desta superação, o uso de novas tecnologias no ensino de Geografia é imprescindível na contemporaneidade, visto que os sujeitos envolvidos nos processos educativos estão inseridos de alguma forma (ou escala, como preferir) na globalização ou mundialização, conforme aponta o professor Milton Santos. Deve-se usar as novas tecnologias tendo como ferramenta metodológica, a realidade geográfica de forma crítica e consciente. Diante dessa realidade, investe-se na produção de conhecimentos mais abertos, mais articulados e integrados aos diferentes campos científicos, incorporando interpretações menos racionais aos fenômenos e fatos vivenciados. Busca-se a compreensão da complexidade inerente a esses fenômenos e fatos, expressa em um conhecimento interdisciplinar.

(CAVALCANTI, 2010)

Gabarito: Errado

(CESPE - 2017 - SEDF - Professor de Educação Básica - Geografia)

Com relação ao ensino de geografia, julgue os itens subsequentes.

6.

Os trabalhos de campo no ensino/aprendizagem de biogeografia permitem a observação da distribuição das unidades de paisagem, que ocupam de forma igualitária e homogênea o espaço.



Comentários

A biogeografia é a ciência que estuda a distribuição geográfica dos seres vivos no espaço, através do tempo, buscando entender os padrões de organização espacial e os processos que levaram a tais distribuições biológicas. Tendo em vista que esta distribuição no espaço não se dá de maneira igualitária e homogênea, e sim distribuição heterogênea das unidades espaciais, contribuindo para diferentes paisagens no globo, com diferentes recursos naturais e com uma grande biodiversidade. Nesse contexto, o trabalho de campo no ensino/aprendizagem na biogeografia visa proporcionar o fortalecimento do ensino, a pesquisa e observação de fatores bióticos e fisiográficos necessários para o entendimento da distribuição dos seres vivos em escala local e global, contribuindo para um repensar das relações entre a sociedade e a natureza, base fundamental dos estudos voltados para a práxis da educação ambiental. Através do uso de métodos e técnicas específicas, o trabalho de campo leva a compreensão dos processos e leis naturais que determinam e/ou influenciam a dinâmica das paisagens, como também o uso racional do espaço e dos recursos naturais dessa mesma paisagem.

Gabarito: Errado

7.

Ao longo das aulas, cabe ao aluno verificar se os objetivos propostos nos conteúdos programáticos estão sendo atendidos plenamente.

Comentários

Cabe ao professor a reflexão de sua prática, afim de verificar se os objetivos propostos dentro dos conteúdos programáticos estão sendo alcançados e se o entendimento dos alunos está correspondente a dinâmica metodológica utilizada pelo docente. A reflexão na ação traz em si um saber que está presente nas ações profissionais. Diz respeito às observações e às reflexões do profissional em relação ao modo como ele transita em sua prática; a descrição consciente dessas ações pode ocasionar mudanças, conduzindo a novas estratégias pedagógicas para soluções de problemas de aprendizagem. Nesse contexto, o pensamento crítico do docente sobre sua atuação pode levar o profissional a elaborar novas estratégias de atuação, ajustando-se a situações novas que vão surgindo ao longo do desenvolvimento das aulas.

É nesse espaço que exige tamanha agilidade e competência dos profissionais docentes (e aqui dizer profissionais docentes é uma escolha ideológica do entendimento da profissão docente, e não está relacionado ao que muitos chamam de “dom”), sendo uma atividade que necessita de constante questionamento e reformulação para se adequar às exigências e atender às necessidades do aluno. Nesse cenário, é essencial uma mudança de postura dos profissionais da educação, iniciando-se com uma formação crítico-reflexiva de sua atuação, visando sempre a boa qualidade da educação. Isso significa que o conceito de professor como profissional que reflete sobre sua prática deve ser uma preocupação de todos os profissionais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, porém, nunca dissociando teoria e prática na atuação educacional.

Gabarito: Errado



8.

A produção de maquetes da própria sala de aula representa um potencial recurso no processo ensino/aprendizagem dos conteúdos cartográficos, pois propicia a aplicação dos conceitos de localização, coordenadas e orientação.

Comentários

Segundo as orientações do documento dos PCNs, Parâmetros Curriculares Nacionais, o ensino de Geografia deve contribuir para que o aluno consiga “(...) perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles” (BRASIL, 1998, p. 7). Diante desse cenário, vários autores vêm pontuando a importância da produção de maquete para se trabalhar os conteúdos da Geografia (SIMIELLI, 2007 & FRANCISCHETT, 2004). Castrogiovanni (2000, p. 74) destaca que “a maquete é um modelo tridimensional do espaço. Ela funciona como um laboratório geográfico, onde as interações sociais do aluno no seu dia-a-dia são passíveis de serem percebidas quase que na sua totalidade”. Essa produção se faz a partir das informações que os elementos da maquete em si traduzem, assim como de informações que possam ser sobrepostas à maquete e trabalhadas para a elaboração de conceitos e para a compreensão de fenômenos em suas interações, bem como os explicitados pela questão tais como conceitos de localização, coordenadas e orientação. Nesse contexto, as autoras Maria Elena Ramos Simielli, Gisele Girardi e Rosemeire Morone apontam que:

Há [...] um conjunto de conhecimentos básicos da cartografia que são envolvidos no processo de elaboração de uma maquete. Ou seja, há certos conteúdos cartográficos que, ao se fazer a maquete, ganham concretude e são mais facilmente incorporados. A construção da maquete traduz-se, assim, em um processo de educação cartográfica e este raciocínio é válido tanto para as séries iniciais quanto para a aprendizagem na leitura e interpretação de cartas topográficas com estudantes do ensino superior (SIMIELLI, M. E. R.; GIRARDI, G.; MORONE, R; 2007, p. 132-133).

Fonte: SIMIELLI, M. E. R.; GIRARDI, G.; MORONE, R. Maquete de relevo: um recurso didático tridimensional. Boletim Paulista de Geografia. São Paulo, Número 87, p. 131-148, dez. 2007.

Gabarito: Certo

9.

No processo ensino/aprendizagem, é preciso aproximar o aluno da sua própria realidade, criando-se e estabelecendo-se relações para que ele possa interpretar diferentes realidades.

Comentários

Muitas vezes durante o desenvolvimento dos conteúdos de Geografia no cotidiano da sala de aula, as atividades tornam-se cansativas e pouco atrativas para os alunos, principalmente porque nem sempre se buscam metodologias alternativas para motivá-los e o ensino das mesmas estão distantes da realidade que o aluno está inserido, não encontrado similaridade que o ajude a contextualizar o conteúdo aprendido. Com base nesse contexto, percebe-se nitidamente certo distanciamento entre os conteúdos abordados nos ensinamentos de Geografia que vem sendo ofertado nas escolas em relação à realidade dos alunos, pois, desta maneira não consegue acompanhar a dinâmica das transformações que vem se sucedendo ao longo do tempo, e, portanto, sem significado para o aluno, por exemplo, como se não houvesse a necessidade de observar e analisar o lugar de vivência.



Na abordagem da "Pedagogia histórico-crítica", a realidade socio histórica dos sujeitos possibilita a ação dialógica entre educador e educando. Assim, o cotidiano do discente e a realidade a qual ele pertence deve ser relacionada com os conteúdos trabalhados em sala de aula. Nesse cenário, compreendemos que a construção da aprendizagem deve estar fundamentada, levando em consideração a realidade e o conhecimento prévio dos alunos, de modo que os conteúdos apresentados devem fomentar a formação de um pensamento espacial, estimulando o desenvolvimento do pensamento crítico e da autonomia desses sujeitos. Neste sentido percebemos que o professor e/ou "a escola tem o papel de possibilitar o acesso das novas gerações ao mundo do saber sistematizado, do saber metódico, científico. Ela necessita organizar processos, descobrir formas adequadas a essa finalidade" (SAVIANI, 2005: p.89).

Fonte: SAVIANI, Demerval. Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações. 10 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

Gabarito: Certo

10.

No plano de aula, definem-se os objetivos, as estratégias de acompanhamento dos objetivos e o processo de avaliação dos conteúdos de determinada aula.

Comentários

É de suma importância e elementar no ensino de Geografia a prática do planejamento das aulas. No contexto de planejamento, ou melhor, no plano de aula, Almeida (1991) considera que os eixos norteadores do planejamento das aulas de Geografia estão relacionados a duas questões básicas; a primeira relaciona-se com "o que ensinar em Geografia" e a segunda ao "como ensinar Geografia", ou seja: o conteúdo em si a ser abordado em sala de aula, tendo em consideração qual o objetivo na escolha deste tema, e qual a metodologia a ser utilizada pelo professor na abordagem do conteúdo. Nos PCNs, o planejamento das aulas de Geografia deve considerar particularmente o objetivo geral da disciplina para o Ensino Fundamental " [...] conhecer a organização do espaço geográfico e o funcionamento da natureza em suas múltiplas relações, de modo a compreender o papel das sociedades em sua construção e na produção do território, da paisagem e do lugar" (BRASIL, 2000, p. 121).

Fonte: ALMEIDA, Rosângela Doin de. A propósito da questão teórico-metodológica sobre o Ensino de Geografia. In: CORDEIRO, Helena K. et al. Prática de Ensino em Geografia. São Paulo: Terra Livre; AGB, 1991. p. 83-90.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: História e Geografia. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

Gabarito: Certo

11. (CESPE - 2017 - Prefeitura de São Luís - MA - Professor Nível Superior/PNS-A - Geografia)

Vidal de La Blache definiu o objeto da geografia como a relação do homem-natureza, na perspectiva da paisagem. Colocou o homem como um ser ativo, que sofre a influência do meio, mas que atua sobre ele, transformando-o. Observou que as necessidades humanas são condicionadas pela natureza, e que o homem busca as soluções para satisfazer tais necessidades nos materiais e nas condições oferecidas pelo meio.



Antonio Carlos Robert Moraes. Geografia: pequena história crítica. 20.^a ed. São Paulo: Annablume, 2005, p. 81 (com adaptações).

As ideias que fizeram contraponto à tese de Vidal de La Blache no século XIX estão sistematizadas no pensamento de

- A) Karl Marx, que influenciou o desenvolvimento da geografia marxista.
- B) Milton Santos e seu estudo do espaço em objetos e ações.
- C) Yves Lacoste e sua geografia a serviço do Estado Maior.
- D) David Harvey e sua produção capitalista do espaço.
- E) Friedrich Ratzel, alemão e teórico do determinismo geográfico.

Comentários

O pensamento de Vidal de La Blache reflete com precisão o contexto da França no fim do século XIX. Em meio às disputas por colônias na África e na Ásia e à desdobramentos da Guerra Franco-Prussiana, a geografia francesa deste momento convergiu para ser um contraponto à geografia alemã, protagonizada pelo pensamento determinista de Friedrich Ratzel. Em La Blache, a natureza passou a ser vista como possibilidades para ação humana e, este, por sua vez, visto como um ser ativo, já em Ratzel, o homem seria passivo e seu progresso seria condicionante às influências sofridas pela natureza. Muito embora o contraponto entre os autores de nacionalidades rivais tenha sido marcante para o desenvolvimento do pensamento geográfico, ambos se fundamentam na doutrina positivista e no método empírico, advindo das ciências naturais. Estão erradas as alternativas que não relacionam autores contemporâneos à Vidal de La Blache.

A) Incorreta: A geografia marxista só se consolidou na segunda metade do século XX, não podendo ser, então, um contraponto à tese de Vidal de La Blache.

B) Incorreta: O geógrafo brasileiro Milton Santos não foi contemporâneo à La Blache. Suas ideias e proposições tiveram origem na geografia crítica desenvolvida na segunda metade do século XX.

C) Incorreta: A geografia de Yves Lacoste, expressa principalmente em seu livro “A geografia, isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra” de 1976, foi fundamental para o desenvolvimento da geografia crítica, não sendo essa contemporânea ao pensamento positivista de La Blache.

D) Incorreta: A geografia marxista de David Harvey só se consolidou na segunda metade do século XX.

E) Correta: Única alternativa que aponta para um autor contemporâneo à La Blache, Friedrich Ratzel ficou conhecido por expandir ideias deterministas baseadas no positivismo, fundamentando-se na influências da natureza sobre o progresso ou estagnação das sociedades.w

Gabarito: E

(CESPE - 2017 - Instituto Rio Branco - Diplomata)

Com relação aos fundamentos e ao desenvolvimento da geografia científica, julgue (C ou E) os itens a seguir.



12.

Carl Ritter e Alexander Humboldt ofereceram, em suas obras, um discurso que criou a nova ciência geográfica, simultaneamente cosmológica e regional, o que fez do geógrafo um observador da natureza capaz de somar prazer estético e prazer intelectual para compreender as leis naturais; tais princípios estavam presentes no pensamento e na prática nacionalista europeia do final do século XIX, dependentes de análises sistemáticas e particulares sobre o território.

Comentários

Humboldt e Ritter foram responsáveis pela sistematização da geografia no século XIX e são a base da Geografia Tradicional. O primeiro possuía formação naturalista e entendia a geografia como síntese dos conhecimentos relativos à terra, conectando os elementos dispostos na paisagem e suas relações causais com a natureza baseado num modelo empírico lógico, daí a afirmação do subtítulo de sua obra Cosmos “Dos graus de prazer que a contemplação da natureza pode oferecer”. Já Ritter, caminha na direção da regionalização metodológica, propondo estudos sobre os diferentes arranjos de totalidade existentes no mundo, posicionando o homem como protagonista e formando um estudo dos lugares. No período em questão, a Prússia e os Principados alemães tinham desenvolvido o capitalismo sem a transição para um estado burguês, daí o nacionalismo efervescente na europa.

Gabarito: Certo

13.

Atribuir o surgimento da geografia científica — moderna — a Carl Ritter e a Alexander Humboldt é fundamental, mas sem renegar o conhecimento geográfico produzido antes desses autores.

Comentários

A geografia só se tornou conhecimento científico no século XIX sob influências dos naturalistas e em contexto de surgimento do positivismo. No entanto, os saberes entendidos como geografia já eram praticados pelo homem sem esse rótulo. O conhecimento geográfico esteve diluído em meio à representações, descrições e reflexões sobre homem e natureza durante toda a história da humanidade.

Gabarito: Certo

14. (CS-UFG - 2016 - Prefeitura de Goiânia - GO - PE II - Geografia)

Leia o texto a seguir, que apresenta uma abordagem desenvolvida pela ciência geográfica.

[Essa abordagem] divide o estudo geográfico em quadros físicos, humanos e econômicos. Assim, tem-se, por exemplo, nos trabalhos monográficos [...]: a localização da área, por meio de projeções cartográficas; o quadro físico: como relevo, solo, hidrografia, clima, vegetação etc.; a formação histórica de ocupação humana do território; a estrutura agrária; a estrutura urbana; a estrutura industrial etc. Finalmente, apresenta-se uma conclusão, com um conjunto de cartas, objetivando demonstrar uma relação entre os elementos humanos e naturais [...].



RODRIGUES, Auro de Jesus. Geografia: introdução à ciência geográfica. São Paulo: Avercamp, 2008. p. 86.

A abordagem expressa no texto é da Geografia

- A) Pragmática.
- B) Cultural.
- C) Determinista.
- D) Regional.

Comentários

A geografia que trata da descrição e apresentação dos elementos dispostos em uma área determinada surge a partir dos desdobramentos da geografia praticada por Vidal de La Blache. Dessa forma, a geografia regional se consolidou como uma análise dos elementos dispostos em localidades do globo, atentando para as camadas de elementos físicos, como solo, clima e geologia e elementos humanos, abordando economia e organização social. O receituário conhecido da Geografia Regional era um caminho partindo de bases físicas a estruturas sociais e concluído com uma carta expondo as relações entre os fenômenos observados. A popularidade desta vertente tornou quase um sinônimo para a geografia escolar do início do século XX.

- A) Incorreto: A geografia pragmática da segunda metade do século XX buscava uma maior aplicabilidade da geografia regional tradicional para a administração da sociedade, utilizando-se de novas tecnologias e do desenvolvimento da estatística.
- B) Incorreto: O quadro físico de determinada área não é protagonista para a Geografia Cultural.
- C) Incorreto: A proposta determinista da geografia propunha estabelecer as influências do meio natural sobre a formação de determinada sociedade, divergindo do exposto no texto da questão, que indica para a apresentação e descrição dos elementos existentes em uma região. .
- D) Correto: Como exposto, a geografia regional é um conjunto de camadas de observação de elementos físicos e humanos sobre determinada região, normalmente acompanhada de projeções cartográficas expondo as relações entre estes “blocos” de conhecimento.

Gabarito: D

15. (CS-UFG - 2016 - Prefeitura de Goiânia - GO - PE II - Geografia)

Ao longo do desenvolvimento da Geografia, vislumbrou-se uma diversidade de objetos de análise, com vistas ao alcance de cientificidade dessa área do conhecimento. Considerando o contexto atual, uma das principais defesas que tem balizado o debate teórico-metodológico dessa área de conhecimento é o de que essa ciência objetiva

- A) realizar grandes sínteses globais, mediante o inventário e a organização do material coletado, segundo grandes eixos explicativos.
- B) analisar o elemento visível, o real, concebido como aquilo que se apresenta, evidenciando o interesse pelo concreto.



- C) compreender a lógica do arranjo espacial relacionada ao princípio de coerência na ordem espacial.
- D) explicar os fenômenos atuais por meio de uma reconstrução histórica, mediante fatos selecionados.

Comentários

Da geografia da síntese do século XIX até a geografia regional, passando pela geografia neopositivista, a história do pensamento geográfico engloba linhagens amplas para esta ciência. Além de seu desenvolvimento em meio à debates teórico-metodológicos, a geografia também passou por diversas influências do pensamento filosófico, como os estruturalistas nos anos sessenta na França e a chamada geografia pós-moderna, do fim do século XX. Em meio a tantas correntes, o entendimento atual passa pela compreensão de contradições da lógica do arranjo espacial.

- A) Incorreto: A ideia de estabelecer uma síntese global envolvendo material de diferentes eixos remonta à Geografia praticada no século XIX, influenciada pelo naturalismo.
- B) Incorreto: Atualmente entende-se que é preciso ir além do elemento visível para o desenvolvimento do pensamento geográfico, uma vez que o concreto não expõe necessariamente os processos do espaço.
- C) Correto: A compreensão da lógica do arranjo espacial da sociedade capitalista do século XXI e os modos de reprodução desse espaço produzido e suas contradições tem sido uma das escolas de pensamento da atual ciência geográfica.
- D) Incorreto: Esta não é uma linhagem atual do pensamento geográfico, embora muitas vezes seja utilizada para pesquisa.

Gabarito: C

16. (CS-UFG - 2016 - Prefeitura de Goiânia - GO - PE II - Geografia)

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia, um dos eixos temáticos a serem trabalhados no terceiro ciclo do ensino fundamental é

- A) a modernização e a problemática ambiental.
- B) o estudo da natureza e a sua importância para o homem.
- C) a evolução da tecnologia e as novas territorialidades em redes.
- D) a velocidade da informação no mundo urbano e no mundo rural.

Comentários

De acordo com o PCN, no terceiro ciclo (correspondente ao 6º e 7º ANO), o estudo da Geografia poderá recuperar questões relativas à presença e ao papel da natureza e sua relação com a ação dos indivíduos, dos grupos sociais e, de forma geral, da sociedade na construção do espaço. Para tanto, a paisagem local e o espaço vivido são as referências para o professor organizar seu trabalho e, a partir daí, introduzir os alunos nos espaços mundializados. Dentro desta perspectiva, o documento separa os conteúdos a serem trabalhados na disciplina em 4 eixos nesse ciclo. São eles:



- Eixo 1: a Geografia como uma possibilidade de leitura e compreensão do mundo;*
Eixo 2: o estudo da natureza e sua importância para o homem;
Eixo 3: o campo e a cidade como formações socioespaciais;
Eixo 4: a cartografia como instrumento na aproximação dos lugares e do mundo.

Dentro dos eixos apresentados no terceiro ciclo, a única alternativa que a questão traz tendo como eixo é a letra B, que aborda o Eixo 2 neste ciclo. As demais alternativas não estão de acordo com os eixos do terceiro ciclo. Sendo eles:

Letra A – Eixo 3 do Quarto Ciclo.

Letra C – Eixo 1 do Quarto Ciclo.

Letra D – Não é um eixo de nenhum ciclo.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Geografia. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.*

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/geografia.pdf>

Gabarito: B

17. (CS-UFG - 2016 - Prefeitura de Goiânia - GO - PE II - Geografia)

De acordo com diversos autores que discutem a Geografia escolar, é preciso romper com o ensino geográfico dos círculos concêntricos, que se caracterizam pela

- A) articulação entre as escalas de análise em todas as dimensões, possibilitando trabalhar o local com as inter-relações espaciais.
- B) falta de articulações com outras dimensões espaciais, que sucedem uma sequência linear do mais simples e próximo para o mais distante.
- C) utilização integrada de diversas escalas de análise, as quais são definidas com base nos fenômenos representados.
- D) compreensão de que as escalas se sucedem em uma sequência não hierarquizada, o que possibilita a leitura de espaço e de mundo.

Comentários

Antes, precisamos entender o que são os chamados círculos concêntricos no ensino de Geografia. Dentro da organização curricular, principalmente a partir da reforma educacional de 1971, os chamados Círculos Concêntricos se baseavam no nível de desenvolvimento psicológico do aluno, que deveria ir do concreto ao abstrato vencendo etapas de acordo com seu nível de desenvolvimento. Assim, nas primeiras fases de escolaridade iniciava-se o estudo com uma referência mais próxima, a casa e a escola, a comunidade ou o bairro, para, posteriormente, avançar para o município, estado e nação. Ou seja, um conteúdo ensinado de forma linear, sem romper com as diferentes escalas apresentadas na realidade inserida do aluno. Em paralelo, um outro fator importante nesse sentido foi o de que no período já havia discussões relacionadas às Teorias Piagetianas, sendo um reforço à ideia segundo a qual crianças em determinada faixa etária deveriam aprender partindo do concreto, pois não tinham condição de abstrair-se, dando sustento a ideia dos círculos concêntricos. Segundo a Helena Copetti Callai:

Na realidade, esse procedimento constitui mais um problema do que uma solução, pois o mundo é extremamente complexo e, em sua dinamicidade, não acolhe os sujeitos em círculos que se ampliam sucessivamente do mais próximo



para o mais distante. Num mundo em que a informação é veloz e atinge a todos, em todos os lugares, no mesmo instante, não se pode fechar as possibilidades em um estudo a partir de círculos hierarquizados. (CALLAI, 2005, p. 205)

Fonte: CALLAI, Helena Copetti. *Aprendendo o mundo: uma geografia nos anos iniciais do ensino fundamental*. Cad. CEDES, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, agosto de 2005. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622005000200006&lng=en&nrm=iso. acesso em 16 de julho de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622005000200006>

Gabarito: B

18. (CS-UFG - 2016 - Prefeitura de Goiânia - GO - PE II - Geografia)

Leia o texto a seguir.

[...] quando se trata de ensinar as bases da ciência, opera-se uma transmutação pedagógico-didática, em que os conteúdos da ciência se transformam em conteúdos de ensino. Há, pois, uma autonomia relativa dos objetivos sociopedagógicos e dos métodos de ensino, pelo que a matéria de ensino deve organizar-se de modo que seja didaticamente assimilável pelos alunos, conforme idade, nível de desenvolvimento mental, condições prévias de aprendizagem e condições socioculturais.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia, escola e construção de conhecimentos*. Campinas: Papirus, 1998.

No texto, Cavalcanti refere-se à

- A) fragmentação do conhecimento e ao distanciamento da realidade cotidiana dos educandos no processo de ensino-aprendizagem.
- B) importância do desenvolvimento do raciocínio geográfico dos estudantes e à necessidade de selecionar e organizar conteúdos que lhes sejam significativos.
- C) necessidade de considerar o aluno como sujeito do processo de ensino-aprendizagem, tornando o conhecimento científico compreensivo ao educando.
- D) preocupação com uma leitura crítica do espaço em que o aluno vive, pois assim ele conseguirá realizar uma interpretação do espaço geográfico ao seu redor.

Comentários

A seleção de conceitos geográficos básicos para estruturar os conteúdos de ensino precisa levar em consideração a apreensão do espaço geográfico pelos alunos. A necessidade de reconhecer as vinculações da espacialidade das crianças, de sua cultura, com o currículo escolar, com os conteúdos das disciplinas, com os conteúdos da Geografia, com o cotidiano da sala de aula e de todo o espaço escolar é fundamental no processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, quando se trata de motivação, é importante compreender, por um lado, que é papel do professor orientar, direcionar e intervir nos motivos dos alunos, realizando a mediação didática (LIBANEO, 2009). Assim, o trabalho com mapas, cartas, gráficos e tabelas, objetiva a construção do conhecimento geográfico pelos alunos, constituindo importantes instrumentos didáticos na interpretação da realidade espacial, podendo ser utilizado pelo professor de geografia na atividade de construção de mapas mentais de acordo com a percepção de cada aluno, tornando o conhecimento científico compreensível ao educando.



A – Incorreto. O que se combate no ensino de Geografia na atualidade é a fragmentação do conhecimento e ao distanciamento da realidade cotidiana dos educandos no processo de ensino-aprendizagem. Esses processos trazidos pela afirmativa são elementos que muitos autores de ensino em Geografia, que investem-se cada vez mais na produção de conhecimentos mais abertos, mais articulados e integrados aos diferentes campos científicos, incorporando interpretações menos racionais aos fenômenos e fatos vivenciados. O intuito é ir além das análises fragmentadas e dicotômicas do espaço, superando dualidades, cisões, compreendendo assim a realidade como práxis, em sua totalidade.

B – Incorreto. De fato, importância do desenvolvimento do raciocínio geográfico dos estudantes tem grande campo de investigação no ensino de Geografia, atrelado ainda à necessidade de selecionar e organizar conteúdos que lhes sejam significativos, facilitando o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Contudo, é necessário se ater ao que a questão pede: “No texto, Cavalcanti refere-se à”, ou seja, o que a autora diz no texto, deixando bem evidente nas alternativas, principalmente quando ao que se refere neste trecho: “matéria de ensino deve organizar-se de modo que seja didaticamente assimilável pelos alunos”.

D – Incorreto. De fato, a leitura crítica da realidade espacial em que o aluno está inserido é de suma importância para a interpretação do espaço geográfico. Contudo, ela não está sozinha. É necessário, pois, a articulação com os diferentes fenômenos, escalas, conceitos, aspectos culturais, sociais, econômicos, políticos, entre tantas outras categorias geográficas de análise, capaz de vislumbrar um panorama completo na observação e compreensão do espaço geográfico. Além disso, novamente, é necessário se ater ao que a questão pede: “No texto, Cavalcanti refere-se à”, que a afirmativa não corresponde ao texto.

Fonte: CAVALCANTI, Lana de Souza. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010. Belo Horizonte, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. Docência Universitária: formação do pensamento teórico científico e atuação nos motivos dos alunos. In: D’AVILA, Cristina. Ser professor na contemporaneidade: desafios, ludicidade e protagonismo. Curitiba: CRV, 2009.

Gabarito: C

19. (CS-UFG - 2016 - Prefeitura de Goiânia - GO - PE II - Geografia)

Diversos teóricos têm destinado suas pesquisas a identificar e compreender os conhecimentos básicos necessários à docência. Com focos distintos, boa parcela deles assinala que o conteúdo é um dos componentes mais importantes do processo de ensino e aprendizagem. Visto em uma perspectiva crítica de ensino, compreende-se que o conteúdo

- A) objetiva o conhecimento de uma dada matéria, que é acabado em si mesmo.
- B) traz consigo os corpus de saberes necessários ao docente responsável por uma dada disciplina.
- C) diferencia os profissionais diretamente responsáveis pelo processo de ensino e aprendizagem na escola.
- D) deve ser trabalhado pautado na indissociabilidade entre o conhecimento do conteúdo e o conhecimento didático.



Comentários

Na Pedagogia Histórico-Crítica, que empenhou-se em reorganizar o processo educativo, colocou a educação a serviço das transformações das relações sociais. Sua didática procurou traduzir para a sala de aula o processo dialético prática-teoria-prática, que busca a elaboração do conhecimento científico, por meio do método dialético que ajuda na leitura de mundo e de análise da educação. Nesse sentido, ela se expressa numa didática capaz de ser um instrumento de elaboração do conhecimento científico na perspectiva da transformação social. No processo, o professor é de fundamental importância como portador do conhecimento científico, que estará atrelado com sua formação, no conhecimento didático.

A – Incorreto. O conteúdo em si nunca se acaba nele mesmo. O processo de construção do conhecimento nunca é estático em si e termina com o fim da explanação do conteúdo em sala de aula. É ali que começa a práxis do conteúdo. Na medida em que se tem conhecimento, ele é posto em prática e pode ser sempre lido, revisto e transformado.

B – Incorreto. Para a atuação profissional como professor o processo formativo é considerado essencial, especialmente na formação inicial, mas também ao longo da profissão na perspectiva da formação continuada, uma vez que a docência exige constante aperfeiçoamento de práticas, conhecimentos e saberes.

C – Incorreto. Como as outras tendências progressistas, também está preocupada com a função transformadora da educação em relação à sociedade, sem, com isso, negligenciar o processo de construção do conhecimento fundamentado nos conteúdos acumulados pela humanidade. Neste caso, Libâneo (1994), a respeito do papel da escola, diz que “a difusão de conteúdos é a tarefa primordial. Não conteúdos abstratos, mas vivos, concretos e, portanto, indissociáveis das realidades sociais.”

D – Incorreto. O intuito da pedagogia crítica é construir uma teoria pedagógica a partir da compreensão de nossa realidade histórica e social, a fim de tornar possível o papel mediador da educação no processo de transformação social. Nesse sentido, não há uma diferenciação dos papéis dos profissionais relacionados no processo ensino-aprendizagem, visto que o seu papel é de mediador.

Gabarito: D

20. (CS-UFG - 2016 - Prefeitura de Goiânia - GO - PE II - Geografia)

Pesquisas atuais que versam sobre o ensino de Geografia no Brasil, têm comprovado que o livro didático é um material utilizado pela maioria dos professores da educação básica para encaminhar o processo de ensino e aprendizagem. Em paralelo, essas pesquisas têm constatado que esse material tem sido usado como

A) ferramenta de apoio ao professor para encaminhar o processo de ensino e aprendizagem na educação básica.

B) recurso para o desenvolvimento de pesquisas que visem à formação continuada do professor que atua na educação básica.



C) meio de direcionar o processo de ensino e aprendizagem, restringindo a ação e autonomia do professor como sujeito desse processo.

D) recurso didático que favorece considerar o cotidiano do aluno para a construção do conhecimento.

Comentários

O livro didático diante das atuais condições de trabalhos dos professores de Geografia, tem se tornado um instrumento indispensável as suas aulas, sendo um importante complemento pedagógico. Para muitos professores, inclusive, o livro didático são as suas principais fontes de informação e atualização na produção de suas aulas. Ele está caracterizado como peça essencial dentro das escolas, auxiliando os professores no ensino/aprendizado, permanecendo como um instrumento capaz de transmitir conhecimentos que possibilita saberes nos alunos. Contudo, vale lembrar que esses livros didáticos apresentam limitações, já que são produzidos em escala nacional, para atender as diretrizes da política nacional do livro didático (PNLD), o qual muitas vezes deixa de focar especificidades regionais ou locais, cabendo ao professor relacionar esses conteúdos com a vivência e o cotidiano regional/local do aluno.

B – Incorreto. Enquanto fonte de pesquisa acadêmica, o livro didático não é um recurso bem visto para sustentar a fundamentação teórica de um texto, exceto quando ele é o objeto de pesquisa, muito utilizado nas pesquisas em educação nas análises dos livros didáticos e de que maneira os conteúdos são apresentados, ou de que maneira as políticas educacionais são materializadas nos livros, entre outras temáticas.

C – Incorreto. De fato, ele é um meio de direcionar o processo de ensino e aprendizagem, contudo, ele não se esgota em si mesmo, limitando e restringindo a ação pedagógica. É necessário ter bem definido em plano de aula o objetivo de utilizar o livro didático no processo, sendo um importante instrumento de ponto de partida para relacionar com outros recursos e elementos importantes no ensino.

D – Incorreto. Conforme abordado anteriormente, como os livros são construídos em escala nacional a fim de atender as demandas das políticas do PNLD, a realidade local dos alunos não é abordada, cabendo ao professor relacionar o conteúdo ensinado pelo livro didático ao seu cotidiano, numa aproximação de modo a facilitar o processo de ensino e aprendizagem. Contudo, vale salientar que ao final dos livros dos professores há uma cartilha de direcionamento das aulas, ajudando os professores na relação.

Gabarito: A

21. (CS-UFG - 2016 - Prefeitura de Goiânia - GO - PE II - Geografia)

As concepções atuais sobre o ensino de Geografia assentam-se em discussões em torno das similaridades e diferenças entre a Geografia acadêmica e a Geografia escolar, fundamentadas na perspectiva de que

A) o objeto de análise da Geografia constitui um dos elementos que confere identidade aos diferentes níveis de conhecimento geográfico.



- B) a matéria escolar, em virtude de configurar-se como desdobramento da ciência, assentada em uma transposição didática, deriva da disciplina acadêmica.
- C) os conceitos que compõem o arcabouço teórico adotado na escola se diferenciam daqueles que constituem arcabouço da academia.
- D) a linguagem geográfica utilizada na escola resulta de uma simplificação dos conhecimentos acadêmicos, estruturados no interior das categorias de análise geográfica.

Comentários

Em meio as diferentes concepções científicas e filosóficas da Geografia, o espaço, enquanto categoria ocupou lugar no campo de análise geográfica, sendo ele o objeto de estudo desta ciência. Impossível, então, fazer aqui um resgate do objeto, ou melhor, uma tentativa de estabelecer o objeto da Geografia sem levar em consideração o espaço enquanto conceito ou categoria de análise do próprio objeto. Tomando então como ponto de partida a Geografia definiu o espaço como sua área de interesse. Porém, este espaço ao longo do tempo pode ser definido de várias formas, através dos pensamentos e ideologias atribuídas pelo poder social. A tentativa de estabelecer o objeto para a ciência geográfica, e entender sua relevância para a educação enquanto formação ou para o saber escolar, confere a aproximação e identidade comum entre as diferentes abordagens na geografia.

B – Incorreto. De fato, a Geografia escolar tem seu surgimento nos desdobramentos da Geografia enquanto ciência. Assim, as concepções acerca da Geografia como ciência influenciaram “o que” e “de que forma” esta foi ensinada nas escolas. Podemos pegar como exemplo a Geografia nas escolas brasileiras, que teve início no século XIX, inicialmente no Colégio Pedro II, na cidade do Rio de Janeiro, depois foi sendo incorporado ao currículo oficial das demais escolas do país. Segundo Cavalcanti (1998, p. 18), a introdução da disciplina no século XIX teve como objetivo a formação de cidadãos a partir da difusão da ideologia do nacionalismo patriótico. Em momentos marcados por uma concepção positivista, esta ciência traduzia-se numa disciplina que se pautava pela descrição acrítica e determinista da paisagem. A ideia de transposição didática surge com Chevallard, bem recentemente referindo-se como transposição didática à adaptação do conhecimento científico (ensinado nas universidades), para transformá-lo em “conhecimento para ser ensinado” (nas escolas). Na Geografia, as discussões atuais de ensino preconiza não a transposição didática, visto que uma não está desassociada uma da outra, buscando nas formações atuais de professores uma maior aproximação entre os conteúdos aprendidos nas universidades com a prática cotidiana escolar, de modo que o que se aprende na formação inicial tem reflexo direto no ensino da Geografia.

C – Incorreto. Não há desassociação entre os conceitos aprendidos na formação inicial dos professores com aqueles ensinados nas escolas. Os arcabouços conceituais é o mesmo em ambos espaços.

D – Incorreto. Nada melhor que a professora Lana Cavalcanti para explicitar o erro da afirmativa. Para Cavalcanti (1998, p. 25):

Para cumprir os objetivos do ensino de Geografia, sintetizados na ideia de desenvolvimento do raciocínio geográfico, é preciso que se selecionem e se organizem os conteúdos que sejam significativos e socialmente relevantes. A leitura do



mundo do ponto de vista de sua espacialidade demanda a apropriação, pelos alunos, de um conjunto de instrumentos conceituais de interpretação e de questionamento da realidade socioespacial.

Fonte: CAVALCANTI, L. S. Geografia, escola e construção de conhecimentos. Campinas: Papirus, 1998.

Gabarito: A

22. (IF-RS - 2015 - IF-RS - Professor - Geografia)

Na história do pensamento geográfico, surgiu o nome de grandes personalidades oriundas da Escola Alemã e Francesa, que contribuíram para que a Geografia evoluísse e se fortalecesse como Ciência. No livro “O que é Geografia?”, de Ruy Moreira (2009), essa trajetória é apresentada.

Relacione abaixo os geógrafos com as suas características ou particularidades relatadas nesta obra:

1. Elisée Reclus.
2. Friedrich Ratzel.
3. Yves Lacoste.
4. Paul Vidal de La Blache.
5. Pierre George.

() Determinismo Geográfico.

() Nova referência para a Geografia, levando em consideração os sistemas econômico-sociais.

() Homem como natureza, consciente de si mesma.

() Possibilismo e visão acadêmica.

() Escreveu o livro: “Geografia do Subdesenvolvimento” em 1965.

A correlação CORRETA, de cima para baixo é:

- A) 4 – 3 – 5 – 2 – 1.
- B) 2 – 5 – 1 – 4 – 3.
- C) 3 – 4 – 2 – 1 – 5.
- D) 5 – 1 – 4 – 3 – 2.
- E) 1 – 2 – 3 – 5 – 4.

Comentários

1- Elisée Reclus (1830-1905) foi um geógrafo francês do século XIX discípulo de Vidal de La Blache. Foi conhecido por sua formação anarquista e por ter vivido exilado da França. Em sua obra “A terra: descrição dos fenômenos da vida no globo” é que ele desenvolve a ideia de “homem como



natureza, consciente de si mesma”. 2- Friedrich Ratzel (1844-1904) detinha uma visão organicista da sociedade e das influências do meio natural sobre o progresso do Estado. Foi considerado determinista. 3 - Yves Lacoste (1929-) É um geógrafo francês tido como um dos responsáveis pela Geografia Ativa dos anos sessenta na França, originando a Geografia Crítica. Juntamente com “A Geografia - isso serve, antes de mais nada para fazer a guerra”, “Geografia do subdesenvolvimento” é uma de suas obras mais conhecidas. 4- Paul Vidal de La Blache (1845-1918) foi um dos precursores da geografia acadêmica na França. Seus conceitos formaram um contraponto à geografia de Ratzel. Seu pensamento caminhou para a busca da identificação das particularidades de cada área. 5 - Pierre George (1902-2005), geógrafo francês, deu continuidade ao trabalho de Max Sorre, propondo uma renovação. Tratou da organização do espaço geográfico mundial, tomando como referência sistemas econômico-sociais.

A) Incorreto: Pois Vidal de La Blache foi, na verdade, um contraponto ao determinismo geográfico. O restante da numeração também é errado.

B) Correto: A numeração está correta de acordo com o exposto no comentário.

C) Incorreto: Yves Lacoste pertenceu à geografia crítica da segunda metade do século XX, enquanto o determinismo geográfico data do século XIX. O restante da numeração também é errado.

D) Incorreto: Pierre George pertence à outro momento histórico do pensamento geográfico, não podendo ser atribuído ao determinismo geográfico. O restante da numeração também é errado.

E) Incorreto: Reclus era geógrafo da escola francesa, esta fazia contraponto ao determinismo geográfico. O restante da numeração também é errado.

Gabarito: B

23. (IDECAN - 2015 - Colégio Pedro II - Professor - Geografia)

“Rompendo com a ordem medieval, a Renascença deu duas principais direções à geografia. Primeiramente, ela fez nascer a necessidade de um novo modelo cosmológico, a fim de substituir o sistema geocêntrico, o único então aceito pela Igreja. Em segundo lugar, a Renascença, ao adotar a Antiguidade clássica como fonte primordial de toda inspiração, também conduziu a geografia a tirar seus modelos fundamentais deste período.”

(GOMES, Paulo Cesar da Costa. Geografia e modernidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 127.)

Sobre as características da Geografia Clássica, base da Geografia Escolar no século XIX, é correto afirmar que

A) segue os modelos de Estrabão e Ptolomeu, ou seja, a Geografia Descritiva e Matemática, respectivamente.

B) se baseia numa visão cosmológica e regional ao mesmo tempo, como fruto dos projetos científicos de *Humboldt* e *Ritter*.

C) se orienta pelo modelo racionalista ou da ciência positiva empreendido no determinismo ratzeliano.



D) se inspira no modelo vidaliano de análise equilibrada entre Geografia Geral e Geografia Regional.

Comentários

A geografia enquanto ciência só seria sistematizada e entendida por este rótulo no século XIX. Antes disso, o conhecimento geográfico se encontrava diluído em relatos de viagem, filosofia, organização dos fenômenos naturais, descrições e representações. O resgate da chamada Geografia Clássica pelos movimentos renascentistas convergiu para a redescoberta de Ptolomeu e Estrabão. O interesse por Ptolomeu, nascido em 100 D.C, se deu por sua sistematização de dados sobre a terra, acentuando sua geografia matemática e sua visão cosmográfica. Enquanto Estrabão, nascido em 63 A.C, demonstrava uma visão regionalista e descritiva, abordando de conhecimentos naturais a conhecimentos etnográficos e econômicos. Assim, baseado nos pilares da antiguidade clássica, a geografia deu início à sua sistematização.

A) Correta: Estes dois autores clássicos foram fundamentais para a sistematização da geografia após o renascimento. Estrabão adotava uma visão regionalista e descritiva, abordando os mais diferentes temas, tanto de carácter geográfico, mas também da relação do homem com a natureza, enquanto Ptolomeu detinha dados sobre posicionamentos terrestres e representações.

B) Incorreta: Humboldt e Ritter foram fundamentais para a sistematização da geografia no século XIX, movimento que se nutriu dos conhecimentos da chamada geografia clássica.

C) Incorreta: Muito embora formas próximas de racionalismo tenham existido em toda a história do pensamento humano, foi somente no século XIX e início do XX que ela tomou forma, época de dominação ideológica positivista. Dessa forma, o positivismo e o racionalismo não são elementos da antiguidade clássica.

D) Incorreta: O modelo vidaliano é sucessor da chamada geografia clássica.

Gabarito: A

24. (UFMT - 2015 - IF-MT - Professor - Geografia)

No que diz respeito à relação entre as Escolas Geográficas nascidas no âmbito da Evolução do Pensamento Geográfico e a legitimação de interesses de determinados Estados-Nações, marque V para as afirmativas verdadeiras e F para as falsas.

() O Determinismo Geográfico serviu para legitimar a política expansionista bismarckiana, na Alemanha, baseado na supremacia do meio sobre o homem.

() O Possibilismo Geográfico serviu para legitimar a política colonialista francesa na África e na Ásia, baseado na supremacia do homem sobre o meio.

() A Geografia Quantitativa nasceu nos EUA, serviu para legitimar a política de desenvolvimento e o subdesenvolvimento no mundo estão intimamente relacionados à adoção de políticas de planejamento.

() A Geografia Neopositivista nasceu na antiga URSS, baseada em críticas aos postulados utilizados pela Nova Geografia inserida no mundo técnico e no enfrentamento à exploração das camadas populares menos favorecidas da sociedade.



() A Geografia Crítica nasceu na França, com a obra de Paul Claval denominada “A Geografia Serve Antes de Mais Nada Para Fazer a Guerra”, baseada nos pressupostos da justiça social e na essência das lutas entre as classes sociais.

Assinale a sequência correta.

- A) V, V, F, F, F
- B) F, F, V, F, V
- C) F, F, V, V, V
- D) V, V, V, F, F

Comentários

I - Verdadeira: O determinismo exposto por Friedrich Ratzel no fim do século XIX foi responsável por legitimar o expansionismo de Bismarck. Baseava-se nas influências do meio natural sobre o homem e relação entre progresso de uma nação e território num conceito chamado de “Espaço Vital”. II - Verdadeira: Em contraponto ao determinismo de Ratzel, o possibilismo de La Blache ao mesmo tempo que condenava o pensamento alemão, expunha-se como frente ideológica do imperialismo francês na África, fundamentando-se no gênero de vida. III - Verdadeira: A principal característica da Geografia Quantitativa, surgida em meio aos avanços tecnológicos, é a compreensão do mundo pelo uso de modelos matemáticos, baseado na contagem de elementos presentes numa determinada região e sua relação com o progresso, mascarando demais agentes políticos relacionados ao subdesenvolvimento. IV - A Geografia Neopositivista também é um nome dado à Geografia quantitativa, surgida nos EUA. V- A obra em questão foi, na verdade, escrita por Yves Lacoste, importante autor no desenvolvimento da geografia crítica.

- A) Incorreta: Pois a alternativa III é verdadeira
- B) Incorreta: Pois alternativa I e II são corretas e V é falsa
- C) Incorreta: Pois alternativa I e II são corretas e IV e V são falsas
- D) Correta: Pois I, II e III são corretas e IV e V falsas.

Gabarito: D

25. (FGV - 2014 - SEDUC-AM - Professor - Geografia)

Para a maioria dos historiadores da geografia, Alexander Von Humboldt é considerado o primeiro a, verdadeiramente, estabelecer as novas regras do pensamento geográfico moderno.

(Gomes, Paulo Cesar da Costa. Geografia e Modernidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.)

Com relação à obra de Humboldt, analise as afirmativas a seguir.

I. Humboldt retomou a observação direta e a descrição detalhada dos naturalistas e juntou a elas uma preocupação permanente de proceder a comparações gerais e evolutivas.



II. Cada observação de Humboldt era analisada separadamente e em seguida recolocada em conexão com as outras, a fim de resgatar uma verdadeira cadeia explicativa.

III. O olhar de Humboldt tinha por objeto os elementos mais variados do meio físico, mas não se limitava a eles, observava também os elementos sociais.

Assinale:

- A) se somente a afirmativa I está correta.
- B) se somente a afirmativa II está correta.
- C) se somente as afirmativas I e II estão corretas.
- D) se somente as afirmativas II e III estão corretas.
- E) se todas as afirmativas estão corretas.

Comentários

Alexander Von Humboldt (1769-1859) foi uma naturalista alemão, influenciado pelo poeta Goethe e pelo filósofo Schelling. Detinha uma visão holística, tendo descrito em suas decisões desde aspectos geológicos até as diferentes formações de sociedades. I. Correto, pois Humboldt resguardava a tradição naturalista, tendo realizado diversas expedições. II. Correto, pois detinha de conhecimento científico nas mais variadas áreas do conhecimento. Elaborava descrições sobre elementos do meio físico e da sociedade em uma visão holística, compondo uma paisagem. III. Correto, pois Humboldt traçava descrevia e traçava comentários sobre as diferentes formações sociais, integrando este elemento ao seus estudos como naturalista.

- A) Incorreto: Pois II e III também são verdadeiras.
- B) Incorreto: Pois I e III também são verdadeiras.
- C) Incorreto: Pois III também é verdadeira.
- D) Incorreto: Pois I também é verdadeira.
- E) Correto: Pois I, II e III são verdadeiras.

Gabarito: E

26. (CEPERJ - 2013 - SEDUC-RJ - Professor - Geografia)

A origem da geografia é antiga. Desde a Antiguidade, inúmeros pensadores elaboraram estudos que tinham o enfoque geográfico, mesmo que esses estudos permeassem, também, vários outros campos do conhecimento.

Kant, Humboldt, Ritter, Ratzel, La Blache, Lacoste e Santos. São referências no desenvolvimento da ciência geográfica. Cada qual com sua análise, negando e/ou agregando conhecimento, contribuíram para a elaboração da Geografia que conhecemos hoje.

Destacando o posicionamento do geógrafo francês Paul Vidal de La Blache, é correto afirmar que sua contribuição para o desenvolvimento da Geografia está pautada:



- A) na visão denominada determinista, considerando a influência que as questões naturais exercem sobre a humanidade, dando à Geografia um caráter de ciência natural
- B) na crítica ao método puramente descritivo e na defesa do possibilismo, em que os seres humanos são influenciados pela natureza, mas também agem sobre ela, transformando-a.
- C) na distinção entre a geografia dos “Estados-maiores” – a serviço do Estado e do capital –, e a “geografia dos professores” – ensinada nas escolas e presente nos livros didáticos.
- D) na crítica ao atraso tecnológico da geografia tradicional, passando a utilizar sistemas matemáticos e computacionais para a interpretação do espaço geográfico.
- E) no enfoque esquerdista, inspirado nas ideias marxistas, buscando uma renovação da Geografia e sua desvinculação dos interesses dominantes.

Comentários

Paul Vidal de La Blache (1845-1918) construiu uma geografia acadêmica francesa, em meio à reformulação do estado francês e a criação de universidades. Elaborou um contraponto à geografia alemã, esta protagonizada por Ratzel e reconhecida como determinista. Nesta época, a geografia de La Blache representou a ideologia do estado francês em suas ações imperialistas. Seu pensamento rumou para uma identificação das peculiaridades de cada região, registrando a influência da natureza no desenvolvimento humano, mas também a transformação dela pela sociedade. Sua teoria foi conhecida como Possibilismo e foi a partir de seus estudos que a geografia regional se consolidou.

- A) Vidal de La Blache, na verdade, estabeleceu um contraponto à geografia determinista do alemão Ratzel. Ambos refletiam cientificamente os interesses políticos de suas nações.
- B) O conceito de possibilismo foi construído por Vidal de La Blache em contraponto ao determinismo de Ratzel, expondo uma ação também do homem sobre a natureza, em vez de apenas receber influências.
- C) Estes são conceitos fundamentais do livro “A Geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra” (1976) do francês Yves Lacoste.
- D) A alternativa se refere à Geografia Teorética, surgida a partir da modernização de tecnologias nos anos cinquenta. Embora tenha origem na geografia regional, esta não pode ser atribuída à Vidal de La Blache.
- E) Este enfoque é atribuído à escola da geografia crítica, datada da segunda metade do século XX e composta por geógrafos como Milton Santos e Yves Lacoste.

Gabarito: B

27. (IBFC - 2013 - SEAP-DF - Professor - Geografia)

Oliveira (2009), ao tecer algumas considerações sobre os processos de ensino-aprendizagem da Geografia em seus diferentes níveis (pré-escola, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior), argumenta que estes deveriam ser planejados em sua totalidade, compreendendo cada um deles. Conforme recomenda a autora, seus objetivos deveriam corresponder às heterogeneidades, às aspirações e às necessidades das múltiplas clientelas;



respeitar suas diversidades; levar em consideração as diferentes etapas do desenvolvimento intelectual de cada uma e visar à formação do cidadão responsável, consciente, crítico e atuante na realidade em que vive.

Sobre o ensino- aprendizagem em Geografia, julgue os itens a seguir:

I. Vesentini apud Cavalcanti (2005, p. 23), o tipo de geografia é apropriada para o século XXI, ainda é aquela tradicional baseada no modelo “A Terra e o Homem”, onde se memorizavam informações sobrepostas àquele outro modelo que procura “conscientizar” ou doutrinar os alunos, na perspectiva de que haveria um esquema já pronto de sociedade futura.

II. Muitos autores afirmam que o ensino de Geografia nas escolas brasileiras apresenta mudanças perceptíveis, mas ainda mantém uma prática tradicional, tanto no nível Fundamental quanto no nível Médio. Entre eles, destacam-se Cavalcanti (2002, 2003), Carvalho (2004), Simielli (2007), Guimarães (2007), e outros. Essa prática é caracterizada, na maioria dos casos, pelo enciclopedismo, pela utilização excessiva e descontextualizada do livro didático, pelo caráter descritivo, voltado para a memorização e para a reprodução de conteúdos e pela negação dos conhecimentos anteriores dos alunos. Em razão disso, o ensino de Geografia ainda contribui para a reprodução de um conhecimento conteudista, descritivo, desarticulado e fragmentado, dissociado da realidade social.

III. O ensino de geografia no século XXI, portanto, deve deixar o aluno descobrir o mundo em que vivemos, com especial atenção para a globalização e as escalas local e nacional, deve focar criticamente a questão ambiental e as relações sociedade/natureza deve realizar constantemente estudos do meio e deve levar os educandos a interpretar textos, fotos, mapas, paisagens. As diversas representações cartográficas, quando utilizadas ou trabalhadas em sala de aula, com base em uma metodologia que defina tais métodos cartográficos, constituem elementos importantíssimos para a compreensão e localização do espaço.

É correto o que se afirma em:

- A) I, II, III
- B) II, III, apenas
- C) III, apenas.
- D) II, apenas.

Comentários

Vamos as afirmativas:

I – Incorreto. A prática do ensino de Geografia deve oferecer oportunidades para que os alunos compreendam as transformações no/do espaço geográfico. Nesse contexto de mudanças e transformações do mundo globalizado, muitos recursos e estratégias didáticas têm sido explorados pelos docentes, no ensino de Geografia a fim de tornar a sua prática muito mais prazerosa e efetiva. É preciso adotar metodologias adequadas, utilizando encaminhamentos que propiciem uma aprendizagem significativa do aluno, visto que com o mesmo conteúdo pode ter várias



abordagens, pois existe um universo rico em recursos metodológicos a serem adotados pelos professores.

II – Correto. De fato, o ensino de Geografia nas escolas ainda está pautado num ensino tradicional, em que os professores se aparam único e exclusivamente nos livros didáticos e em aulas baseada apenas na metodologia expositiva. Assim, algumas questões são levantadas pela afirmativa: como superar o positivismo da geografia e da educação, em um mundo que está mudado e continua mudando aceleradamente? Segundo Sonia M. Castellar, é necessário aprender a pensar o espaço. E, para isso, é necessário aprender a ler o espaço, “que significa criar condições para que a criança leia o espaço vivido” (CASTELLAR, 2000, p. 30). Sem dúvida, é partindo do lugar, considerando a realidade concreta do espaço vivido do aluno que as amarras do ensino tradicional serão desfeitas. É no cotidiano da própria vivência que as coisas vão acontecendo e, assim, configurando o espaço, dando feição ao lugar. Um lugar que “não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro. A existência naquele espaço exerce um papel revelador sobre o mundo” (Santos, 2000, p. 114).

III – Correto. Por meio da Geografia podemos encontrar uma maneira interessante de conhecer o mundo, de nos reconhecemos como cidadãos e de sermos agentes atuantes na construção do espaço em que vivemos, entendendo as transformações ocorridas no espaço, principalmente no que tange aos processos ambientais, discussões essas muito em voga nesses tempos, principalmente após a divulgação do aumento do desmatamento da Amazônia em 88% no mês de junho de 2019, e a forte pressão dos países europeus nas políticas ambientais brasileiras para que o acordo histórico entre os blocos tenham êxito.

Assim, temos a I incorreta e a II e III corretas.

CASTELLAR, S.M.V. A alfabetização em geografia. Espaços da Escola, Ijuí, v. 10, n. 37, p. 29-46, jul./set. 2000.

SANTOS, M. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2000

Gabarito: B

28. (FUNCEFET - 2011 - Prefeitura de Nilópolis - RJ - Professor - Geografia)

De acordo com os PCNs: uma das características fundamentais da produção acadêmica da Geografia desta última década é justamente a definição de abordagens que considerem as dimensões subjetivas e, portanto, singulares que os homens em sociedade estabelecem com a natureza.

É correto afirmar sobre o ensino atual da Geografia que ele deve ser;

A) centrado na descrição das paisagens e na relação delas com os elementos físicos e biológicos, nos processos de determinação que a natureza estabelece nas culturais locais, regionais e territoriais.

B) focado na descrição das paisagens, na interpretação política e econômica no mundo, nas relações socioculturais e nas múltiplas interações delas com os elementos físicos e biológicos.



C) focado na interpretação política e econômica, nos processos geopolíticos tão importantes na interpretação do mundo contemporâneo e na relação unilateral que a natureza estabelece com a sociedade.

D) centrado somente nos elementos físicos e biológicos, como os trabalhados pela biogeografia, climatologia, oceanografia, hidrografia, geologia do quaternário e outras disciplinas físico-biológicas.

Comentários

De acordo com os PCNs, a “Geografia tem por objetivo estudar as relações entre o processo histórico na formação das sociedades humanas e o funcionamento da natureza por meio da leitura do lugar, do território, a partir de sua paisagem.” E quando se fala em paisagem, o documento especifica que “a análise da paisagem deve focar as dinâmicas de suas transformações e não simplesmente a descrição e o estudo de um mundo aparentemente estático. Isso requer a compreensão da dinâmica entre os processos sociais, físicos e biológicos inseridos em contextos particulares ou gerais” (BRASIL, 2000).

A – Incorreto. O erro da afirmativa está em dizer “nos processos que DETERMINAM [...]”, já há muito tempo superada na geografia. Essa concepção afirma que o homem seria produto do meio, ou seja, as condições naturais é que determinam a vida em sociedade.

C – Incorreto. O erro da afirmativa está em dizer na relação unilateral que a natureza estabelece com a sociedade. Essa relação é bilateral, ou seja, tanto a natureza quanto a sociedade estabelecem ligações e influenciam na maneira que o homem produz o espaço.

D – Incorreto. É necessário estabelecer a relação entre o HOMEM e a NATUREZA e a maneira como essa relação estabelece no espaço geográfico.

Gabarito: B

29. (FUNCEFET - 2011 - Prefeitura de Nilópolis - RJ - Professor - Geografia)

A história da cartografia revela-nos como surgiram os primeiros mapas. Encantamo-nos ao observar os mapas antigos, elaborados pelas diferentes civilizações. Obras como as [...], sobre a pré-história e as sociedades tradicionais, [...] apresenta-nos um acervo de mapas, até chegar aos dias atuais, por meio dos livros e das exposições.

Com base na citação, pode-se afirmar que:

A) a cartografia, como uma ciência do campo das engenharias, contribui pouco para a ciência geográfica e para o seu ensino nas escolas.

B) os mapas apresentam uma função importante no ensino de geografia, pela sua capacidade de representar o espaço geográfico.

C) os mapas não possuem a capacidade de representar o espaço geográfico, não apresentando uma função importante no ensino de geografia.

D) a geografia, como uma ciência do campo das “ciências sociais”, não necessita das chaves de interpretativas produzidas pelos mapas.



Comentários

No âmbito da geografia escolar a cartografia aparece como um elemento importante, pois ela traz consigo um arcabouço de informações e conhecimentos indispensáveis na formação dos alunos. Nesse sentido, a cartografia aparece não como um emaranhado de informações a serem transmitidas, mais sim como uma linguagem a ser ensinada: a linguagem cartográfica. Assim, à cartografia, enquanto conteúdo procedimental e linguagem peculiar da Geografia, cabe um papel essencial na formação do raciocínio espacial, na formação de uma consciência espacial visando a uma atuação autônoma, crítica e transformadora.

A – Incorreto. A cartografia é de suma importância para a Geografia, visto que ela representa a espacialização dos fenômenos, ou seja, ilustra de maneira a entender e interpretar melhor os fenômenos que se materializam no espaço geográfico, sendo de suma importância no fazer geográfico.

C – Incorreto. Ao contrário. Conforme falado anteriormente, a Cartografia tem a capacidade de representar o espaço geográfico e os seus fenômenos. De acordo com os PCNs, “além das informações e análises que se podem obter por meio dos textos em que se usa a linguagem verbal, escrita ou oral, torna-se necessário, também, que essas informações se apresentem espacializadas com localizações e extensões precisas e que possam ser feitas por meio da linguagem gráfica/cartográfica”.

D – Incorreto. A cartografia pode oferecer uma variedade enorme de representações para o estudo dos lugares e do mundo. Fenômenos naturais e sociais poderiam ser estudados de forma analítica e sintética.

Gabarito: B

30. (FUNCEFET - 2011 - Prefeitura de Nilópolis - RJ - Professor - Geografia)

A escola é uma das instâncias de formação da cidadania. A escola, por meio do ensino de Geografia, pode ser um lugar de encontro e confronto entre as diferentes formas de concepção e prática da cidade, cotidianas e científicas.

A partir dessa citação, pode-se afirmar que:

- A) o ensino de geografia pode ser um importante instrumento de construção da cidadania.
- B) o desenvolvimento da cidadania independe dos nossos conhecimentos geográficos.
- C) a construção da cidadania na sua relação com o ensino de geografia está restrita aos conteúdos de geografia humana
- D) as relações entre ensino e aprendizagem na perspectiva socioconstrutivista devem ignorar a noção de cidadania

Comentários

O ensino de Geografia possibilita aos alunos a compreensão de sua posição no conjunto das relações da sociedade com a natureza; como e por que suas ações, individuais ou coletivas, em relação aos valores humanos ou à natureza, têm consequências (tanto para si como para a sociedade).



B – Incorreto. Na busca de uma abordagem relacional, a Geografia trabalha com diferentes noções espaciais e temporais, bem como com os fenômenos sociais, culturais e naturais característicos de cada paisagem, para permitir uma compreensão processual e dinâmica de sua constituição, para identificar e relacionar aquilo que na paisagem representa as heranças das sucessivas relações no tempo entre a sociedade e a natureza em sua interação.

C – Incorreto. O desenvolvimento da cidadania na Geografia deve ser considerado uma totalidade dinâmica em que interagem fatores naturais, sociais, econômicos e políticos. Por ser dinâmica, ela se transforma ao longo dos tempos históricos e as pessoas redefinem suas formas de viver e atuar em sociedade de maneira consciente e crítica de sua realidade.

D – Incorreto. Segundo o socioconstrutivismo, o conhecimento não é uma representação da realidade, mas um mapeamento das ações e operações conceituais viáveis na experiência do indivíduo, perpassando a noção e formação cidadã do sujeito. Portanto, a aprendizagem é um resultado adaptativo que tem natureza social, histórica e cultural.

Cidadão é aquele que exerce seu direito a ter direitos, ativa e democraticamente, o que significa exercer seu direito, inclusive, criar novos direitos e ampliar outros. É no exercício pleno da cidadania que se torna possível, então, transformar direitos formais em direitos reais (CAVALCANTI, 2008, p. 85).

Fonte: CAVALCANTI, L. S. A Geografia escolar e a cidade: Ensaios de Geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas, SP: Papirus, 2008.

Gabarito: A

31. (CESPE - 2011 - SAEB-BA - Professor - Geografia)

Considerando que, para a efetivação de um currículo de geografia em nível nacional, é necessário observar a realidade escolar, repensando as formas de construção do conhecimento, de atitudes e objetivos, dos que ensinam e dos que aprendem, assinale a opção correta.

A) No âmbito do ensino da geografia, aspectos relativos ao espaço da vida cotidiana do aluno e à sua realidade devem ser substituídos por conhecimentos caracterizados pela objetividade e cientificidade.

B) As estratégias de aprendizagem devem considerar, por exemplo, os conflitos sociais, econômicos e culturais, com vistas a promover a formação de cidadãos capazes de intervir na sociedade em que vivem.

C) A construção de um currículo nacional deve ter como alvo principal o desenvolvimento da geografia como disciplina, ampliando seus saberes, com a introdução de metodologias de pesquisa científica.

D) O currículo de geografia deve ser único, adotado em todo o Brasil, a fim de promover a universalização do saber.

Comentários

De acordo com os PCNs, desde as primeiras etapas da escolaridade, o ensino da Geografia pode e deve ter como objetivo mostrar ao aluno que cidadania é também o sentimento de pertencer a uma realidade em que as relações entre a sociedade e a natureza formam um todo integrado (constantemente em transformação) do qual ele faz parte e que, portanto, precisa conhecer e do



qual se pinta membro participante, afetivamente ligado, responsável e comprometido historicamente com os valores humanísticos. Nesse sentido, o ensino de Geografia visando o entendimento dos conflitos sociais, econômicos e culturais inseridos pelos alunos, visando a formação cidadã desses sujeitos de modo a garantir a sua participação na intervenção da sociedade em que vive, deve ser pauta fundamental nas discussões nas salas de aula.

A – Incorreto. Dentro do ensino em Geografia, a realidade inserida dos alunos, bem como seu cotidiano, sua condição social, econômica e cultural devem ser ponto de partida para uma aprendizagem significativa que aproxima os conteúdos dos livros didáticos às suas vivências, de modo a garantir uma leitura de mundo capaz de dar suporte na sua vivência cidadã.

C – Incorreto. A discussão da cientificidade da Geografia enquanto ciência já foi superado, de modo que no âmbito da construção do currículo nacional, a geografia, enquanto ciência que visa discutir as transformações ocorridas no espaço a partir da relação sociedade *versus* natureza.

D – Incorreto. A adoção de um currículo único não é viável e nem desejável em um país com as dimensões territoriais, diversidade cultural e desigualdades sociais como o Brasil.

Gabarito: B

32. (FUNCEFET - 2011 - Prefeitura de Nilópolis - RJ - Professor - Geografia)

Vidal de La Blache definiu o objeto da Geografia como a relação homem-natureza, na perspectiva da paisagem. Colocou o homem como um ser ativo, que sofre influência do meio, porém que atua sobre ele, transformando-o.

Essa corrente do pensamento geográfico denomina-se;

- A) Geografia Crítica.
- B) Determinismo
- C) Possibilismo.
- D) Darwinismo Social.

Comentários

Paul Vidal de La Blache (1845-1918) foi um dos precursores da geografia acadêmica na França. Seus conceitos formaram um contraponto à geografia elaborada na Alemanha por Friedrich Ratzel. Este, por sua vez, foi teórico do determinismo geográfico e apontava para as influências do meio natural sobre o progresso ou fracasso de uma determinada sociedade e para a estruturação do “Espaço Vital” em uma relação organicista com o Estado. La Blache apresentou ideias contrárias às de Ratzel, afirmando que além de ser influenciado pela natureza, o homem também a transformava. Seus estudos seguiram por desvendar as peculiaridades de cada sociedade em sua interação homem-natureza. O contraponto de bases teóricas do pensamento geográfico, no entanto, refletiam as ações políticas do Estado Francês e as ações decorrentes da formação do Estado Alemão.

A) Incorreto: A geografia crítica é uma corrente de pensamento posterior à descrita. À época da formação da geografia crítica, a discussão entre possibilismo e determinismo se encontrava ultrapassada.



- B) Incorreto: As ideias de Paul Vidal de La Blache seguiam em oposição ao determinismo, que pregava as influências do meio sobre o desenvolvimento das sociedades sem considerar a transformação da natureza pelo homem.
- C) Correto: A descrição do enunciado da questão é destinado ao Possibilismo, corrente geográfica atribuída à Paul Vidal de La Blache.
- D) Incorreto: O darwinismo social esteve presente em diferentes medidas na geografia elaborada no século XIX. No entanto, não pode ser atribuído à La Blache, pois este considerava a transformação da natureza pelo homem.

Gabarito: C

33. (CESPE - 2011 - SAEB-BA - Professor - Geografia)

As habilidades a serem desenvolvidas por meio da disciplina geografia no contexto escolar incluem

- A) a enumeração dos atributos físicos e socioeconômicos de um estado ou país.
- B) a leitura, a análise e a interpretação dos códigos específicos da disciplina, tais como mapas, gráficos e tabelas.
- C) o reconhecimento da dicotomia entre sociedade e natureza.
- D) a identificação da disciplina como ciência dos lugares.

Comentários

A geografia escolar manteve-se debaixo da geografia tradicional durante grande parte do século XX no Brasil e, até hoje, é muitas vezes atribuída como uma ciência de enumeração de atributos físicos do território brasileiro. Esta vertente, porém, esteve conectada ao nacionalismo imposto pela ditadura Vargas e pela ditadura militar. Para a ciência geográfica, porém, não basta identificar e enumerar os elementos disponíveis, mas também os relacionar e interpretar de forma a estabelecer uma análise profunda de seu objeto.

- A) Incorreto: Não basta à geografia apenas enumerar ou, ainda, descrever, os atributos físicos e socioeconômicos de um país. Esta vertente é considerada ultrapassada e é comum à geografia escolar praticada em grande parte do século XX no Brasil.
- B) Correto: As habilidades de leitura, análise e interpretação são fundamentais para a geografia escolar atual.
- C) Incorreto: O termo dicotomia aponta para uma divisão entre sociedade e natureza, o que não se sustenta.
- D) Incorreto: A geografia não se limita à apenas ser uma ciência dos lugares.

Gabarito: B



34. (CONSULPLAN - 2010 - Prefeitura de Congonhas - MG - Professor - Geografia)

O processo ensino-aprendizagem na Geografia deve levar em consideração a relação professor e aluno para a construção dos conhecimentos geográficos. Diante disso, assinale a afirmativa INCORRETA:

- A) O professor de Geografia deve colocar-se não somente como um profissional no ensino desta disciplina, mas também como educador.
- B) No ensino de Geografia é recomendável a apresentação de informações soltas e desconectadas de uma preocupação metodológica.
- C) O professor precisa comportar-se didaticamente, valorizando a realidade concreta do aluno.
- D) O aluno deve compreender por meio da Geografia o espaço que o cerca, orientando-o como pessoa e cidadão em relação ao seu comportamento de vida na rua, na cidade e no mundo.
- E) A Geografia deve possibilitar uma leitura e compreensão do mundo.

Comentários

O ensino de Geografia proporciona aos alunos a possibilidade de compreenderem posição no conjunto de interações entre sociedade e natureza. De modo que, um dos objetivos gerais do ensino de Geografia compreende em “conhecer o funcionamento da natureza em suas múltiplas relações, de modo que compreenda o papel das sociedades na construção do território, da paisagem e do lugar”. Tal processo só é possível com o entendimento das relações dos conteúdos geográficos em seus complexos desdobramentos.

A – Correto. Neste sentido, papel do professor é caracterizado como o de mediador entre os significados pessoais dos seus alunos e os culturalmente estabelecidos, promovendo o aprendizado e o desenvolvimento dos mesmos.

C – Correto. É fundamental que a vivência do aluno seja valorizada e que ele possa perceber que a Geografia faz parte do seu cotidiano, trazendo para o interior da sala de aula, com a mediação do professor, a sua experiência. Assim, o espaço vivido pelos alunos pode ser ponto de partida dos estudos permitindo a compreensão de como o local, o regional e o global relacionam-se nesse espaço.

D – Correto. De acordo com Helena Copetti Callai, “do ponto de vista da geografia, esta é a perspectiva para se estudar o espaço: olhando em volta, percebendo o que existe, sabendo analisar as paisagens como o momento instantâneo de uma história que vai acontecendo. Essa é a leitura do mundo da vida, mas que não se esgota metodologicamente nas características de uma geografia viva e atual, assentada em categorias de análise que supõem a história em si, o movimento dos grupos sociais e a sua interligação por meio da ação ou até de interesses envolvidos”.

E – Correto. O olhar espacial (ler o mundo) supõe desencadear o estudo de determinada realidade social verificando as marcas inscritas nesse espaço. O modo como se distribuem os fenômenos e a disposição espacial que assumem representam muitas questões, que por não serem visíveis têm



que ser descortinadas, analisadas através daquilo que a organização espacial está mostrando. (CALLAI, 2000, p. 94)

Fontes:

CALLAI, H. *Estudar o lugar para compreender o mundo*. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). *Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano*. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CALLAI, Helena Copetti. *Aprendendo o mundo: uma geografia nos anos iniciais do ensino fundamental*. Cad. CEDES, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, agosto de 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622005000200006&lng=en&nrm=iso>. acesso em 17 de julho de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622005000200006>.

Gabarito: B

(CESPE - 2010 - SEDU-ES - Professor B — Ensino Fundamental e Médio — Geografia)

Julgue os itens seguintes acerca da evolução do pensamento geográfico e seus reflexos no contexto escolar.

35.

Na escola atual, a exploração do conceito de região deve ter como princípio a diferenciação de áreas.

Comentários

O princípio da diferenciação de áreas ganha força com o filósofo francês Vidal de La Blache no fim do século XIX e início do XX. A escola de geógrafos formado por este pensador, formou a chamada Geografia Regional, filiada à Geografia Tradicional, que caminhou em direção à análise sobre as interações dos fenômenos dispostos em determinada região, em busca das particularidades da interação entre homem e natureza. Dessa forma, a afirmativa está errada, pois esta não é uma escola atual de pensamento geográfico, sendo considerada como superada já na segunda metade do século XX.

Gabarito: Errado

36.

Foi na década de 1970 do século passado, com a geografia crítica, que o espaço aparece, pela primeira vez, como um conceito-chave da geografia.

Comentários

Não foi apenas na Geografia Crítica que o conceito de espaço aparece como conceito-chave. O filósofo Immanuel Kant já apontava reflexões sobre o tema no século XVIII, enquanto na geografia sistematizada da segunda metade do século XIX, o espaço já aparecia na geografia praticada por Friedrich Ratzel, em sua forma de “Espaço Vital”. A escola da geografia política e da geopolítica, muito influenciada pelo próprio Ratzel e pelo contexto da primeira guerra mundial, também se utilizou do termo. No entanto, o conceito ganhou ainda mais centralidade quando passou a ser utilizado pela geografia teórica dos anos cinquenta. Dessa forma, não é correto dizer que o Espaço se apresentou como conceito-chave apenas na geografia crítica.

Gabarito: Errado



37. (CESPE - 2010 - Instituto Rio Branco - Diplomata - 1ª Etapa A)

Os primeiros anos da modernidade são marcados pela produção de uma enorme quantidade de dados e de informações dificilmente tratáveis de maneira sistemática pela ciência da época. A ausência de segmentação no seio da ciência impossibilitava a análise de certos temas particulares nascidos desses dados. Assim, a partir do início do século XIX, os domínios disciplinares específicos organizaram-se definindo seu objeto próprio em torno dessas questões.

Paulo César da Costa Gomes. Geografia e modernidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 149 (com adaptações).

A partir do texto acima, assinale a opção correta acerca da história do pensamento geográfico e da institucionalização da geografia como ciência.

A) A institucionalização da geografia como disciplina acadêmica originou-se na França, com os estudos regionais empreendidos pelos herdeiros do Iluminismo do século XVIII, como Vidal de La Blache.

B) A geografia firmou-se como domínio disciplinar específico na Antiguidade, com obras de geógrafos como Estrabão e Ptolomeu, que delimitaram o objeto de estudo próprio da nova disciplina que surgia: o espaço terrestre.

C) Grande parte dos historiadores da geografia atribui a Alexander von Humboldt a responsabilidade pelo estabelecimento das novas regras do pensamento geográfico moderno, visto que ele rompeu com o enciclopedismo francês e abandonou as narrativas de viagens e as cosmografias.

D) A geografia moderna tornou-se científica com a ascensão do possibilismo, cujos ideais, já em meados do século XIX, superaram as ideias deterministas e naturalistas em voga no início do século.

E) A geografia científica, que surgiu a partir do século XIX, com as obras de Alexander von Humboldt e Carl Ritter, foi influenciada pelo saber geográfico anteriormente produzido e pelo sistema filosófico de Immanuel Kant, que considerava a geografia uma ciência ao mesmo tempo geral/sistemática e empírica/regional.

Comentários

Ao contrário de outras ciências, a geografia só se formou enquanto tal no fim do século XVIII e início do século XIX. A sistematização vai ocorrer principalmente com Alexander Von Humboldt (1769-1859) e Carl Ritter (1779-1859) nos estados e principados que formaram a Alemanha. Dessa maneira, a geografia nasce sob forte influência do pensamento alemão e com a contribuição deste. No processo de institucionalização da ciência geográfica houve resgate de pensadores da antiguidade, entre eles Estrabão e Ptolomeu e seus estudos sobre a terra, que elaboraram um conhecimento geográfico sem estar sob o rótulo da geografia. Inicialmente, a geografia foi considerada uma ciência da síntese, recebendo influências do naturalismo e do positivismo do século XIX.



- A) Incorreto: O geógrafo Paul Vidal de La Blache não vivenciou o século XVII e a geografia não possui origens na França.
- B) Incorreto: Embora os conhecimentos de Estrabão e Ptolomeu tenham sido resgatados pela ciência geográfica, estes não formaram uma geografia enquanto domínio disciplinar, mas sim elaboraram um conhecimento geográfico. A geografia foi sistematizada apenas no século XIX.
- C) Incorreto: As narrativas de viagem e as cosmografias são justamente parte da contribuição de Alexander Von Humboldt para a sistematização da geografia no século XIX.
- D) Incorreto: As ideias deterministas e naturalistas estavam em vigor no século XIX. Além disso, não foi o possibilismo o responsável pela sistematização da geografia.
- E) Correto: Como corretamente atribuído, Alexander Von Humboldt e Carl Ritter foram responsáveis pelas primeiras sistematizações da ciência geográfica, recebendo influências do pensamento alemão. O filósofo Immanuel Kant, como descrito, já se debruçava sobre a geografia.

Gabarito: E

(CESPE - 2010 - SEDU-ES - Professor B — Ensino Fundamental e Médio — Geografia)

A cerca das metodologias de ensino de geografia, julgue os itens que se seguem.

38.

A importância metodológica das representações cartográficas para a compreensão de determinados conteúdos reside no fato de que os textos necessitam de complementação ilustrativa, com os fenômenos localizados no espaço geográfico.

Comentários

Segundo Simielli (1996), os mapas apresentam-se como um importante elemento de trabalho e como uma forma de linguagem. Sendo assim, podemos entender o mapa como um gênero textual a ser utilizado para compreensão de determinados fenômenos e fato dentro de um contexto abordado em textos que necessitam de complementação ilustrativa. Contudo, ele não é meramente um elemento ilustrativo. A utilização da cartografia deve ser para além de ilustração, pois para Sonia Castellar:

A cartografia, então, é considerada uma linguagem, um sistema código de comunicação imprescindível em todas as esferas da aprendizagem em geografia, articulando fatos, conceitos e sistemas conceituais que permitem ser e escrever as características do território. Nesse contexto, ela é uma opção metodológica, que implica utilizá-la em todos os conteúdos da geografia, para identificar e conhecer não apenas a localização dos países, mas entender as relações entre eles, compreender os conflitos e a ocupação do espaço (CASTELLAR, 2005, p. 216).

O mapa traz consigo informações cuja interpretação ocorre através da leitura e compreensão do mesmo. Dentro de um texto, ele pode ser uma ferramenta interpretativa ou de síntese dos fenômenos apresentados no corpo do texto. Partindo desse pressuposto Souza e Katuta (2001) apontam que:

Ler mapas, como se fossem um texto escrito, ao contrário do que parece, não é uma atividade tão simples assim, para que isso ocorra, faz-se necessário aprender, além do alfabeto cartográfico, a leitura propriamente dita, entendida aqui não apenas como mera decodificação de símbolos. As noções, as habilidades e os conceitos de orientação e localização geográficas fazem parte de um conjunto de conhecimentos necessários, juntamente com muitos outros conceitos e



informações, para que a leitura de mapas ocorra de forma que o aluno possa construir um entendimento geográfico da realidade (p. 51).

Fontes: CASTELLAR, S. M. V. Educação geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar.: Caderno Cedes, Campinas, n.25, p.209-225, 2005.

SIMIELLI, M. E. R. Cartografia e Ensino – Proposta e Contraponto de uma Obra Didática. Livre Docência Departamento de Geografia, FFLCH/USP, São Paulo, 1996.

SOUZA, J. G. de; KATUTA, A. M. Geografia e conhecimentos cartográficos: A cartografia no movimento de renovação da geografia brasileira e a importância do uso de mapas. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

Gabarito: Certo

39.

O dinamismo dos meios de comunicação é um problema para o ensino de geografia, uma vez que os estudantes, hoje, obtêm mais informações por meio de TV, Internet, revistas, entre outros, que pelos livros didáticos.

Comentários

Primeiro, o dinamismo dos meios de comunicação NÃO é um problema no ensino de Geografia. É, pois, antes de tudo, um bom exemplo de instrumento capaz de auxiliar no processo educativo, sendo tema de discussões das aulas, ou ainda ferramenta metodológica como recursos em planos de aula. Atualmente, os meios de comunicação têm forte papel na geografia escolar, sendo imprescindível pensarmos na educação dissociando-a das tecnologias, que bem empregadas podem facilitar o trabalho docente e ainda estimular a aprendizagem dos alunos na busca e construção do conhecimento. Segundo, é o fato de a questão trazer o comparativo (e aqui, por questão de escolha, ela aborda numa perspectiva de contraposição) entre os meios de comunicação *versus* o livro didático. No ensino de Geografia, é necessário levar em consideração os diferentes recursos e instrumentos no processo educativo. Cada veículo de comunicação tem o seu papel na construção do conhecimento: o livro didático possui o seu papel, o jornal, a revista, a TV, a internet, entre outros. Cabe o professor saber selecionar e mediar, por meio de planos de aulas que utilizem esses recursos, muito bem estruturados com objetivos bem específicos na abordagem desses instrumentos em salas de aula. O ensino da Geografia precisa dar conta da realidade no contexto da era da globalização, considerando o papel que a informação e a comunicação alcançaram em todos os aspectos da vida social. É preciso formar, portanto, cidadãos capazes de criticar e não somente absorver tudo aquilo que lhe é oferecido. Para Freire (1980) o homem não pode participar ativamente da história, da sociedade, da transformação da realidade, se não for auxiliado a tomar consciência da realidade e de sua própria capacidade para transformá-la.

Fonte: FREIRE, P. Conscientização: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980.

Gabarito: Errado

40.

A dinamização de fatos concretos da realidade geográfica é a proposta de metodologia que pode contribuir para o estudante compreender a organização do espaço geográfico, dando condições para se estabelecerem análises do mesmo, buscando evitar a facilidade para a realização de uma pesquisa de observação que se restrinja somente à descrição.



Comentários

Assegurar que efetivamente o processo de ensino-aprendizagem realmente ocorra através da definição de metodologias que conduzam e enriqueçam a sistematização dos procedimentos de adquirir conhecimentos significativos, é a tarefa pelo qual os professores de geografia precisam se ater na elaboração de planos de aula na hora da escolha metodológica. Um exemplo da dinamização de fatos concretos na realidade geográfica é o trabalho de campo como metodologia de ensino. Essa metodologia pode contribuir significativamente no processo de ensino aprendizagem, instigando o aluno a olhar de forma mais crítica para a realidade que o cerca, e, principalmente, compreender que a paisagem visualizada é resultado de relações sociais, políticas e econômicas, a qual não se manifesta concretamente. Tal análise só será feita de forma eficiente se antes o professor trabalhar os fenômenos que serão observados em sala de aula, conceitualizando-os, explicando-os, relacionando-os de modo que o aluno entenda a organização do espaço geográfico, e em campo, poderá sistematizar e consolidar o conteúdo aprendido em sala de aula. E ainda, perceber a paisagem como resultado de múltiplas relações humanas, estando em constante processo de transformação, sendo o próprio aluno coparticipante dessa dinâmica.

Gabarito: Certo

41. (CESPE - 2010 - SEDU-ES - Professor B — Ensino Fundamental e Médio — Geografia)

Julgue o item seguinte quanto ao espaço como construção social e luta política.

Diferentemente de outras disciplinas sociais, a geografia brasileira possui pouca tradição na abordagem de gênero; e o espaço, conceito-chave da ciência geográfica, tem sido analisado a partir de uma ótica masculina.

Comentários

A evolução da Geografia enquanto ciência tem sido muito peculiar, centrada nas análises espaciais, por muito tempo ignorou sistematicamente a variável gênero como elemento de diferenciação social. Considerando a sociedade como um conjunto neutro, assexuado e homogêneo, sem levantar as profundas diferenças que existem entre homens e mulheres na utilização do espaço. No entanto, embora a Geografia incorpore com atraso as abordagens de gênero, sua expansão e aceitação tem sido rápida, porque o conceito de gênero permite compreender as relações sociais, especificamente, como os sexos contribuem para reprodução social. A Geografia brasileira iniciou seus estudos sobre gênero na década de 1970-1980, e atualmente ela tem sido cada vez mais trabalhada e segundo Reis (2015, p. 3) “o conceito de gênero permite compreender as relações sociais, especificamente como os sexos contribuem para a reprodução social”. Não só o recorte de gênero mas também novas categorias de análise como identidades, estilos de vida, movimentos sociais tem ganhado espaço nas pesquisas geográficas, dando lugar a uma grande diversidade de arranjos singulares. Nesse cenário, a Geografia pode ajudar no entendimento da relação entre gênero e espaço.

Gabarito: Errado



(CESPE - 2010 - SEDU-ES - Professor B — Ensino Fundamental e Médio — Geografia)

Julgue os itens seguintes acerca da evolução do pensamento geográfico e seus reflexos no contexto escolar.

42.

Com a geografia crítica, a geografia e o seu ensino passam a se preocupar com a dinâmica da sociedade na construção do espaço geográfico.

Comentários

No Brasil, a Geografia Crítica chegou nos fins da década de 1970. Enquanto concepção geográfica, a leitura de mundo pelo viés da Geografia crítica apresenta um corpo metodológico que fundamenta as análises propostas, tendo o materialismo histórico como método de investigação pelo qual se dará todo o processo de entendimento da realidade. O método permite a visualização do mundo como forma de ler a sociedade, o objeto de estudo é a construção do espaço geográfico. O entendimento da história também adquire importância nesse contexto, pois, enquanto categoria de análise permite transpor a subjetividade para a realidade. Contudo, entende-se a história aqui como uma produção social, como relação entre os homens, como modo pelo qual as coisas se processam, sendo o fato compreendido a partir do real. Toda a esfera social que, por sua vez é determinada pela lógica material como categoria de análise, constitui um conjunto de conceitos estruturantes dos pressupostos do método no estudo da realidade.

Gabarito: Certo

43.

Na escola atual, a exploração do conceito de região deve ter como princípio a diferenciação de áreas.

Comentários

O termo região é bastante utilizado na análise geográfica e na prática cotidiana, além de ser, convencionalmente, conteúdo curricular de ensino em quase todo o 7º Ano (o conteúdo programático desse ano geralmente diz respeito ao estudo regional do Brasil). Para Cavalcanti (2003, p.103), “a região é considerada uma entidade concreta, resultado de múltiplas determinações, ou seja, da efetivação dos mecanismos de regionalização sobre um quadro territorial já previamente ocupado”. Compreende-se o conceito de região na atualidade, como uma área formada por articulações particulares no quadro de uma sociedade globalizada. No ensino de Geografia, é necessário fazer a dissociação da região com outros conceitos geográficos, pois este conceito faz parte da vivência do aluno, porque a palavra “região” é bastante utilizada no cotidiano das pessoas. Por exemplo, é comum as pessoas fazerem referência da região onde nasceram ou onde foram criadas. Mas para o aprendizado do conceito região e seus significados, é necessário fazer alguns questionamentos: como podemos definir uma região? Qual a importância e o significado da região nos estudos geográficos? Assim, na construção do conceito, é necessário explicar as diferenças entre os conceitos geográficos, bem como outras categorias de análise, visto que região é definida a partir de recortes múltiplos, destacando-se, nesses recortes, elementos fundamentais, como a relação de pertencimento entre identidade entre homens e seu território,



as políticas praticadas nas regiões, a questão do controle e gestão de um território, as relações culturais e sociais comuns a determinados grupos, entre outros elementos estruturantes do conceito região.

Gabarito: Certo

44. (CESPE - 2010 - SEDU-ES - Professor B — Ensino Fundamental e Médio — Geografia)

Uma das atribuições da ciência geográfica perante o contexto social é fornecer análise espacial integrada a respeito dos fatos que ocorrem no espaço geográfico. Tal demanda leva ao geógrafo o desafio de entender as abordagens envolvendo o lugar, a paisagem, o território, entre outras unidades espaciais. Com base nesse assunto, julgue o item subsequente.

A concepção de fronteira, na geopolítica, deve ser mantida com a visão exclusiva de linhas no mapa, as quais traduzem limites espaciais e socioeconômicos de uma formação histórico-social.

Comentários

A concepção de fronteira tem sido empregue hoje em vários sentidos, que vão desde o limite entre dois países (talvez o de uso mais frequente) até em sentidos simbólicos ou figurados, como: fronteira social, fronteira moral, fronteira epistemológica, fronteira militar, fronteira entre consciente e inconsciente, fronteira entre o bem e o mal etc. A história da geografia das fronteiras nos mostra que, desde o surgimento da palavra na linguagem, fronteira vai adquirir significados diversos e vai responder as necessidades dos grupos no tempo e no espaço. Atualmente, a menção e o uso da palavra fronteiram não sugere apenas uma linha de demarcação em determinado espaço geográfico ou lugar unidimensional da vida política, onde um Estado ou nação acaba e outro começa. O conceito de fronteira na geopolítica sofreu modificações e incorporou novos elementos ao longo do tempo, pelo próprio desdobramento das sociedades, pelo desenvolvimento de novas técnicas de produção e pelas próprias mudanças políticas, econômicas e culturais, sendo desassociado com a visão tradicional entre as linhas no mapa, traduzidas em limites espaciais e socioeconômicos. Elas são mais dinâmicas e, utilizando um termo bem recorrente na pós-modernidade, mais fluida e diluída nas relações em que ela se insere.

Gabarito: Errado

45. (CESPE - 2006 - Instituto Rio Branco - Diplomata - 2ª Etapa DELTA)

O geógrafo Milton Santos define espaço como acumulação desigual de tempos.

Conforme sejam compatíveis com essa definição, julgue (C ou E) o item a seguir.

O espaço transcende o contexto social.

Comentários

Para o pensamento do geógrafo brasileiro Milton Santos, o espaço geográfico é um conjunto de sistemas de objetos e ações, isto é, ações humanas, num processo de transformação do meio



natural e social. Dessa forma, não seria correto dizer que o espaço transcende, ou seja, supera, excede, o contexto social, pois, não haveria espaço sem relações sociais.

Gabarito: Errado

(CESPE - 2008 - SEPLAG-DF - Professor - Geografia)

Acerca das metodologias de ensino em geografia, julgue os próximos itens.

46.

A atividade de campo, no ensino de Geografia, se bem construída, pode despertar o interesse dos alunos e colocá-los frente a um desafio a ser vencido. Assim, o instrumental necessário para vencer o obstáculo passa a ser não apenas concreto, mas também útil e necessário.

Comentários

O trabalho de campo na Geografia Escolar tem um papel fundamental no que tange seu desenvolvimento crítico e cognitivo. Entende-se que, rompendo os muros da sala de aula, por intermédio de trabalhos de campo, o ensino de geografia contribuirá para diferentes leituras de reflexão do espaço. Ela é chamada de trabalho de campo, pois possui uma metodologia específica, possui planejamento e objetivos bem específicos dentro do ensino de Geografia. Os geógrafos que sistematizaram a ciência geográfica já apontaram a importância do trabalho de campo no fazer geografia. Assim, muitos utilizam a frase “o laboratório do geógrafo é o mundo”. Essa frase é bem clichê, mas revela a essência da geografia: o campo não se dá por si só, ele é o momento de fazer a relação com a teoria, fundamental na formação do conhecimento. Assim, há uma relação direta entre o que está sendo trabalhado em sala de aula, com a prática do campo. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, que normatiza e orienta o que se deve ensinar em Geografia, o professor não deve se colar unicamente como um profissional no ensino de Geografia, mas um educador que busca a realidade dos seus alunos para mostrar que importância tem a Geografia para a compreensão do seu cotidiano, e o campo dá base para que a relação entre a realidade do aluno, com o conteúdo abordado em sala de aula concretize.

Gabarito: Certo

47.

O ensino de Geografia em todos os níveis se apoia em elementos culturais como músicas, poemas, filmes, entre outros. Essa é uma prática pedagógica que facilita a relação ensino-aprendizagem e, nesse caso, o professor tem a liberdade de escolher um elemento destes aleatoriamente e levar para a sala de aula, sem a exigência de um planejamento anterior.

Comentários

A escolha não é aleatória e sem planejamento. O professor nunca deve ir para a sala de aula sem antes ter bem definido o seu objeto e sua metodologia de ensino para o desenvolvimento de sua aula. O ensino de Geografia tem muito a contribuir no processo de ensino e aprendizagem, pois, é própria desta disciplina a interpretação, a análise, a criticidade e a reflexão. Ao utilizarmos formas variadas no processo pedagógico com diferentes metodologias temos maiores possibilidades de alcançar melhores resultados no que se refere ao processo de ensino e aprendizagem. É



fundamental, assim, que o professor crie e planeje situações de aprendizagem em que os alunos possam conhecer e utilizar os procedimentos de estudos geográficos. A observação, descrição, analogia e síntese são procedimentos importantes e podem ser praticados para que os alunos possam aprender a explicar, compreender e representar os processos de construção dos diferentes tipos de paisagens, territórios e lugares.

O ensino da Geografia no século XXI, portanto, deve perseguir vários objetivos. Deve ensinar, ou melhor, deixar o aluno descobrir e refletir sobre o mundo em que vivemos com especial atenção para a globalização e para a escala local, isto é, do lugar de vivência dos alunos. (VESENTINI, 2009, p.92).

Fonte: VESENTINI, Willian José. Repensando a Geografia Escolar para o século XXI. São Paulo: Plêiade, 2009.

Gabarito: Errado

48.

Uma concepção metodológica atual a respeito do ensino da Geografia propõe a substituição de esquemas já construídos, ampliando as construções e provocando reflexões, incentivando o pensamento autônomo e significativo, que desperte o desafio e a satisfação do saber que vem da construção.

Comentários

Na contemporaneidade, há a necessidade da criação de novos métodos abrangentes sobre os significados e os conceitos na educação. Dessa forma, a apropriação dos conhecimentos dos alunos tem por finalidade construir ou reconstruir novos saberes geográficos, com a efetiva mediação do professor para então, desenvolver e transformar tais concepções desalinhadas em um conjunto de ações compostas por conteúdos e habilidades relevantes, a serem trabalhadas em sala de aula. Vale salientar nesse contexto, que um ensino crítico da Geografia não se limita a uma renovação do conteúdo, mas sim implicam na valorização e amplitude de diversos fatores relativos aos conhecimentos em diferentes escalas, além do desenvolvimento das habilidades nos alunos, atribuindo ao professor a importante tarefa de inovar seu fazer pedagógico. Dessa forma, a seleção dos assuntos trabalhados em Geografia deve englobar a multidisciplinaridade e envolver o aluno de forma a compreender a vivência do homem, em suas transformações e a maneira como ele interage com o espaço, transformando-o conforme suas necessidades e ambições. Assim, conforme aponta Lana Cavalcanti, a Geografia “[...] tem procurado pensar seu papel nessa sociedade em mudança, indicando novos conteúdos, reafirmando outros, reatualizando alguns outros [...]” (CAVALCANTI, 2002, p.11).

Fonte: CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia e prática de ensino. Goiânia: Alternativa, 2002.

Gabarito: Certo

49. (CESPE - 2008 - SEPLAG-DF - Professor - Geografia)

Como toda ciência, a Geografia possui alguns conceitos-chave capazes de sintetizarem a sua objetivação, isto é, o ângulo que confere à Geografia a sua identidade e sua autonomia relativa no âmbito das ciências sociais. Como ciência social, a Geografia tem como objeto de estudo a sociedade, que, no entanto, é objetivada via cinco conceitos-chave que guardam entre si forte grau de parentesco, pois todos se referem à ação humana modelando a superfície terrestre: paisagem, região, espaço, lugar e território.



Iná E. Castro, Paulo César C, Gomes e Ribeiro L. Correa. Geografia: Conselhos e temas.
Bertrand do Brasil.

Considerando o texto acima e suas implicações, julgue o item a seguir.

No ensino da Geografia escolar, está presente o conceito de lugar, devendo estar claro que as escalas local e global não estão dissociadas.

Comentários

O ensino de Geografia é permeado por várias reflexões quanto as suas práticas e os métodos utilizados. Dentre as práticas, podemos destacar nos espaços escolares um crescente na busca de um ensino dos conceitos geográficos pautados na proximidade da realidade socioespacial inserida na vivência dos alunos. Assim, torna-se fundamental o ensino do conceito 'Lugar' no meio escolar como forma de trazer os alunos para uma Geografia mais próxima de sua realidade. De tal modo, o lugar deve ser uma referência constante, mediando o processo ensino e aprendizagem, considerando o aluno como sujeito ativo (CAVALCANTI, 2012). A escola, nessa perspectiva, constitui-se local de troca de experiências vividas e, por isso, um espaço privilegiado na sociedade em que vivemos.

Dentro desta perspectiva, o lugar é uma construção a partir da experiência no próprio espaço escolar, sendo importante na construção de conhecimentos que sejam significativos. Nesse contexto, exige-se do docente uma prática pedagógica que fuja das metodologias de ensino tradicional e que seja compatível com a formação do sujeito do século XXI. O lugar, assim, se apresenta como uma das alternativas através das quais é possível conhecer os significados e valores que são construídos pelos indivíduos no espaço.

Fonte:

CAVALCANTI, L. S. *Geografia e práticas de ensino. Goiânia: Alternativa, 2002.*

_____. *O ensino de Geografia na escola. Campinas, SP: Papirus, 2012.*

Gabarito: Certo





1. (UECE-CEV - 2018 - SEDUC-CE - Professor - Geografia)

A leitura geográfica dos conceitos de lugar e paisagem, no ensino de geografia, pressupõem estudos

- A) de identidade, com registros de memória social, percepção das relações e elementos que compõem o vivido e a subjetividade.
- B) relacionais, que permitem construir uma noção de espaço plano e isotrópico.
- C) estruturais, que auxiliam na construção do conhecimento geográfico pela via da escala global.
- D) analíticos, que articulam conhecimentos dedutivos na leitura da relação entre natureza e sociedade.

2. (UECE-CEV - 2018 - SEDUC-CE - Professor - Geografia)

Atente para o seguinte excerto: “A cartografia é considerada uma linguagem, um sistema de código de comunicação imprescindível em todas as esferas da aprendizagem em geografia, articulando fatos, conceitos e sistemas conceituais que permitem ler e escrever as características do território”.

Fonte: CASTELLAR, Sonia. A psicologia genética e a aprendizagem no ensino de geografia. In: CASTELLAR, Sonia (organizadora). Educação e geografia – Teorias e práticas docentes. 3ª edição. São Paulo: Contexto, 2014. p. 45.

O texto interpreta a cartografia escolar como

- A) uma metodologia de grande auxílio na representação das relações espaciais topológicas, isto é, aquelas que se baseiam na localização dos lugares pelo sistema de paralelos e meridianos.
- B) uma opção metodológica para o ensino de geografia, que estrutura um esquema de ação, na medida em que ajuda o estudante na construção progressiva das relações espaciais tanto no plano perceptivo quanto no plano representativo.
- C) uma das mais respeitáveis técnicas do saber geográfico, o que implica utilizá-la no ensino de geografia com rigor, não prescindindo de uma escala matemática.
- D) um saber técnico que interessa exclusivamente a estudantes em fase avançada de compreensão da geografia, uma vez que requer um conhecimento de medidas de distâncias em graus.



3. (UECE-CEV - 2018 - SEDUC-CE - Professor - Geografia)

Considerando a Política Nacional do Meio Ambiente – PNMA –, que foi criada pela Lei Nº 6.938, de 31 de agosto de 1981, assinale a opção que NÃO corresponde a um dos princípios determinados pela PNMA.

- A) Racionalização do uso do solo, do subsolo, da água e do ar.
- B) Não intervenção do Estado na manutenção do equilíbrio ecológico.
- C) Acompanhamento do estado da qualidade ambiental.
- D) Ensino da educação ambiental em todos os níveis de ensino.

(CESPE - 2017 - SEDF - Professor de Educação Básica - Geografia)

O redesenho das relações geopolíticas nos espaços mundial, regional e local imprimem novas realidades e expectativas, em particular no campo do ensino da Geografia. Por um lado, pesquisadores e educadores se esforçam para produzir e traduzir o conhecimento acadêmico e científico em conhecimento escolar, com o objetivo de auxiliar na formação dos estudantes; por outro, os resultados escolares vão evidenciando as fragilidades de um modelo de ensino que se esgota a cada dia.

Thiessen, 2011, p. 85 (com adaptações).

No que se refere aos fundamentos teóricos da geografia e às categorias de análise do pensamento geográfico aplicadas ao ensino de geografia, julgue os itens a seguir.

4.

A velocidade das transformações produzidas pela globalização impõe aos professores de geografia a constante atualização e a adoção de metodologias inovadoras de ensino. As redes sociais, o Google Earth, a Internet, os jogos eletrônicos podem contribuir para a prática docente nesse sentido.

5.

Considerando-se que a virtualidade não corresponde ao mundo real, o uso de novas tecnologias no ensino de geografia resulta na imposição de um caráter de neutralidade ao conhecimento científico.

(CESPE - 2017 - SEDF - Professor de Educação Básica - Geografia)

Com relação ao ensino de geografia, julgue os itens subsequentes.

6.

Os trabalhos de campo no ensino/aprendizagem de biogeografia permitem a observação da distribuição das unidades de paisagem, que ocupam de forma igualitária e homogênea o espaço.



7.

Ao longo das aulas, cabe ao aluno verificar se os objetivos propostos nos conteúdos programáticos estão sendo atendidos plenamente.

8.

A produção de maquetes da própria sala de aula representa um potencial recurso no processo ensino/aprendizagem dos conteúdos cartográficos, pois propicia a aplicação dos conceitos de localização, coordenadas e orientação.

9.

No processo ensino/aprendizagem, é preciso aproximar o aluno da sua própria realidade, criando-se e estabelecendo-se relações para que ele possa interpretar diferentes realidades.

10.

No plano de aula, definem-se os objetivos, as estratégias de acompanhamento dos objetivos e o processo de avaliação dos conteúdos de determinada aula.

11. (CESPE - 2017 - Prefeitura de São Luís - MA - Professor Nível Superior/PNS-A - Geografia)

Vidal de La Blache definiu o objeto da geografia como a relação do homem-natureza, na perspectiva da paisagem. Colocou o homem como um ser ativo, que sofre a influência do meio, mas que atua sobre ele, transformando-o. Observou que as necessidades humanas são condicionadas pela natureza, e que o homem busca as soluções para satisfazer tais necessidades nos materiais e nas condições oferecidas pelo meio.

Antonio Carlos Robert Moraes. Geografia: pequena história crítica. 20.^a ed. São Paulo: Annablume, 2005, p. 81 (com adaptações).

As ideias que fizeram contraponto à tese de Vidal de La Blache no século XIX estão sistematizadas no pensamento de

- A) Karl Marx, que influenciou o desenvolvimento da geografia marxista.
- B) Milton Santos e seu estudo do espaço em objetos e ações.
- C) Yves Lacoste e sua geografia a serviço do Estado Maior.
- D) David Harvey e sua produção capitalista do espaço.
- E) Friedrich Ratzel, alemão e teórico do determinismo geográfico.



(CESPE - 2017 - Instituto Rio Branco - Diplomata)

Com relação aos fundamentos e ao desenvolvimento da geografia científica, julgue (C ou E) os itens a seguir.

12.

Carl Ritter e Alexander Humboldt ofereceram, em suas obras, um discurso que criou a nova ciência geográfica, simultaneamente cosmológica e regional, o que fez do geógrafo um observador da natureza capaz de somar prazer estético e prazer intelectual para compreender as leis naturais; tais princípios estavam presentes no pensamento e na prática nacionalista europeia do final do século XIX, dependentes de análises sistemáticas e particulares sobre o território.

13.

Atribuir o surgimento da geografia científica — moderna — a Carl Ritter e a Alexander Humboldt é fundamental, mas sem renegar o conhecimento geográfico produzido antes desses autores.

14. (CS-UFG - 2016 - Prefeitura de Goiânia - GO - PE II - Geografia)

Leia o texto a seguir, que apresenta uma abordagem desenvolvida pela ciência geográfica.

[Essa abordagem] divide o estudo geográfico em quadros físicos, humanos e econômicos. Assim, tem-se, por exemplo, nos trabalhos monográficos [...]: a localização da área, por meio de projeções cartográficas; o quadro físico: como relevo, solo, hidrografia, clima, vegetação etc.; a formação histórica de ocupação humana do território; a estrutura agrária; a estrutura urbana; a estrutura industrial etc. Finalmente, apresenta-se uma conclusão, com um conjunto de cartas, objetivando demonstrar uma relação entre os elementos humanos e naturais [...].

RODRIGUES, Auro de Jesus. Geografia: introdução à ciência geográfica. São Paulo: Avercamp, 2008. p. 86.

A abordagem expressa no texto é da Geografia

- A) Pragmática.
- B) Cultural.
- C) Determinista.
- D) Regional.

15. (CS-UFG - 2016 - Prefeitura de Goiânia - GO - PE II - Geografia)

Ao longo do desenvolvimento da Geografia, vislumbrou-se uma diversidade de objetos de análise, com vistas ao alcance de cientificidade dessa área do conhecimento. Considerando o



contexto atual, uma das principais defesas que tem balizado o debate teórico-metodológico dessa área de conhecimento é o de que essa ciência objetiva

- A) realizar grandes sínteses globais, mediante o inventário e a organização do material coletado, segundo grandes eixos explicativos.
- B) analisar o elemento visível, o real, concebido como aquilo que se apresenta, evidenciando o interesse pelo concreto.
- C) compreender a lógica do arranjo espacial relacionada ao princípio de coerência na ordem espacial.
- D) explicar os fenômenos atuais por meio de uma reconstrução histórica, mediante fatos selecionados.

16. (CS-UFG - 2016 - Prefeitura de Goiânia - GO - PE II - Geografia)

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia, um dos eixos temáticos a serem trabalhados no terceiro ciclo do ensino fundamental é

- A) a modernização e a problemática ambiental.
- B) o estudo da natureza e a sua importância para o homem.
- C) a evolução da tecnologia e as novas territorialidades em redes.
- D) a velocidade da informação no mundo urbano e no mundo rural.

17. (CS-UFG - 2016 - Prefeitura de Goiânia - GO - PE II - Geografia)

De acordo com diversos autores que discutem a Geografia escolar, é preciso romper com o ensino geográfico dos círculos concêntricos, que se caracterizam pela

- A) articulação entre as escalas de análise em todas as dimensões, possibilitando trabalhar o local com as inter-relações espaciais.
- B) falta de articulações com outras dimensões espaciais, que sucedem uma sequência linear do mais simples e próximo para o mais distante.
- C) utilização integrada de diversas escalas de análise, as quais são definidas com base nos fenômenos representados.
- D) compreensão de que as escalas se sucedem em uma sequência não hierarquizada, o que possibilita a leitura de espaço e de mundo.

18. (CS-UFG - 2016 - Prefeitura de Goiânia - GO - PE II - Geografia)

Leia o texto a seguir.

[...] quando se trata de ensinar as bases da ciência, opera-se uma transmutação pedagógico-didática, em que os conteúdos da ciência se transformam em conteúdos de ensino. Há, pois,



uma autonomia relativa dos objetivos sociopedagógicos e dos métodos de ensino, pelo que a matéria de ensino deve organizar-se de modo que seja didaticamente assimilável pelos alunos, conforme idade, nível de desenvolvimento mental, condições prévias de aprendizagem e condições socioculturais.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia, escola e construção de conhecimentos. Campinas: Papirus, 1998.

No texto, Cavalcanti refere-se à

- A) fragmentação do conhecimento e ao distanciamento da realidade cotidiana dos educandos no processo de ensino-aprendizagem.
- B) importância do desenvolvimento do raciocínio geográfico dos estudantes e à necessidade de selecionar e organizar conteúdos que lhes sejam significativos.
- C) necessidade de considerar o aluno como sujeito do processo de ensino-aprendizagem, tornando o conhecimento científico compreensivo ao educando.
- D) preocupação com uma leitura crítica do espaço em que o aluno vive, pois assim ele conseguirá realizar uma interpretação do espaço geográfico ao seu redor.

19. (CS-UFG - 2016 - Prefeitura de Goiânia - GO - PE II - Geografia)

Diversos teóricos têm destinado suas pesquisas a identificar e compreender os conhecimentos básicos necessários à docência. Com focos distintos, boa parcela deles assinala que o conteúdo é um dos componentes mais importantes do processo de ensino e aprendizagem. Visto em uma perspectiva crítica de ensino, compreende-se que o conteúdo

- A) objetiva o conhecimento de uma dada matéria, que é acabado em si mesmo.
- B) traz consigo os corpus de saberes necessários ao docente responsável por uma dada disciplina.
- C) diferencia os profissionais diretamente responsáveis pelo processo de ensino e aprendizagem na escola.
- D) deve ser trabalhado pautado na indissociabilidade entre o conhecimento do conteúdo e o conhecimento didático.

20. (CS-UFG - 2016 - Prefeitura de Goiânia - GO - PE II - Geografia)

Pesquisas atuais que versam sobre o ensino de Geografia no Brasil, têm comprovado que o livro didático é um material utilizado pela maioria dos professores da educação básica para encaminhar o processo de ensino e aprendizagem. Em paralelo, essas pesquisas têm constatado que esse material tem sido usado como

- A) ferramenta de apoio ao professor para encaminhar o processo de ensino e aprendizagem na educação básica.



- B) recurso para o desenvolvimento de pesquisas que visem à formação continuada do professor que atua na educação básica.
- C) meio de direcionar o processo de ensino e aprendizagem, restringindo a ação e autonomia do professor como sujeito desse processo.
- D) recurso didático que favorece considerar o cotidiano do aluno para a construção do conhecimento.

21. (CS-UFG - 2016 - Prefeitura de Goiânia - GO - PE II - Geografia)

As concepções atuais sobre o ensino de Geografia assentam-se em discussões em torno das similaridades e diferenças entre a Geografia acadêmica e a Geografia escolar, fundamentadas na perspectiva de que

- A) o objeto de análise da Geografia constitui um dos elementos que confere identidade aos diferentes níveis de conhecimento geográfico.
- B) a matéria escolar, em virtude de configurar-se como desdobramento da ciência, assentada em uma transposição didática, deriva da disciplina acadêmica.
- C) os conceitos que compõem o arcabouço teórico adotado na escola se diferenciam daqueles que constituem arcabouço da academia.
- D) a linguagem geográfica utilizada na escola resulta de uma simplificação dos conhecimentos acadêmicos, estruturados no interior das categorias de análise geográfica.

22. (IF-RS - 2015 - IF-RS - Professor - Geografia)

Na história do pensamento geográfico, surgiu o nome de grandes personalidades oriundas da Escola Alemã e Francesa, que contribuíram para que a Geografia evoluísse e se fortalecesse como Ciência. No livro "O que é Geografia?", de Ruy Moreira (2009), essa trajetória é apresentada.

Relacione abaixo os geógrafos com as suas características ou particularidades relatadas nesta obra:

1. Elisée Reclus.
2. Friedrich Ratzel.
3. Yves Lacoste.
4. Paul Vidal de La Blache.
5. Pierre George.

() Determinismo Geográfico.

() Nova referência para a Geografia, levando em consideração os sistemas econômico-sociais.



- () Homem como natureza, consciente de si mesma.
- () Possibilismo e visão acadêmica.
- () Escreveu o livro: “Geografia do Subdesenvolvimento” em 1965.

A correlação CORRETA, de cima para baixo é:

- A) 4 – 3 – 5 – 2 – 1.
- B) 2 – 5 – 1 – 4 – 3.
- C) 3 – 4 – 2 – 1 – 5.
- D) 5 – 1 – 4 – 3 – 2.
- E) 1 – 2 – 3 – 5 – 4.

23. (IDECAN - 2015 - Colégio Pedro II - Professor - Geografia)

“Rompendo com a ordem medieval, a Renascença deu duas principais direções à geografia. Primeiramente, ela fez nascer a necessidade de um novo modelo cosmológico, a fim de substituir o sistema geocêntrico, o único então aceito pela Igreja. Em segundo lugar, a Renascença, ao adotar a Antiguidade clássica como fonte primordial de toda inspiração, também conduziu a geografia a tirar seus modelos fundamentais deste período.”

(GOMES, Paulo Cesar da Costa. Geografia e modernidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 127.)

Sobre as características da Geografia Clássica, base da Geografia Escolar no século XIX, é correto afirmar que

- A) segue os modelos de Estrabão e Ptolomeu, ou seja, a Geografia Descritiva e Matemática, respectivamente.
- B) se baseia numa visão cosmológica e regional ao mesmo tempo, como fruto dos projetos científicos de *Humboldt* e *Ritter*.
- C) se orienta pelo modelo racionalista ou da ciência positiva empreendido no determinismo ratzeliano.
- D) se inspira no modelo vidaliano de análise equilibrada entre Geografia Geral e Geografia Regional.

24. (UFMT - 2015 - IF-MT - Professor - Geografia)

No que diz respeito à relação entre as Escolas Geográficas nascidas no âmbito da Evolução do Pensamento Geográfico e a legitimação de interesses de determinados Estados-Nações, marque V para as afirmativas verdadeiras e F para as falsas.



- () O Determinismo Geográfico serviu para legitimar a política expansionista bismarckiana, na Alemanha, baseado na supremacia do meio sobre o homem.
- () O Possibilismo Geográfico serviu para legitimar a política colonialista francesa na África e na Ásia, baseado na supremacia do homem sobre o meio.
- () A Geografia Quantitativa nasceu nos EUA, serviu para legitimar a política de desenvolvimento e o subdesenvolvimento no mundo estão intimamente relacionados à adoção de políticas de planejamento.
- () A Geografia Neopositivista nasceu na antiga URSS, baseada em críticas aos postulados utilizados pela Nova Geografia inserida no mundo técnico e no enfrentamento à exploração das camadas populares menos favorecidas da sociedade.
- () A Geografia Crítica nasceu na França, com a obra de Paul Claval denominada “A Geografia Serve Antes de Mais Nada Para Fazer a Guerra”, baseada nos pressupostos da justiça social e na essência das lutas entre as classes sociais.

Assinale a sequência correta.

- A) V, V, F, F, F
B) F, F, V, F, V
C) F, F, V, V, V
D) V, V, V, F, F

25. (FGV - 2014 - SEDUC-AM - Professor - Geografia)

Para a maioria dos historiadores da geografia, Alexander Von Humboldt é considerado o primeiro a, verdadeiramente, estabelecer as novas regras do pensamento geográfico moderno.

(Gomes, Paulo Cesar da Costa. Geografia e Modernidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.)

Com relação à obra de Humboldt, analise as afirmativas a seguir.

- I. Humboldt retomou a observação direta e a descrição detalhada dos naturalistas e juntou a elas uma preocupação permanente de proceder a comparações gerais e evolutivas.
- II. Cada observação de Humboldt era analisada separadamente e em seguida recolocada em conexão com as outras, a fim de resgatar uma verdadeira cadeia explicativa.
- III. O olhar de Humboldt tinha por objeto os elementos mais variados do meio físico, mas não se limitava a eles, observava também os elementos sociais.

Assinale:



- A) se somente a afirmativa I está correta.
- B) se somente a afirmativa II está correta.
- C) se somente as afirmativas I e II estão corretas.
- D) se somente as afirmativas II e III estão corretas.
- E) se todas as afirmativas estão corretas.

26. (CEPERJ - 2013 - SEDUC-RJ - Professor - Geografia)

A origem da geografia é antiga. Desde a Antiguidade, inúmeros pensadores elaboraram estudos que tinham o enfoque geográfico, mesmo que esses estudos permeassem, também, vários outros campos do conhecimento.

Kant, Humboldt, Ritter, Ratzel, La Blache, Lacoste e Santos. São referências no desenvolvimento da ciência geográfica. Cada qual com sua análise, negando e/ou agregando conhecimento, contribuíram para a elaboração da Geografia que conhecemos hoje.

Destacando o posicionamento do geógrafo francês Paul Vidal de La Blache, é correto afirmar que sua contribuição para o desenvolvimento da Geografia está pautada:

- A) na visão denominada determinista, considerando a influência que as questões naturais exercem sobre a humanidade, dando à Geografia um caráter de ciência natural
- B) na crítica ao método puramente descritivo e na defesa do possibilismo, em que os seres humanos são influenciados pela natureza, mas também agem sobre ela, transformando-a.
- C) na distinção entre a geografia dos “Estados-maiores” – a serviço do Estado e do capital –, e a “geografia dos professores” – ensinada nas escolas e presente nos livros didáticos.
- D) na crítica ao atraso tecnológico da geografia tradicional, passando a utilizar sistemas matemáticos e computacionais para a interpretação do espaço geográfico.
- E) no enfoque esquerdista, inspirado nas ideias marxistas, buscando uma renovação da Geografia e sua desvinculação dos interesses dominantes.

27. (IBFC - 2013 - SEAP-DF - Professor - Geografia)

Oliveira (2009), ao tecer algumas considerações sobre os processos de ensino-aprendizagem da Geografia em seus diferentes níveis (pré-escola, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior), argumenta que estes deveriam ser planejados em sua totalidade, compreendendo cada um deles. Conforme recomenda a autora, seus objetivos deveriam corresponder às heterogeneidades, às aspirações e às necessidades das múltiplas clientelas; respeitar suas diversidades; levar em consideração as diferentes etapas do desenvolvimento intelectual de cada uma e visar à formação do cidadão responsável, consciente, crítico e atuante na realidade em que vive.

Sobre o ensino- aprendizagem em Geografia, julgue os itens a seguir:



I. Vesentini apud Cavalcanti (2005, p. 23), o tipo de geografia é apropriada para o século XXI, ainda é aquela tradicional baseada no modelo "A Terra e o Homem", onde se memorizavam informações sobrepostas àquele outro modelo que procura "conscientizar" ou doutrinar os alunos, na perspectiva de que haveria um esquema já pronto de sociedade futura.

II. Muitos autores afirmam que o ensino de Geografia nas escolas brasileiras apresenta mudanças perceptíveis, mas ainda mantém uma prática tradicional, tanto no nível Fundamental quanto no nível Médio. Entre eles, destacam-se Cavalcanti (2002, 2003), Carvalho (2004), Simielli (2007), Guimarães (2007), e outros. Essa prática é caracterizada, na maioria dos casos, pelo enciclopedismo, pela utilização excessiva e descontextualizada do livro didático, pelo caráter descritivo, voltado para a memorização e para a reprodução de conteúdos e pela negação dos conhecimentos anteriores dos alunos. Em razão disso, o ensino de Geografia ainda contribui para a reprodução de um conhecimento conteudista, descritivo, desarticulado e fragmentado, dissociado da realidade social.

III. O ensino de geografia no século XXI, portanto, deve deixar o aluno descobrir o mundo em que vivemos, com especial atenção para a globalização e as escalas local e nacional, deve focar criticamente a questão ambiental e as relações sociedade/natureza deve realizar constantemente estudos do meio e deve levar os educandos a interpretar textos, fotos, mapas, paisagens. As diversas representações cartográficas, quando utilizadas ou trabalhadas em sala de aula, com base em uma metodologia que defina tais métodos cartográficos, constituem elementos importantíssimos para a compreensão e localização do espaço.

É correto o que se afirma em:

- A) I, II, III
- B) II, III, apenas
- C) III, apenas.
- D) II, apenas.

28. (FUNCEFET - 2011 - Prefeitura de Nilópolis - RJ - Professor - Geografia)

De acordo com os PCNs: uma das características fundamentais da produção acadêmica da Geografia desta última década é justamente a definição de abordagens que considerem as dimensões subjetivas e, portanto, singulares que os homens em sociedade estabelecem com a natureza.

É correto afirmar sobre o ensino atual da Geografia que ele deve ser;

- A) centrado na descrição das paisagens e na relação delas com os elementos físicos e biológicos, nos processos de determinação que a natureza estabelece nas culturais locais, regionais e territoriais.
- B) focado na descrição das paisagens, na interpretação política e econômica no mundo, nas relações socioculturais e nas múltiplas interações delas com os elementos físicos e biológicos.



C) focado na interpretação política e econômica, nos processos geopolíticos tão importantes na interpretação do mundo contemporâneo e na relação unilateral que a natureza estabelece com a sociedade.

D) centrado somente nos elementos físicos e biológicos, como os trabalhados pela biogeografia, climatologia, oceanografia, hidrografia, geologia do quaternário e outras disciplinas físico-biológicas.

29. (FUNCEFET - 2011 - Prefeitura de Nilópolis - RJ - Professor - Geografia)

A história da cartografia revela-nos como surgiram os primeiros mapas. Encantamo-nos ao observar os mapas antigos, elaborados pelas diferentes civilizações. Obras como as [...], sobre a pré-história e as sociedades tradicionais, [...] apresenta-nos um acervo de mapas, até chegar aos dias atuais, por meio dos livros e das exposições.

Com base na citação, pode-se afirmar que:

A) a cartografia, como uma ciência do campo das engenharias, contribui pouco para a ciência geográfica e para o seu ensino nas escolas.

B) os mapas apresentam uma função importante no ensino de geografia, pela sua capacidade de representar o espaço geográfico.

C) os mapas não possuem a capacidade de representar o espaço geográfico, não apresentando uma função importante no ensino de geografia.

D) a geografia, como uma ciência do campo das “ciências sociais”, não necessita das chaves de interpretativas produzidas pelos mapas.

30. (FUNCEFET - 2011 - Prefeitura de Nilópolis - RJ - Professor - Geografia)

A escola é uma das instâncias de formação da cidadania. A escola, por meio do ensino de Geografia, pode ser um lugar de encontro e confronto entre as diferentes formas de concepção e prática da cidade, cotidianas e científicas.

A partir dessa citação, pode-se afirmar que:

A) o ensino de geografia pode ser um importante instrumento de construção da cidadania.

B) o desenvolvimento da cidadania independe dos nossos conhecimentos geográficos.

C) a construção da cidadania na sua relação com o ensino de geografia está restrita aos conteúdos de geografia humana

D) as relações entre ensino e aprendizagem na perspectiva socioconstrutivista devem ignorar a noção de cidadania



31. (CESPE - 2011 - SAEB-BA - Professor - Geografia)

Considerando que, para a efetivação de um currículo de geografia em nível nacional, é necessário observar a realidade escolar, repensando as formas de construção do conhecimento, de atitudes e objetivos, dos que ensinam e dos que aprendem, assinale a opção correta.

- A) No âmbito do ensino da geografia, aspectos relativos ao espaço da vida cotidiana do aluno e à sua realidade devem ser substituídos por conhecimentos caracterizados pela objetividade e cientificidade.
- B) As estratégias de aprendizagem devem considerar, por exemplo, os conflitos sociais, econômicos e culturais, com vistas a promover a formação de cidadãos capazes de intervir na sociedade em que vivem.
- C) A construção de um currículo nacional deve ter como alvo principal o desenvolvimento da geografia como disciplina, ampliando seus saberes, com a introdução de metodologias de pesquisa científica.
- D) O currículo de geografia deve ser único, adotado em todo o Brasil, a fim de promover a universalização do saber.

32. (FUNCEFET - 2011 - Prefeitura de Nilópolis - RJ - Professor - Geografia)

Vidal de La Blache definiu o objeto da Geografia como a relação homem-natureza, na perspectiva da paisagem. Colocou o homem como um ser ativo, que sofre influência do meio, porém que atua sobre ele, transformando-o.

Essa corrente do pensamento geográfico denomina-se;

- A) Geografia Crítica.
- B) Determinismo
- C) Possibilismo.
- D) Darwinismo Social.

33. (CESPE - 2011 - SAEB-BA - Professor - Geografia)

As habilidades a serem desenvolvidas por meio da disciplina geografia no contexto escolar incluem

- A) a enumeração dos atributos físicos e socioeconômicos de um estado ou país.
- B) a leitura, a análise e a interpretação dos códigos específicos da disciplina, tais como mapas, gráficos e tabelas.
- C) o reconhecimento da dicotomia entre sociedade e natureza.
- D) a identificação da disciplina como ciência dos lugares.



34. (CONSULPLAN - 2010 - Prefeitura de Congonhas - MG - Professor - Geografia)

O processo ensino-aprendizagem na Geografia deve levar em consideração a relação professor e aluno para a construção dos conhecimentos geográficos. Diante disso, assinale a afirmativa INCORRETA:

- A) O professor de Geografia deve colocar-se não somente como um profissional no ensino desta disciplina, mas também como educador.
- B) No ensino de Geografia é recomendável a apresentação de informações soltas e desconectadas de uma preocupação metodológica.
- C) O professor precisa comportar-se didaticamente, valorizando a realidade concreta do aluno.
- D) O aluno deve compreender por meio da Geografia o espaço que o cerca, orientando-o como pessoa e cidadão em relação ao seu comportamento de vida na rua, na cidade e no mundo.
- E) A Geografia deve possibilitar uma leitura e compreensão do mundo.

(CESPE - 2010 - SEDU-ES - Professor B — Ensino Fundamental e Médio — Geografia)

Julgue os itens seguintes acerca da evolução do pensamento geográfico e seus reflexos no contexto escolar.

35.

Na escola atual, a exploração do conceito de região deve ter como princípio a diferenciação de áreas.

36.

Foi na década de 1970 do século passado, com a geografia crítica, que o espaço aparece, pela primeira vez, como um conceito-chave da geografia.

37. (CESPE - 2010 - Instituto Rio Branco - Diplomata - 1ª Etapa A)

Os primeiros anos da modernidade são marcados pela produção de uma enorme quantidade de dados e de informações dificilmente tratáveis de maneira sistemática pela ciência da época. A ausência de segmentação no seio da ciência impossibilitava a análise de certos temas particulares nascidos desses dados. Assim, a partir do início do século XIX, os domínios disciplinares específicos organizaram-se definindo seu objeto próprio em torno dessas questões.

Paulo César da Costa Gomes. Geografia e modernidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 149 (com adaptações).



A partir do texto acima, assinale a opção correta acerca da história do pensamento geográfico e da institucionalização da geografia como ciência.

A) A institucionalização da geografia como disciplina acadêmica originou-se na França, com os estudos regionais empreendidos pelos herdeiros do Iluminismo do século XVIII, como Vidal de La Blache.

B) A geografia firmou-se como domínio disciplinar específico na Antiguidade, com obras de geógrafos como Estrabão e Ptolomeu, que delimitaram o objeto de estudo próprio da nova disciplina que surgia: o espaço terrestre.

C) Grande parte dos historiadores da geografia atribui a Alexander von Humboldt a responsabilidade pelo estabelecimento das novas regras do pensamento geográfico moderno, visto que ele rompeu com o enciclopedismo francês e abandonou as narrativas de viagens e as cosmografias.

D) A geografia moderna tornou-se científica com a ascensão do possibilismo, cujos ideais, já em meados do século XIX, superaram as ideias deterministas e naturalistas em voga no início do século.

E) A geografia científica, que surgiu a partir do século XIX, com as obras de Alexander von Humboldt e Carl Ritter, foi influenciada pelo saber geográfico anteriormente produzido e pelo sistema filosófico de Immanuel Kant, que considerava a geografia uma ciência ao mesmo tempo geral/sistemática e empírica/regional.

(CESPE - 2010 - SEDU-ES - Professor B — Ensino Fundamental e Médio — Geografia)

A cerca das metodologias de ensino de geografia, julgue os itens que se seguem.

38.

A importância metodológica das representações cartográficas para a compreensão de determinados conteúdos reside no fato de que os textos necessitam de complementação ilustrativa, com os fenômenos localizados no espaço geográfico.

39.

O dinamismo dos meios de comunicação é um problema para o ensino de geografia, uma vez que os estudantes, hoje, obtêm mais informações por meio de TV, Internet, revistas, entre outros, que pelos livros didáticos.

40.

A dinamização de fatos concretos da realidade geográfica é a proposta de metodologia que pode contribuir para o estudante compreender a organização do espaço geográfico, dando condições para se estabelecerem análises do mesmo, buscando evitar a facilidade para a realização de uma pesquisa de observação que se restrinja somente à descrição.



41. (CESPE - 2010 - SEDU-ES - Professor B — Ensino Fundamental e Médio — Geografia)

Julgue o item seguinte quanto ao espaço como construção social e luta política.

Diferentemente de outras disciplinas sociais, a geografia brasileira possui pouca tradição na abordagem de gênero; e o espaço, conceito-chave da ciência geográfica, tem sido analisado a partir de uma ótica masculina.

(CESPE - 2010 - SEDU-ES - Professor B — Ensino Fundamental e Médio — Geografia)

Julgue os itens seguintes acerca da evolução do pensamento geográfico e seus reflexos no contexto escolar.

42.

Com a geografia crítica, a geografia e o seu ensino passam a se preocupar com a dinâmica da sociedade na construção do espaço geográfico.

43.

Na escola atual, a exploração do conceito de região deve ter como princípio a diferenciação de áreas.

44. (CESPE - 2010 - SEDU-ES - Professor B — Ensino Fundamental e Médio — Geografia)

Uma das atribuições da ciência geográfica perante o contexto social é fornecer análise espacial integrada a respeito dos fatos que ocorrem no espaço geográfico. Tal demanda leva ao geógrafo o desafio de entender as abordagens envolvendo o lugar, a paisagem, o território, entre outras unidades espaciais. Com base nesse assunto, julgue o item subsequente.

A concepção de fronteira, na geopolítica, deve ser mantida com a visão exclusiva de linhas no mapa, as quais traduzem limites espaciais e socioeconômicos de uma formação histórico-social.

45. (CESPE - 2006 - Instituto Rio Branco - Diplomata - 2ª Etapa DELTA)

O geógrafo Milton Santos define espaço como acumulação desigual de tempos.

Conforme sejam compatíveis com essa definição, julgue (C ou E) o item a seguir.

O espaço transcende o contexto social.

(CESPE - 2008 - SEPLAG-DF - Professor - Geografia)

Acerca das metodologias de ensino em geografia, julgue os próximos itens.



46.

A atividade de campo, no ensino de Geografia, se bem construída, pode despertar o interesse dos alunos e colocá-los frente a um desafio a ser vencido. Assim, o instrumental necessário para vencer o obstáculo passa a ser não apenas concreto, mas também útil e necessário.

47.

O ensino de Geografia em todos os níveis se apoia em elementos culturais como músicas, poemas, filmes, entre outros. Essa é uma prática pedagógica que facilita a relação ensino-aprendizagem e, nesse caso, o professor tem a liberdade de escolher um elemento destes aleatoriamente e levar para a sala de aula, sem a exigência de um planejamento anterior.

48.

Uma concepção metodológica atual a respeito do ensino da Geografia propõe a substituição de esquemas já construídos, ampliando as construções e provocando reflexões, incentivando o pensamento autônomo e significativo, que desperte o desafio e a satisfação do saber que vem da construção.

49. (CESPE - 2008 - SEPLAG-DF - Professor - Geografia)

Como toda ciência, a Geografia possui alguns conceitos-chave capazes de sintetizarem a sua objetivação, isto é, o ângulo que confere à Geografia a sua identidade e sua autonomia relativa no âmbito das ciências sociais. Como ciência social, a Geografia tem como objeto de estudo a sociedade, que, no entanto, é objetivada via cinco conceitos-chave que guardam entre si forte grau de parentesco, pois todos se referem à ação humana modelando a superfície terrestre: paisagem, região, espaço, lugar e território.

Iná E. Castro, Paulo César C, Gomes e Ribeiro L. Correa. Geografia: Conselhos e temas.
Bertrand do Brasil.

Considerando o texto acima e suas implicações, julgue o item a seguir.

No ensino da Geografia escolar, está presente o conceito de lugar, devendo estar claro que as escalas local e global não estão dissociadas.





1. Alternativa A
2. Alternativa B
3. Alternativa B
4. Alternativa C
5. Alternativa E
6. Alternativa E
7. Alternativa E
8. Alternativa C
9. Alternativa C
10. Alternativa C
11. Alternativa E
12. Alternativa C
13. Alternativa C
14. Alternativa D
15. Alternativa C
16. Alternativa B
17. Alternativa B
18. Alternativa C
19. Alternativa D
20. Alternativa A
21. Alternativa A
22. Alternativa B
23. Alternativa A
24. Alternativa D
25. Alternativa E
26. Alternativa B
27. Alternativa B
28. Alternativa B
29. Alternativa B
30. Alternativa A
31. Alternativa B
32. Alternativa C
33. Alternativa B
34. Alternativa B
35. Alternativa E
36. Alternativa E
37. Alternativa E
38. Alternativa C
39. Alternativa E
40. Alternativa C
41. Alternativa E
42. Alternativa C
43. Alternativa C
44. Alternativa E
45. Alternativa E
46. Alternativa C
47. Alternativa E
48. Alternativa C
49. Alternativa C



8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É isso aí meu amigo concurseiro. Se fez tudo até aqui é mesmo um guerreiro dos estudos, como devemos ser na vida. Parabéns pelo seu esforço é um comportamento bem difícil até nos disciplinarmos, mas as conquistas fazem tudo valer a pena. Aristóteles dizia que o conhecimento tem raízes amargas, mas seus frutos são doces.

Leia e releia a teoria. Faça e refaça os exercícios. A repetição é a mãe do aprendizado. Vai valer muito a pena. Nós da equipe **Estratégia Concursos** vamos guiá-lo ao caminho da aprovação.

Motivação, Disciplina e Estratégia.

Um grande abraço...

Bons estudos.

Foco no Sucesso!



ESSA LEI TODO MUNDO CONHECE: PIRATARIA É CRIME.

Mas é sempre bom revisar o porquê e como você pode ser prejudicado com essa prática.



1

Professor investe seu tempo para elaborar os cursos e o site os coloca à venda.



2

Pirata divulga ilicitamente (grupos de rateio), utilizando-se do anonimato, nomes falsos ou laranjas (geralmente o pirata se anuncia como formador de "grupos solidários" de rateio que não visam lucro).



3

Pirata cria alunos fake praticando falsidade ideológica, comprando cursos do site em nome de pessoas aleatórias (usando nome, CPF, endereço e telefone de terceiros sem autorização).



4

Pirata compra, muitas vezes, clonando cartões de crédito (por vezes o sistema anti-fraude não consegue identificar o golpe a tempo).



5

Pirata fere os Termos de Uso, adultera as aulas e retira a identificação dos arquivos PDF (justamente porque a atividade é ilegal e ele não quer que seus fakes sejam identificados).



6

Pirata revende as aulas protegidas por direitos autorais, praticando concorrência desleal e em flagrante desrespeito à Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98).



7

Concurseiro(a) desinformado participa de rateio, achando que nada disso está acontecendo e esperando se tornar servidor público para exigir o cumprimento das leis.



8

O professor que elaborou o curso não ganha nada, o site não recebe nada, e a pessoa que praticou todos os ilícitos anteriores (pirata) fica com o lucro.



Deixando de lado esse mar de sujeira, aproveitamos para agradecer a todos que adquirem os cursos honestamente e permitem que o site continue existindo.